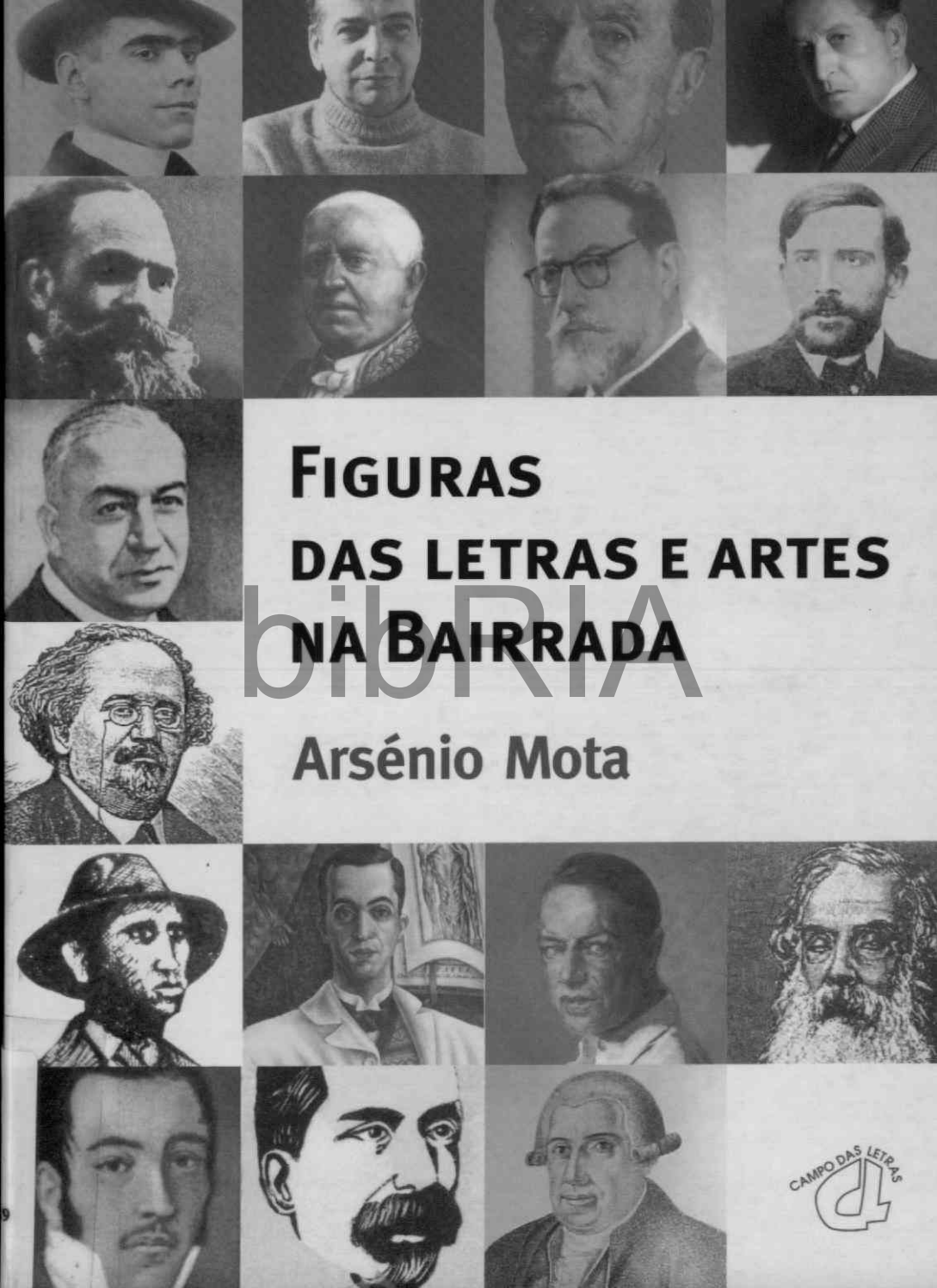




**FIGURAS
DAS LETRAS E ARTES
NA BAIRRADA**

Arsénio Mota

Araceli Mota

FIGURAS

DAS LETRAS E ARTES NA BAIRRADA

bibRIA

FIGURAS

DAS LETRAS E ARTES NA BARRADA

Autor: Arsénio Mota

Capa: Loja das Ideias

© Arsénio Mota

© CAMPO DAS LETRAS – Editores, S.A., 2001

Rua D. Manuel II, 33 - 5.º 4050-345 Porto

Telef.: 226007728 Fax: 226004019

E-mail: campo.lettras@mail.telepac.pt

Site: www.campo-lettras.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda.

1.ª edição: Setembro de 2001

Depósito legal N.º 167145/01

ISBN 972-610-405-x

Código de barras: 9789726104056

A edição deste livro tem o apoio das Câmaras Municipais de (por ordem alfabética) Águeda, Anadia, Cantanhede, Mealhada e Oliveira do Bairro.

Arsénio Mota

FIGURAS

DAS LETRAS E ARTES NA BAIRRADA

bibRIA



Armando Mota

FIGURAS

DAS LETRAS E ARTES NA BARRADA

FIGURAS

Das Letras e Artes na Barrada

Autor: Armando Mota

Capa: Leja do Mota

bibRIA

Armando Mota

R. CAPOEIRA DAS LETRAS - BARRADA, S.A. - BARRADA

Rua D. Manoel II, 20 - 2000-000 Porto

Tel.: 251.00.00 - Fax: 251.00.00

E-mail: armando@capoeira.com

Site: www.capoeira.com

Impresso: Tipografia da FMA, Lda

1.ª edição: Setembro de 2000

Deposito legal N.º 16714/00

ISBN 978-989-989-989-9

Código de barras: 9789899899899



Esta obra pertence à Biblioteca Municipal de Évora e deve ser devolvida ao prazo de 30 dias.

Ao Leitor

Pretende este livro valer como obra de consulta e, nessa medida, quer preencher uma lacuna existente na oferta bibliográfica. O leitor encontra aqui informação sobre «quem é quem» no ambiente cultural da Bairrada: escritores, poetas populares, jornalistas e colaboradores eméritos de jornais, pintores, escultores, arquitectos e músicos, que pela vida ou pelas obras ficaram relacionados com a região em foco. Estes autores só em muito reduzido número aparecem referenciados nas obras de consulta usuais, que se limitam a nomear, de forma assaz mecânica, os autores de renome nacional (a esse mesmo título) e a omitir os restantes. Ora assim se escamoteia a dimensão ou pertença regional dos autores de nível nacional quando existe e, talvez pior, gera-se a noção errónea de que numa dada região só os de tal nível têm verdadeira estatura. Mas o que dizer então, por exemplo, do caso de um António Feliciano de Castilho, figura nacional que, no entanto, se nos torna substancialmente mais coerente e compreensível, portanto mais convincente e real, quando somos capazes de o vermos integrado no «berço» bairradino?

Este livro propõe a introdução de um «modelo» alternativo. Realmente, não devem continuar a cair na escuridão os numerosíssimos autores de relevo nacional ou meramente regional, para os quais não é possível descobrir algures uns dados informativos mínimos, um mero perfil biobibliográfico, porque sobre eles, com «abordagem regional», nada existe nas estantes de consultável, pelo que essas figuras, negligenciadas no todo ou em parte, andam a desaparecer como fumo evocado das chaminés. Deste modo, o presente livro rastreia em

extensão e em profundidade os autores que nos surgiram em condições de recenseamento, isto é, na medida em que esses autores se fizeram reconhecer pelos bairradinos ou na medida em que as suas obras tiveram vigência reconhecida na cantada “região dos pâmpanos”, também designada como a “terra verde”. Nesta base, o livro parece à evidência introduzir no país um género e um tema realmente «novos».

Outra das nossas condições básicas de recenseamento impôs como regra que todos eles nesta data tenham falecido.

Entretanto, porque a região (ou sub-região, se se quiser) vai permanecendo de contornos geográficos indefinidos – na Bairrada, pequena planície situada entre Aveiro e Coimbra, as serras do Caramulo e do Buçaco e a região da Gândara, apenas se conhece a delimitação ali estabelecida pela região demarcada do vinho –, percebemos a necessidade de proceder ao rastreio dos autores nos concelhos da Mealhada, Cantanhede, Anadia, Oliveira do Bairro, Águeda e um pouco em Vagos e Ílhavo, sempre na perspectiva metodológica das relações estabelecidas por cada autor com a Bairrada.

Enfim, curámos bastante na busca da confirmação de uma data incerta ou em falta, ou de algum pormenor duvidoso. Todavia, um trabalho deste género (provindo naturalmente de uma lenta acumulação de dados oriundos de pesquisas e leituras feitas ao longo dos últimos doze anos), de maneira nenhuma poderá isentar-se de falhas e de erros. Por isso agradecemos desde já quaisquer correcções ou acrescentos de ordem factual que esta obra vier a poder suscitar.

A. M.

Porto, Dezembro de 2000

Indicações úteis

Organizado como um normal dicionário e de acordo com o seu género, encontram-se neste livro textos alusivos a 146 autores individualizados, listados por ordem alfabética conforme os apelidos. Aparecem no *Índice remissivo* (ver no fim do volume) com a indicação do número da página respectiva composto por algarismos em tipo negrito itálico, seguindo-se a indicação de outras páginas que contenham referências informativas adicionais sobre cada autor, se as há. Estes outros números de página são diferenciados em tipo normal.

Exemplificando:

Proença-a-Velha, Condessa de: 37, **131-133**.

Os números em negrito itálico, colocados em último lugar, indicam as páginas que contêm um artigo dedicado à autora. O primeiro número (37), em algarismos normais, referencia citações dispersas que, contudo, podem ser significativas.

De facto, o leitor encontra também no *Índice remissivo* referências cruzadas acerca de autores que ou não beneficiam de uma entrada individualizada ou andam citados em variados contextos. São necessariamente referências pontuais mas que, dada a estrutura do nosso trabalho, careciam de idêntica sistematização. De qualquer maneira, a regra que seguimos envia sempre para outra consulta o autor cujo nome surja marcado com asterisco, como, por exemplo, em António de Cértima*.

Adverte-se ainda que alguns nomes de autores titulares susceptíveis de dúvida quanto ao critério da sua indexação (por exemplo: procurar em Seabra, ou Visconde de Seabra?) são listados de ambas as formas a fim de facilitar ao leitor a respectiva localização.

bibRIA

Abreu, Maria Emília Cancela de

Autora de livro de culinária, divulgadora da gastronomia bairradina. Nasceu em Mortágua em data incerta, viveu em Lisboa e morreu em Aveiro, quando em visita a uma filha, no fim de Agosto (dia 29?) de 1998, mas foi sepultada em Anadia. Era viúva, então, do escritor e jornalista Fausto Lopo de Carvalho*. A sua obra *Tesouros da Cozinha Tradicional Portuguesa*, foi publicada pelas Selecções do Reader's Digest (Lisboa, 1984). O volume contém textos de dois outros autores, um dos quais, sobre vinhos, é assinado por «Lopo Cancela

de Abreu», Fausto Lopo de Carvalho.

Maria Emília Cancela de Abreu colaborou longamente na imprensa, escrevendo sobre culinária (destacando a bairradina), manteve programas na rádio e na televisão e presidiu à Fédération Internationale de Press Gastronomique. Dirigiu «Banquete», revista mensal de culinária editada pela empresa Gás Cidla (Lisboa, n.º 1, Março, 1960). António Valdemar considerou-a «uma grande senhora que, dentro e fora do País, ensinou a comer, a comer bem e, sobretudo, a comer em português».

Abreu, Virgílio

Poeta e colaborador de jornais. Virgílio (Augusto Zuzarte de Freitas) Abreu nasceu em Ançã (ou Cadima, de qualquer

forma no concelho de Cantanhede) em data incerta e viveu no de Anadia até morrer, em 11 de Dezembro de 1910, na sua casa

de Arcos, conhecida como «Quinta da Inveja». Tinha 56 anos de idade e foi sepultado no cemitério do Monte Crasto.

Muito novo, foi para o Brasil, radicando-se em Cachoeira, Baía, onde casou em 1872. Regressou passado pouco tempo e ficou com um seu irmão, escrivão ou notário em Anadia, que lhe terá proporcionado um lugar de escrivão no tribunal. Aparentemente, Virgílio Abreu apenas tinha a instrução primária. Era tio do historiador Jaime Cortesão*, também natural de Ançã, e aparentado ou relacionado com famílias destacadas de Anadia.

Amável e cortês

Virgílio Abreu, contemporâneo de Manuel Alves* e de José Francisco Moreira*, afirma-se como um lírico amável, discreto e cortês. A sentimentalidade reveste-se nele amiúde de uma religiosidade apaziguadora. Apenas perante a morte os seus versos se encrespam porque é o momento de interrogar a vida e o destino. Mas o poeta acredita na inspiração, fia-se na espontaneidade, quase no improviso, e daí uma agradável uniformidade da sua obra. De resto, o sentimento religioso do poeta provém de uma devoção sincera, vivida, que se manifesta numa «Oração à Virgem», de sua autoria, publicada em pagela e «aprovada em 12 de Agosto de 1907 pelo Prelado da Diocese de Coimbra, Exmo. Snr. Bispo-Conde».

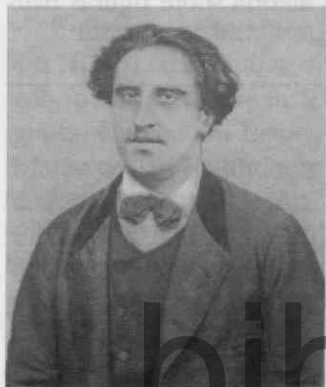


Publicou um único livro, com o singelo título de *Versos* (Anadia, 1896), com um prefácio de Arthur Telles, outro versificador anadiense. O volume contém 76 poesias nas suas 120 páginas. O autor colaborou no «Jornal de

Anadia» (com uns «Instantâneos», 1901-02) e, provavelmente, noutros periódicos, mostrando-se bastante relacionado no ambiente social da vila. Neste sentido, o livro revela quão intensa era no seu tempo a circulação da poesia declamada pelos salões, pois o prefaciador refere que uma parte das suas poesias já eram conhecidas antes da publicação.

Enfim, Virgílio Abreu poderá ser tido como poeta menor, mas oferece-nos um lirismo sereno e afável, convivente e laivado de beleza, que sabe bem até porque tem o condão de nos reconciliar um pouco com as agruras do mundo, restaurando em nós o perdido gosto pelas chamadas boas maneiras.

De um álbum de inéditos de Virgílio Abreu intitulado *Dia a Dia*:



*«Nesse caminho incessante
Do progresso triunfante,
Um dia se há-de descobrir
Quem são os habitantes
Dessas estrelas brilhantes
No firmamento espalhadas,
Como sinais das rodadas
Do carro da Divindade
Através da imensidade!»*

Agostinho, Eduardo

Jornalista bairradino. Nasceu em Coimbra a 8 de Setembro de 1912, e faleceu na vila de Anadia, onde vivia, a 23 de Novembro de 1996, com 84 anos de idade. Inicialmente, Eduardo (Gomes) Agostinho foi gerente de sapataria e tipógrafo na casa que imprimia o jornal «A Ideia Livre», do dr. Carlos Pereira*. Aí tomou o gosto do jornalismo.

Pessoa modesta e com pouca instrução escolar, Eduardo Agostinho tornou-se em 1943 colabo-

rador regular do «Jornal de Notícias» na qualidade de seu correspondente em Anadia. É muito lembrado e apreciado na Bairrada pelos textos que escreveu durante 35 anos de actividade profissional. Criou no JN «A Bairrada», página semanal iniciada em 5 de Abril de 1946 que perdurou longos anos. De certa maneira, como jornalista, man-



teve de algum modo uma espécie de prolongamento da crepitação cultural que animou a Bairrada no tempo da «Plêiade Bairradina», não a deixando esmorecer de todo.

Depois de se reformar, em 1978, Eduardo Agostinho con-

tinuou a colaborar em jornais regionais. O livro *Figuras do Passado e do Presente – Colectânea de escritos jornalísticos de Eduardo Agostinho* (Anadia, 1998) recolhe pequenos artigos biográficos de sua autoria sobre figuras bairradinas.

Aguiar, António Augusto de



Professor, político, escritor, conferencista e estudioso dos processos de vinificação. Nasceu em Lisboa a 5 de Setembro de 1838 e ali morreu a 4 de Setembro de 1887, quando ia completar 49

anos de idade. António Augusto de Aguiar foi lente de Química Mineral na Escola Politécnica de Lisboa, onde se formou em 1860, e de Química Aplicada no Instituto Industrial na mesma cidade, além de deputado pelo Partido Regenerador em 1879, ministro das Obras Públicas e par do Reino em 1884. Apesar de

católico confesso, chegou a grão-mestre da Maçonaria em 1886. Presidiu à Comissão Anti-filoxérica de Lisboa e à Sociedade de Geografia, fundou a Associação Industrial de Lisboa e foi seu presidente, sócio de 1.^a classe da Academia Real das Ciências, etc.

Redigiu diversas memórias sobre processos de vinificação e enologia que ficaram como contributos valiosos e memoráveis, nomeadamente sobre o designado «país vinhateiro da Bairrada», que pretendeu introduzir uma espécie de demarcação, apontando apenas para o seu centro nuclear. Vários discursos parlamentares que pronunciou também foram notáveis. Interessou-se ainda pela fotografia e comissariou diversas exposições de vinhos portugueses no estrangeiro.

Na sua bibliografia destacam-se *Memória sobre os Processos de Vinificação*, 1867/8, *Balsas Dançantes*

– *Novo processo de vinificação*, 1867; *O Livro do Lavrador*, 1873, e *Conferências sobre Vinhos*, 1876/77.

Albuquerque, Luís de

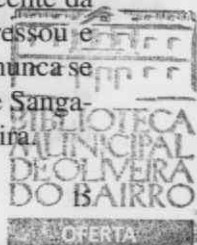
Eminente historiador, mestre em História da Náutica dos Descobrimentos e da expansão portuguesa. Nasceu em Lisboa a 6 de Março de 1917 e ali morreu a 22 de Janeiro de 1992, com 74 anos. Ficou sepultado em Sangalhos, Anadia, onde se casara. Luís (Guilherme Mendonça) de Albuquerque licenciou-se em Matemática e em Engenharia Geográfica. Depois, já como docente universitário, foi catedrático de Matemática em Coimbra, vice-reitor da Universidade, governador civil de Coimbra, catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia, etc.

Os seus primeiros livros, já indiciadores da orientação dos interesses de historiógrafo, foram publicados em Coimbra: *As Ciências Exactas na Reforma Pom-balina do Ensino Superior*, 1948; *Introdução à História dos Descobrimentos*, 1959; *Sobre um Manuscrito Quatrocentista do «Tratado da Esfera» de Sacrobosco*, 1959; e *Notas para a História do Ensino em Portugal*, 1960.



É impossível dar aqui um resumo da extensíssima bibliografia do autor. Somente aos Descobrimentos portugueses dedicou Luís de Albuquerque umas trinta obras. Conseguiu desmistificar diversos aspectos problemáticos e controversos do período em foco e, pela autoridade que alcançara na matéria, presidia quando morreu ao Conselho Científico da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Luís de Albuquerque chegou a viver cerca de dois anos em Lourenço Marques como docente da universidade local. Regressou e fixou-se em Lisboa, mas nunca se desligou de Coimbra e de Sangalhos, sobretudo da Fogueira



Almeida, Fialho de

Fialho de Almeida fez-se reconhecer como alentejano pelo nascimento (Vila de Frade, 1857) e morte (Cuba, 1911) mas ficou como lisboeta porque na capital viveu para fazer estudos secundários e depois para se entregar à literatura e ao jornalismo, ou seja, em boa medida, à boémia. Largou tal vida para se casar em 1893 com uma rica herdeira da sua terra natal. Na adolescência, foi praticante de farmácia e conseguiu formar-se em Medicina a muito custo. Existem testemunhos de que chegou



a exercer clínica na Pampilhosa, Mealhada, durante cerca de um ano, em ligação com o serviço ferroviário.

Na sua obra, os temas repartem-se entre a cidade e o campo de uma forma condizente com o espírito decadente do fim de século. Um crítico

apontou-lhe «uma vocação poderosamente realista da vida campestre». Contemporâneo do naturalismo e do simbolismo, Fialho afirmou-se como um romântico serôdio até morrer, isolado e vinagrento, no Alentejo natal.

Por dois contos

Talvez a instâncias dos amigos, Fialho de Almeida procurou a Bairrada possivelmente para nela se fixar. Não se sabe quanto tempo deambulou pela «Terra Verde», mas pelo menos pôde escrever os contos do livro *O País das Uvas* (1893), onde se encontram dois claramente referidos a esta região. «O filho» e «A velha» referem expressamente a Pampilhosa com os seus comboios, Vacariça, Luso, etc., captando alguns traços locais de mistura com os matizes reconhecíveis no estilo do autor.

Almeida, Jessé de

Poeta e colaborador de jornais. Nasceu no Vale do Grou, Águeda, em 11 de Janeiro de 1904, e morreu no Rio de Janeiro em 16 de Maio de 1961, com 57 anos. Relacionou-se com o padre Acúrcio Correia da Silva* e apoiou a «Plêiade Bairradina». Emigrou depois, ainda jovem, para o Brasil. Ali, no Rio de Janeiro, publicou dois livros de poesia: *O Eterno Adão* (1937), obra com ilustrações de Manuel Mora dedicada a amigos do torrão natal «pelo seu devotamento à Arte», e *O Mistério do Mar* (1954). Publicou ainda *A Vida pelo Amor* e um volume intitulado *Selectas*. As suas obras circularam

em Águeda e arredores (trazia-as o próprio autor para ofertas quando vinha de visita) mas muito pouco em Portugal.

Jessé de Almeida colaborou em jornais, por exemplo na «Voz de Portugal». Prezava os sentimentos patrióticos e proclamava a divisa «Ars suprema lex». Num poema referido a Vale do Grou, Águeda, Primavera de 1923, lê-se: «Nesta mudez da minha aldeia, / Pequeno recanto da Bairrada, / Terra do vinho, das searas fulvas / E dos prados repletos de verdura».



Alves, Manuel

Poeta popular, cognominado por Tomás da Fonseca* como o Poeta Cavadador. Nasceu a 15 de Outubro de 1843 e morreu a 24 de Julho de 1901, em Vale do Boi, Moita, Anadia. Estas datas, sendo as mais fiáveis, surgem por vezes alteradas em alguns contextos. Quando o Alves faleceu, com 58 anos de idade, havia sido publicada uns meses antes a primeira

edição do seu único livro, *Ver-sos dum Cavadador*, por iniciativa do devotado amigo e admirador Tomás da Fonseca.

De condição muito pobre, Manuel Alves ajudava a numerosa família, que



incluía a mãe, irmãs e sobrinhos, suando nas fainas agrícolas, como cavador, ou também algo como serralheiro. Mal vestido e de pequena figura, além de quase completamente analfabeto, nunca chegou a casar-se, mas começou a distinguir-se, desde a juventude, improvisando cantigas ao desafio, com acompanhamento de guitarra, em feiras e romarias da região. Assim se desforrava das agruras e tristezas da vida de trabalho e miséria, que o levaram a emigrar para o Brasil e a voltar desiludido.

Quando Tomás da Fonseca, então ainda jovem seminarista em Coimbra, o encontrou numa feira da Moita, no Natal de 1899, a cantar décimas de composição admirável, ficou rendido. Conversou com o poeta e começou a registar por escrito as poesias que o Alves guardava na memória ao improvisá-las, de cajado na mão e suando em bica sob o chapéu escuro, de cigarro apagado nos beiços e olhos pequeninos a coruscar. A primeira recolha de poesias foi logo divulgada por José Tomás (da Fonseca) na revista «Serões», de Lisboa, e em seguida tirou do prelo o volume inicial, aliás referido pelo compilador, ao jeito da época, como «2ª edição».

No dealbar do século XX e durante a vigência da primeira República, Manuel Alves ficou colocado num lugar eminente, ao lado de, ou sobrepujando mesmo, outro famoso poeta popular do país, António Maria Eusébio (o Calafate de Setúbal, divulgado por Guerra Junqueiro). A fama póstuma do Poeta Cavador estendeu-se até ao Brasil, pois as reedições dos seus versos se sucediam e o nome do poeta bairradino crescia em prestígio. Alguns versos e composições inteiras acabaram por fixar-se nas memórias das populações regionais como se fossem criações anónimas. Era autor tão visível e popular na Bairrada e no país que os jovens da «Plêiade Bairradina» o quiseram no lugar de patrono quando surgiram, em Setembro de 1918. Proclamaram-no o «Camões da região dos pâmpanos» e, no entanto, poucas são as poesias do Poeta Cavador relacionadas obviamente com a sua região natal.

Graças aos esforços de Tomás da Fonseca (e também de Lopes de Oliveira, que a partir de 1901 passou a secundar as diligências do compilador), foi possível erigir na Moita, em 1956, um busto em bronze ao poeta e lançar a 5ª edição da obra acrescida com um *in memoriam*.



Ai, «Versos dum Cavador»!

A última reedição dos *Versos dum Cavador*, feita em Anadia pela mão estremosa de Tomás da Fonseca, em 1956, encontra-se esgotadíssima há imensos anos. Entretanto, cresce a necessidade de renovar a «presença» do livro junto do público para que a obra e o seu autor não se apaguem de todo e caiam no limbo enquanto as atenções nacionais se vão concentrando na obra de António Aleixo, poeta popular

algarvio surgido posteriormente. Aleixo é, sem dúvida nenhuma, admirável, mas será bom não esquecer que em Portugal não o serão menos o Calafate de Setúbal e o bairradino Alves. Deste houve, é certo, uma reedição posterior, a 6ª. Saiu em 1993, em Anadia, com introdução de José Ferraz Diogo. Diversos motivos, porém, a retiraram da leitura. Apontem-se apenas dois: a edição não entrou no mercado livreiro nacional, tendo ficado circunscrita à zona envolvente, onde Manuel Alves já era figura conhecida; e a edição, tal como foi organizada, quase se torna inconveniente para o leitor inadvertido. Nestas condições, os versos de Manuel Alves não circulam e, tristemente, continuam a delirar-se nas memórias. O Poeta Cavador parece actualmente condenado a ser apenas conhecido de nome na região, ou a ser evocado na esquina de rua em Anadia. Não falta na Bairrada quem o venere da boca para fora como glória máxima, herói da região proposto às admirações gerais. Faltam-lhe é amigos verdadeiros, não do (improvável) tamanho mas, pelo menos, da sinceridade de um Tomás da Fonseca. Enfim, amigos verdadeiros de Manuel Alves, capazes de sentir esta segunda morte a que os vivos condenam prolongadamente o infortunado.

*«Se ouvirem dizer que morre
O Alves de Vale de Boi,
Rezem-lhe todos por alma,
Que tão bom cantador foi.»*

Amaral, Alexandre do

Poeta e prosador, co-fundador da «Plêiade Bairradina». Nasceu em Aguada de Cima, Águeda, no fim do século XIX, e morreu em localidade e data não apuradas. Colaborou com prosas, sonetos e outras poesias, entre 1914 e 1916, nos jornais «Povo de Águeda» e «O Brado», com grande poesia, em 19-09-1914. Manteve relações de amizade com o padre Acúrcio Correia da Silva* e António de Cértima*. Usou o pseudónimo de «Sagrador». Em 1915 matriculou-se em Direito e Letras na Universidade de Lisboa e no ano seguinte passou para a Faculdade de Letras de Coimbra. Em Julho ou Agosto de 1919 casou-se com Maria Margarida de Paiva Pinto Coelho, conforme notícia saída no «Gente Nova». Enfim, são escasas as notícias que podem coligir-se acerca deste autor, apesar do renome que parece ter atingido. Entretanto, será de notar que o último director do «Gente Nova» foi o dr. Albino Pinto Coelho, médico, cujo nome evoca o de um advogado que teve escritório em Anadia. A coincidência dos apelidos poderá sugerir aqui a existência de alguma espécie de parentesco.

Do catálogo da Biblioteca Pública Municipal do Porto consta um Alexandre Augusto Pinto Coelho do Amaral, autor de uma «dissertação sobre o poema de Santa Maria Egipcíaca, atribuído a Sá de Miranda», apresentada em 1920, para concurso de admissão à Escola Normal Superior, além dos opúsculos de polémica *A carta do helenista Aires Barbosa sobre a reforma dos Estudos* (Coimbra, 1935) e *Três nótulas vicentinas* (Coimbra, 1953). Antes, o mesmo autor traduzira *Chammas de veludo*, romance cosmopolita, por Maurice Dekobra (Porto, 1928), e *Sources du Lexique Portugais: les éléments François*, por Carolina Michaëlis de Vasconcelos – tradução e notas (Universidade de Coimbra, 1934). Este autor colaborou com M. A. Peres de Vasconcelos em *Princípios – Os princípios essenciais do Estado Novo e as suas mais importantes realizações: duas conferências*, proferidas no liceu Fernão de Magalhães (Chaves, 1936). Se acaso são uma e a mesma pessoa, Alexandre do Amaral terá sido um fervoroso e confessado nacionalista, além de adepto de Carolina Michaëlis contra Teófilo Braga,

que o autor cobre de injúrias. Sua mulher dizia-se também discípula de Carolina, «Mestra inolvidável». A hipótese parece congruente. De facto, Alexandre do Amaral publicou em 21-08-1915, no «Povo de Águeda», jornal republicano evolucionista, um grande artigo na

1ª página contra as «Revoluções». Escreve a abrir: «As revoluções abaixam o nível artístico do povo.» E logo em 18-12-1915, com artigo «A solução conservadora», avalia negativamente a experiência republicana: «Tudo correu o pior possível nestes cinco anos».

Ançã, José Maria

Padre e poeta. Nasceu em Ílhavo, em 1865, viveu os seus últimos anos paralítico na terra natal e ali morreu em 1926. Ordenou-se em 1888 e passou logo a leccionar literatura no Seminário de Coimbra. Esteve colocado em Beja, onde foi professor da Escola Normal (1910), vice-reitor do Seminário e reitor do liceu. Prestou grandes serviços como provedor da Casa Pia local. Ainda em Beja, já cônego, foi presidente da Câmara Municipal, governador do bispado e pároco da freguesia de S. João Baptista.

José Maria Ançã tinha inclinações liberais (após a proclamação da República – que apoiou com um soneto no jornal «O Mundo», 14-04-1914 – chegou a manifestar-se adepto da democracia socialista). Foi acusado pelo bispo

de Beja, D. Sebastião Leite de Vasconcelos, de conduta licenciosa, porque Ançã teria tomado mulher e gerado filhos, e tais acusações envolveram Manuel Ançã, irmão clérigo e também professor do Seminário local. Arguia-se que até os seus primeiros versos espelhavam erotismo. O caso constituiu um incidente ruidoso que em 1909 retumbava no país inteiro. Chegou a ser debatido na Câmara dos Deputados, provocando intervenções de Afonso Costa, entre outros, e levando o ministro da Justiça, Francisco José de Medeiros, à demissão. Porém, logo que surgiram os primeiros rumores da proclamação da República, em 5



de Outubro, o bispo de Beja, acusado por sua vez de sodomia, fugiu para Espanha e, quando pretendeu regressar, enfrentou a resistência dos liberais.

O caso também afectou bastante os dois irmãos. José Maria e Manuel Ança tiveram que sair de Beja e este último acabou como tesoureiro das Finanças, tendo morrido em 1936.

José Maria Ança publicou *O Ultraje*, «carta em verso a El-Rei o Senhor D. Carlos I sobre o conflito luso-britânico» (Coimbra, 1890), um tanto na esteira da poesia de Junqueiro, e no ano seguinte, pela mão de Manuel Ança, também

poeta, o livro *Expansões d'Alma* (Coimbra, 1891), com prefácio apreciativo de Cândido de Figueiredo. A sua obra completa ficou reunida no *Poema da Juventude* (Coimbra, 1895), com carta preambular ao deputado João de Paiva por Cândido de Figueiredo, obra em dois volumes: *A Musa do Levita* e *Expansões de Alma* (*A vítima do poeta* e *O bardo católico*), obra reeditada no Porto em 1904. Publicou ainda *Sonetos e Líricas* (Tavira, 1899). Cândido de Figueiredo considerou a sua obra «brilhante e simpática manifestação de um poeta, que é, ao mesmo tempo, um crente e um homem de bem.

António, Aleixo

Padre jesuíta nascido em Águeda a 22 de Janeiro de 1712. Segundo Diogo Barbosa Machado (na *Bibliotheca Lusitana*, vol. 3, Lisboa, 1759), Aleixo António ingressou na Companhia de Jesus, provavelmente no Colégio de Coimbra, onde aprendeu «letras amenas e severas» e recebeu o grau de Mestre em Artes, passando logo a ensinar no mesmo colégio. Partiu em missão para o Brasil e ali, no Colégio do Pará,

explicou Humanidades e compôs duas obras: uma tragicomédia datada de 1739, intitulada *Hercules Gallicus, Religionis Vindex*, representada no mesmo ano «com aplauso dos espectadores», e uma *Oração Fúnebre* para as exéquias do rei D. João V, proferida na igreja do Colégio da Companhia na cidade de Belém do Grão Pará e impressa em Lisboa em 1754. É de supor que o autor terá morrido, em data ignota, no Pará, Brasil.

Assunção, Angelina da

Professora primária e poetisa. Nasceu em Fermentelos, Águeda, a 11 de Outubro de 1875. Colaborou no jornal «Gente Nova» (Oliveira do Bairro), onde publicou artigos sobre educação e pedagogia. Criou-se em casa de um familiar, padre. Coursou a Escola Normal e ensinou em Arrancada, Valongo, Águeda, e a seguir,

em escolas de Paços de Brandão, Feira, Póvoa de Varzim e Póvoa de Lanhoso, onde se aposentou em 1930, e depois passou a morar em Espinho. Morreu solteira e ficou sepultada em Guimarães. Não se conhece livro que tenha publicado, pelo que toda a sua produção literária se terá dispersado.

Azevedo, Egídio de

Cónego, professor e autor literário. Nasceu na vila do Luso a 15 de Outubro de 1853 e morreu na Mealhada a 3 de Setembro de 1899, com 45 anos. Egídio (Peireira de Oliveira) de Azevedo, doutorado em Teologia pela Universidade de Coimbra, foi professor. Em livro de 1890 apresentava-se como «bacharel formado em Teologia, cónego honorário da Sé de Lamego e professor de ciências eclesiásticas no Seminário de Coimbra». Estudara naquele mesmo Seminário e, ordenado padre, foi prior em Ourentã, Cantanhede. Em 1880, com 27 anos, foi nomeado desembargador da Relação Eclesiástica da Ar-

quidiocese de Braga. Em 1882 foi transferido para Lamego, como cónego da Sé da cidade, e a seguir passou para Coimbra, onde foi professor do Seminário e cónego da Sé.

Escreveu nomeadamente as seguintes obras: *Lições de Isagoge e Hermenêutica Sagrada*; *Estudo sobre Missões do Ultramar*; *Asilo Lamecense de Mendicidade*; *A Faculdade de Teologia*; e *Homem Pré-Histórico – Religião e crítica e escritos religiosos*. Uma colecção de seus artigos inseridos no quinzenário «Instituições Cristãs» sobre fé cristã e a Igreja católica ficou reunida no volume *Religião e Crítica* (Porto, 1890).

bibRIA

Baptista, Maria

Poeta popular. Maria (da Silva) Baptista nasceu no fim do século XIX e, quase centenária, morreu num dos últimos anos do século XX, na Barreira, Bustos, Oliveira do Bairro. Com escassa escolarização, revelou gosto pela poesia. Um dia pegou num caderninho escolar e derramou aí os seus versos. Tinha 81 anos de idade, conforme fez constar no caderninho, que datou: «Barreira, 17 de Agosto de 1976». Mas alguns

versos são obviamente anteriores. Deve tê-los escrito em papéis soltos e só então os transcreveu. Nunca publicou nada por sua iniciativa e pouco escreveu. Expri-me afeições familiares e glosas de crítica social. Ainda assim, o seu caso pessoal, precisamente pela modéstia de que se reveste, documenta quanto o gosto pela poesia se torna surpreendente ao eclodir com tamanha espontaneidade no seio do povo.

Barata, António

Poeta e colaborador de jornais. António (Simões) Barata nasceu em Oliveira do Bairro a 6 de Março de 1887 e ali faleceu a 9 de Abril de 1970. Emigrou muito novo para o Brasil (Amazonas), onde começou a



escrever para jornais regionais. Dispersou pela imprensa periódica os poemas que foi compondo durante uns sessenta anos, mas não chegou a publicar livro. A edição de *Cardos em Flor*, que recolhe a

maior parte das suas produções poéticas, é póstuma, pois data de 1997, pelo que comemorou o centenário do seu nascimento.

Os seus versos, por vezes muito límpidos e de timbre poético agradável mesmo para o gosto de leitores actuais, cantam a Bairrada, as agruras da existência e os impulsos sentimentais familiares, situando-se na esteira do lirismo tradicional. Colaborou assiduamente no jornal ilhavense «O Brado» desde 1913 e, mais tarde, no «Alma Popular».

António Barata possuía uma formação autodidáctica associada, por fim, a inclinações conservadoras e nacionalistas. Pertenceu ao grupo da «Plêiade Bairradina» desde a criação, em 1918, e colaborou no jornal «Gente Nova» do mesmo grupo. Usou o pseudónimo de «Atabar», entre outros. Foi comerciante, empregado de escritório e presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro em 1919 e 1920 e, no ano seguinte, presidente da respectiva Comissão Executiva.

Barreto, Henrique

Jornalista. Nasceu a 2 de Agosto de 1876 em Couvelha, Anadia, e morreu a 9 de Outubro de 1973, ficando sepultado em Cantanhede. Na juventude, Henrique (Freira) Barreto viveu uns seis anos na ilha do Príncipe, dedicado ao comércio, actividade que manteve quando regressou para se fixar na então vila de Cantanhede. Porém, a vocação impeliu-o logo para a imprensa. Iniciou-se no «Jornal de Can-



tanhede», que passou a dirigir em Maio de 1913 e que se extinguiu em 30-06-1917, e então fundou a «Gazeta de Cantanhede», que iniciou a publicação em 07-07-1917. Este semanário saiu,

durante 52 anos, até ser suspenso em 28-06-1969, por Henrique Barreto (então com quase 93 anos de idade), seu proprietário e director desde sempre. Surgiu como continuação do «Jornal» e foi impresso em Ançã desde o início até

Novembro de 1943. Defendia o Partido Republicano Evolucionista e, com o n.º 120, passou a aderir ao Partido Republicano Liberal resultante da união das duas facções republicanas; por fim, a «Gazeta de Cantanhede» persistiu como «semanário republicano».

Henrique Barreto usou o pseudónimo de «Álvaro Castelões», entre outros. Foi presidente da Câmara Municipal e ficou muito ligado à vida associativa local. Uma rua da cidade tem o seu nome recordando uns 60 anos da sua existência dedicados ao jornalismo em Cantanhede.

Barros, Cunha

Artista aveirense de formação e percurso obscuros. Cunha Barros surge em diversas ocasiões de braço dado com o escritor António de Cértima*, que o levou para a «Terra Verde» na corrente da amizade. É autor da capa do livro *Bodas de Vinho* (Maio, 1919), poesias com sabor a ritual pagão com que Cértima celebrou o sangue vínico da sua barrenta e soleada região e que mereceram mais críticas do que elogios. Procópio de Oliveira*, por exemplo, denegriu o livro no «Nauta», considerando-as «Borras» de Vinho.

Cunha Barros, muito alto e esguio, tinha então 20 anos de idade, e Cértima, na altura redactor do



Auto-retrato do pintor

«Gente Nova», considerou-o «o nosso artista». Posteriormente, o artista fez numerosas ilustrações para textos jornalísticos do escritor e retratos, intervindo ambos também num «primeiro sarau dramático-literário da Associação Académica de Aveiro», realizado em Março de 1920, julga-se que no Liceu. Cértima interveio na sessão como autor do texto poético «Fado das capas – Serenata de amor», encenado na ocasião e publicado numa pequenina *plaque*. Outro momento significativo da colaboração do artista aveirense com o escritor bairradino ocorreu a 14 de Junho de 1921, em

Aveiro. Professores e alunos finalistas do Liceu Vasco da Gama juntaram-se num baile com elementos da sociedade aveirense e nessa ocasião o jornal «Campeão das Províncias» publicou um suplemento.

Seguidamente, Cunha Barros participou numa «festa de arte» organizada no Casino da Curia em Setembro do mesmo ano (1921) por António de Cértima, em nome da sua «Plêiade». Abrangeu uma exposição do artista com «trabalhos modernistas e de estilização de motivos regionais», segundo o jornal «O Democrata», de Aveiro.

Em 1922 Cértima radica-se em Lisboa e o artista, aparentemente mais inclinado para a elegância mundana do que para a sonolenta urbe aveirense, resolveu emigrar para Rio de Janeiro, Brasil, onde terá permanecido pouco tempo, após o que regressou (em 1927?) para se fixar na capital.

Ignora-se o paradeiro das obras principais deste artista, que deambulou por Aveiro e Ílhavo (quando Aveiro e Ílhavo comunicavam intensamente com a Bairrada). Acessível ao olhar resta hoje o que dele estamparam os jornais do tempo.

In flagranti

No «Campeão das Províncias», suplemento ao nº 6748, inserem-se caricaturas feitas pelo artista *in flagranti* e textos de Cértima também alusivos às figuras que mais brilharam no salão de baile. Cértima descreve Cunha Barros em termos graciosos: é uma figura de «Crommwell do lápis e do peitilho de embaixada, no ponto de admiração do seu corpo todo aparado a lápis branco e preto, alto, aguçado, como o carvão da sua arte, posto no estojo ambar-gris da sala, um estojo caro, só para Morgans estudiosos, forrado a lombadas século XV». No livro *Alma Encantadora do Chiado* (Coimbra, 1927), Cértima dedica-lhe um capítulo em que se lê: «Reveja este retrato contorsionante do Artista numa hora em que Cunha Barros, tendo regressado do Brasil cromático, alucinante do Brasil, é já um nome do Chiado, colado ali, todas as tardes, após o encerramento da Vacuum Oil, à esquina da 'Brasileira' – boíte de boémia mental e artística, onde ele, esguio e sonâmbulo, olhando sobre os ombros de todos, mitiga as saudades da terra carioca.»

Bastos, Rodrigues de

Advogado e juiz, político e escritor. Nasceu em Moutedo, S. Pedro de Valongo, Águeda, em 8 de Novembro de 1777, e morreu no Porto em 4 de Outubro de 1862, com quase 85 anos. O conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos inscreveu-se no curso de Direito da Universidade de Coimbra em 31 de Outubro de 1790 e concluiu-o em 1804. Advogou no Porto, onde casou em 1806, enveredando pela magistratura em 1812 ao ser nomeado juiz de fora em Eixo e vilas anexas de Paus, Ois da Ribeira e Vilarinho do Bairro.

Nas eleições de Dezembro de 1820 foi eleito deputado pela província do Minho. Advogando a causa do partido liberal conservador (moderado), participou nas primeiras assembleias gerais legislativas de Portugal. Mas defendeu a Carta. Em 21-11-1823 foi nomeado corregedor e provedor da comarca do Porto e, em 22-06-1825, passou a ser desembargador da Relação e Casa do Porto, até 16-08-1826. A seguir foi intendente geral da polícia da Corte e do Reino e tomou o título de conselheiro. Alguns sectores liberais

acusaram-no então de favorecer o regime absolutista.

Em 09-04-1824 foi ordenado cavaleiro da Ordem de Cristo, cerimónia realizada na sé catedral do Porto em 28-04-1825. A infanta regente nomeou-o fidalgo da casa real em 25-10-1826 e, em 1833, o conselheiro Rodrigues de Bastos, largando a política, recolheu-se à vida privada. Tinha 55 anos e pretendia dedicar-se a estudos religiosos e morais e à criação literária. Publicou as obras: *Colecção de Pensamentos, Máximas e Provérbios*, 1842, *Meditações ou Discursos Religiosos*, 1847, *A Virgem da Polónia*, romance piedoso de 1849, *Os Dois Artistas ou Albano e Virgínia*, 1853, *O Médico do Deserto*, 1857, além de opúsculo com biografia da infante D. Isabel Maria. A primeira obra conheceu sete edições, o romance piedoso tornou-se muito popular com cinco edições, e as restantes duas também foram reeditadas.



Rodrigues de Bastos foi realmente um autor assaz lido no seu tempo. Presidiu em 1854 a uma reunião preparatória da homenagem a Almeida Garrett e colaborou no jornal «O Comércio» do Porto em 1855. António Feliciano de Castilho* ofereceu-lhe

autografada a sua obra poética «Tributo português no trânsito de Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Pedro V». O dr. Teixeira de Vasconcelos traçou-lhe a extensa biografia e Domingos Sequeira pintou-lhe o retrato que se reproduz.

Bingre, Francisco Joaquim



Poeta neo-arcádico, celebrado como o «Cisne do Vouga». Nasceu em Canelas, Estarreja, em 9 de Julho de 1763, casou-se ali e foi morrer em Mira, em 26 de

Março de 1856, junto da numerosa família, doente e em condições de extrema pobreza. A princípio, durante uns anos, viveu com os pais, estabelecidos com comércio em Lisboa. Estudou na capital e, em 1790, iniciou ali com Caldas Barbosa, Joaquim Severino e Curvo Semedo a criação da Academia das Belas Letras, que ficou conhecida como a Nova Arcádia.

«Francélio Vouguense», pseudónimo arcádico de Bingre, não tardou a avultar no ambiente literário do seu tempo. Em 1801 passou a morar em Ílhavo, para exercer o ofício de escrivão dos órfãos. No ano seguinte mudou-se para Mira, onde foi escrivão da câmara e do judicial e notas. Viajou pela Bairrada, atraído por amigos e admiradores, e não deixou de subir ao Buçaco e à Cruz Alta como tantos outros poetas. Augusto Mendes Simões de Castro*, autor do *Guia Histórico do Viajante no Buçaco* (Coimbra, 1875), convidou-o a colaborar na obra com um soneto alusivo.

Bingre consagrou-se como o maior improvisador do seu tempo depois de Bocage. Na sua modéstia, deixou a maior parte da obra torrencial que escreveu dispersa

pela imprensa e mesmo inédita, em manuscritos por vezes de leitura agora já difícil. Porém, dois opúsculos saíram do prelo com versos de sua autoria: *Nénias, ou sentimentos paternos no sepulcro de Perpétua, em três noites* (Lisboa, 1818) e *O Cidadão Liberal rindo com a sua sanfona dos concubinas portuguesas* (Lisboa, 1822). Um grupo de apoiantes publicou em 1850, no Porto, um pequeno volume intitulado *O Moribundo Cisne do Vouga*, «collecção de algumas peças mais importantes extraídas das obras

poéticas do Sr. Francisco Joaquim Bingre nos últimos anos da sua vida».

O autor compôs mais de mil sonetos e muitos poemas extensos como *O Momo*, *As Mulheres*, *As Sombras ou Passeio Fantástico*, *As Aventuras ou Lograções*, etc. A seriedade e compostura de que deu bastantes provas na sua vida parecem ter concorrido para o ostracismo rigoroso em que por fim viveu. Apesar de tudo, o poeta continuou a versejar incansavelmente. Morreu quase com 93 anos, ficando sepultado em Mira.

Borralha, Conde da

Investigador da arqueologia e da história da região de Águeda. Nasceu em 1806 e morreu em 29 de Novembro de 1873. Formou-se em Direito. Foi o segundo conde da Borralha (título concedido por D. Carlos I em 11 de Janeiro de 1908) e o 13º senhor daquela casa (hoje hotel). Presidiu à Câmara Municipal de Águeda em 1923 e em 1926.

O conde da Borralha (Francisco Caldeira Cid Leitão Pinto de Albuquerque) foi par do reino e pessoa muito influente. Escreveu

estudos valiosos acerca da arqueologia, linhagens e de outros temas historiográficos, que realizou baseando-se muitas vezes em documentos da sua colecção pessoal. Um desses trabalhos historiográficos é o opúsculo de 1941 sobre o Hospital de Águeda e respectiva evolução. Publicou ainda *Portugal, dentro e fora de casa, factor de civilização mundial* (Águeda, 1940) e colaborou em revistas de cultura, nomeadamente no «Arquivo do Distrito de Aveiro».

bibRIA

Caldeira, Fernando

Artista multifacetado. Deixou obras de reconhecido mérito no âmbito da pintura, da música, da poesia e do teatro. Nasceu na familiar casa da Borralha, Águeda, em 7 de Novembro de 1841, e morreu em Lisboa, ao Benfica, em 2 de Abril de 1894. Era então uma figura prestigiosa em eminência no plano nacional.

Fernando (Afonso Gerales) Caldeira formou-se em Direito na Universidade de Coimbra e entrou logo em actividade política, representando o círculo eleitoral concelhio pelo Partido Constituinte. Foi deputado às Cortes em 1865, 1878 e 1893, governador civil de

Aveiro em 1870, redactor na Câmara dos Pares em 1883, fez jornalismo em 1892-1893 no «Diário da Manhã» e no «Tempo», órgão do seu partido, mas sentia-se mais

fadado para a criação artística, justificando o comentário feito por Adolfo Portela* (no seu *Águeda*, 1904; 2ª ed., 1964, p. 81), que nele notou «Falta de alma para a política» — para uma política como era a daquele tempo.



Da Borralha para a ribalta

Fernando Caldeira, irmão do conde da Borralha*, foi um autor célebre e muito aplaudido, sobretudo pelas numerosas obras de teatro que produziu e que passaram pelos palcos principais de Lisboa, com papéis desempenhados por actores e actrizes do maior destaque. A fama ro-

deou-o desde que, em 1876, pôs em cena *O Sapatinho de Cetim*, a sua primeira obra. Tal como muitas outras posteriores, também esta se compunha de versos.

Em 14 de Abril de 1880 estreou a peça *A Mantilha de Renda*, em dois actos, e a seguir apresentou *A Madrugada*, peça que subiu ao palco no Teatro D. Maria II em 26 de Abril de 1892. Colheu imensos aplausos com estas obras e não foi menos feliz com *O Burro em Pancas*, *Chilena*, *A Varina*, *Os Missionários*, *Fló-Fló*, etc. Os seus monólogos *A Congressista* e principalmente *A Mosca*, tornaram-se tão populares, inclusive entre os bairradinos cultos, que António de Cértima* ou o padre Acúrcio Correia da Silva*, por exemplo, quinze anos depois da morte do autor, recitavam-no de cor pelos salões.

Diversas composições musicais foram também criadas por Fernando Caldeira para as suas obras de teatro. Além disso, traduziu e adaptou obras de autores franceses, tal como *A Mosca*, e colaborou com Gervásio Lobato na elaboração da peça *Médicas* e ainda com outros dramaturgos: D. João da Câmara, Lopes de Mendonça, Eduardo Schwalbach, Batalha Reis, etc.

Reconhece-se normalmente na personalidade de Fernando Caldeira um pendor galante, sedutor, cortês, gracioso, irónico. Neste sentido, a sua obra pode enquadrar-se na tradição de um teatro humorístico, nestes termos: «O sorriso mistura-se assim à emoção, o gozo estético à análise dos sentimentos, e este clima, misto de enlevo amoroso e de exagero consentido e gozado ou de brincadeira verbal declarada, virá até aos nossos dias, e dará algumas das mais delicadas flores da graça portuguesa». De qualquer modo, o seu teatro surge integrável na corrente romântica e realista do fim de século.

Apesar de se ter afirmado no conceito geral sobretudo como poeta, o autor publicou um único livro de poemas: *Mocidades* (Lisboa, 1882). Muito dado a cortesias e madrigais, não se pode dizer que Fernando Caldeira tenha contemplado deveras o ambiente de uma região rural como a Bairrada. Todavia, gostava de se refugiar por vezes no sossego da Casa da Borralha para escrever e passava as férias anuais em Espinho, Granja, ou em termas nortenhas. Aterrorizava-o tanto a ideia de poder ser enterrado vivo que andava sempre com um «testamento» em que

pedia para ser dado morto «só trinta e seis horas» depois. Viveu apenas 52 anos e ficou sepultado em Águeda. Enfim, encontram-se em determinadas poesias das *Mocidades* («A miséria», «Penas», «Eugénia», poesias dedicadas a familiares) alguns elementos regionais reconhecíveis. Será, pois, um autor a reter neste contexto até pela categoria da sua arte.

Cardoso, Miguel

Artista bairradino falecido na juventude. Nasceu na Curia, Anadia, a 1 de Setembro de 1963 e morreu em Aveiro a 28 de Março de 1997, com 33 anos. Matriculou-se em Direito na Universidade de Coimbra, em 1981, mas desistiu logo para seguir na mesma cidade um curso de Desenho de Construção Civil, em que obteve elevada nota. Estudou pintura e escultura, concluindo em 1995 a licenciatura com máximo brilho, e continuou a expor pintura. Participou num total de cerca de três dezenas de exposições colectivas, numa das quais foi distinguido com prémio. Tornou-se docente de Pintura na ARCA (Coimbra) e Educação Visual em variados pontos do país, enquanto preparava o mestrado em História de Arte numa universidade lisboeta.

Miguel (Fernando da Cruz) Cardoso deixou uma obra artística apreciável, que foi exposta no ano

da sua morte na Casa Museu Bissau Barreto, em Coimbra. Integrando-se na corrente do abstraccionismo geométrico, o jovem artista admi-

tiu, num texto de 1994, que em alguns dos seus trabalhos haveria «uma certa afinidade com o Raionismo, esse movimento que se desenvolveu a partir do Futurismo e cujo promotor foi Michel Larionov. / A óptica raionista tenta visualizar, como se sabe, já não o corpo em dinâmica, como o fez o movimento futurista, mas a própria dinâmica, sem corpo. Por isso se encara o Raionismo como um Futurismo abstracto. / Os raios que emanam dos objectos e se cruzam geram a imagem raionista.»



Carlos, João

Artista, escritor e médico de projecção nacional. Nasceu em Ílhavo a 5 de Outubro de 1899 e faleceu em Lisboa, onde vivia, a 11 de Novembro de 1960. João Carlos (Celestino Gomes) morou também em Ílhavo, Coimbra e Porto. Na sua existência torrencial, iniciada no século XIX, dirigiu o quinzenário «Beira-Mar» (de Junho de 1920, até Julho de 1923), editou um jornal humorístico, etc. Em Setembro de 1922 expôs na Costa Nova uma colecção de quadros. Estudou Medicina no Porto, onde terá encontrado António de Cértima*, mais velho uns cinco anos, com quem entabulou duradouras relações de amizade e que levaram o artista ilhavense a executar diversos trabalhos que foram inseridos em obras publicadas pelo autor bairradino.

João Carlos revelou-se um artista com obra singularmente vasta e plurifacetada (escultura, pintura, desenho, artes gráficas, cerâmica, mosaico, talha) que, noutro plano, coincide também, na mesma pessoa, com o escritor e médico que foi Celestino Gomes, por seu lado um autor literário apreciável, abonado com obras numerosas e de géneros diversos (poesia, teatro,



Auto-retrato (óleo)

romance, estudo etnográfico, crítica de arte, memorialismo, jornalismo). Se reunirmos tudo na mesma pessoa – médico, artista, escritor e etc. – sobram-nos motivos para o espanto.

A vastidão impressionante e a variedade dir-se-ia vertiginosa de toda a obra deixada por João Carlos Celestino Gomes surge inevitavelmente mesmo que queiramos somente contemplar a sua obra artística e, dentro desta, uma parte, talvez pequena mas significativa, que vinculou à Ria e à Bairrada.

João Carlos – o *Ioannes Carolvs* das assinaturas alatinadas que por graça inseria em muitos dos seus trabalhos – pintou, experimentando óleos, aguarelas, tinta da china, lápis, telas, linóleos e

cartolinas; trabalhou o ferro e a madeira, esculpindo-a e entalhando-a; ensaiou a cerâmica e o mosaico; executou xilogravuras, ilustrou um monte de livros, fez grafismos; etc.

Na «Terra Verde»

Esteticamente formado nos valores plásticos do primeiro modernismo português e dentro de uma linha formal de pendor algo classicista, João Carlos, artista pródigo em todos os aspectos, acabou por aceder a numerosas solicitações que Cértima lhe foi levando através dos anos. A lista inclui retratos do escritor bairradino, o seu *ex-libris* e capas de livros, arranjos gráficos e ilustrações de uma boa meia dúzia de obras, pelo menos desde *Caminho de Siegfried* (Lisboa, 1936). Aparentemente, o artista ilhavense nunca rejeitava um pedido, arranjando sempre tempo para atender as solicitações.

Nesses trabalhos transparecem motivos da região bairradina por vezes muito estilizados ao gosto da época, mas revelando sempre um apuro estético que os torna altamente estimáveis. É o caso, por exemplo, da *Canção das estradas no Estio*, *plquette* com poema de Cértima musicado pela condessa de Proença-a-Velha* (edição Sassetti, Lisboa, 1938). João Carlos ilustrou a capa a cores e desenhou um grupo dançando num friso muito belo.

Salienta-se a cobertura atenta que o «Beira-Mar» deu à conferência que Cértima proferiu em Anadia em Dezembro de 1921 e o comentário apreciativo dedicado a seguir ao livro *Bodas de Vinho*. Depois, Cértima, já radicado em Lisboa, enviou diversas colaborações para o jornal.

As relações existentes entre João Carlos e Cértima permitiram a publicação, em 1925, por Celestino Gomes, da designada noveleta deste último intitulada *Volúpia do Mar*, ficção com ambiente da Costa Nova. Além da edição, com chancela do jornal ilhavense «Beira Mar», dirigido por Celestino Gomes, este prefaciou a obrinha, integrada numa colecção que conheceu outros títulos.

Vivendo já em Lisboa (tal como António de Cértima desde 1922, a condessa de Proença-a-Velha, Adão de Figueiredo*, Manuel Rodrigues Lapa*, Fernando Caldeira* e outros), João Carlos nunca se desligou das amizades feitas na sua região natal. Produziu uma obra realmente



admirável, e mesmo espantosa. Américo Cortez Pinto, no livro-homenagem *João Carlos* editado no ano seguinte ao da sua morte (Lisboa, 1961), escreve: «Havia na habilidade extraordinária das suas mãos e no seu poder de fantasia alguma coisa de prodigioso e de mágico. Porém há em toda a sua obra a volúpia do difícil no que se refere ao domínio da técnica e à concretização definida da forma».

De facto, evidencia-se o apuro requintado, quase hedonista, com que João Carlos compõe as geometrias minuciosas dos bordados, das camisas, camisolas, saias das figuras e redes, espumas. Por outro lado, a luz da Ria, que Ílhavo na margem espreita, não parece diferente da luz que envolve e abençoa a região da Bairrada.

Escreveu Frederico de Moura no catálogo que acompanhou a memorável exposição retrospectiva apresentada no Museu de Ílhavo em Abril-Maio de 1991: «Realmente, João Carlos foi homem fidelíssimo às raízes e profundamente ligado a elas. E como todos os homens enraizados, foi refractário a poluições estranhas e impermeável a deformações desfigurantes.» Por seu turno, António da Rocha Madhail dedicou ao artista um *In memoriam* na revista «Arquivo do Distrito de Aveiro» (1962, vários números; existe separata).

Carvalho, Fausto Lopo de



Escritor e jornalista. Nasceu em 1923 e morreu em Lisboa em 1994. Fausto Lopo de Carvalho (Cancela de Abreu) licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas. A sua tese de licenciatura deu origem ao livro *A Importância da Psicologia Infantil na*

Formação Intelectual e Moral da Criança (Lisboa, 1949). Casou com Maria Emília Cancela de Abreu*, autora de textos de culinária cuja obra principal é *Tesouros da Cozinha Tradicional Portuguesa* (Lisboa, 1984, com colaboração, sobre vinhos, de Fausto Lopo de Carvalho, que por sinal assina como Lopo Cancela de Abreu). Teve em Anadia morada e casa agrícola herdadas do pai (conhecida figura

do regime de Salazar). As suas inclinações psicopedagógicas reflectiram-se em diversos estudos (*Que é a Psicologia Funcional?*, 1952, *Alguns resultados da aplicação do Teste do Mosaico de Lowenfeld*, 1954) e também no livro de estudos e crónicas *Educação e Crítica* (Lisboa, 1955).

Fausto Lopo de Carvalho publicou os livros de ficção *Ondas Sobre a Areia*, contos, 1960, *Uma Estranha Primavera*, contos, 1964, *A Contagem para o Fim*, roman-

ce, 1967, com prefácio de Álvaro Salema (2ª ed., 1972), *Ouviam-se Vozes ao Longe*, contos, 1974, *No Silêncio da Casa à Tarde*, romance, 1984, e *Um Instante na Eternidade*, 1986, além do ensaio *Actualidade do Pensamento de Ramalho Ortigão*, 1971. Colaborou no volume colectivo de homenagem a Jacinto do Prado Coelho) e dirigiu a revista «O Escritor» da Associação Portuguesa de Escritores, 1989. Deixou ainda muita colaboração dispersa na imprensa.

Carvalho, José Branquinho de

Jornalista, historiógrafo e bibliotecário. Nasceu na Vacariça, Mealhada, em 20 de Novembro de 1899, e morreu em Antes, Mealhada, em 19 de Julho de 1965, com 66 anos. Colaborou nos jornais «Diário de Coimbra», «Despertar», «Notícias de Coimbra», «Gazeta de Coimbra», «Bairrada Elegante», na revista «Arquivo do Distrito de Aveiro», etc., e co-fundou «A Voz Desportiva». Foi funcionário da Biblioteca Municipal de Coimbra desde 1922 e, após 26 anos de serviço, ascendeu em 1948 à categoria de 1º bibliotecário.

Eis alguns dos livros que José Branquinho de Carvalho publicou:

Índice Onomástico e Ideográfico de «O Instituto» (vols. 1 a 90), 1937; *Roteiro de Coimbra*, 1945; *Documentos para a História Económica da Região de Coimbra*, 1945-1947; *Coimbra Quinhentista – Evocação de um século de grandezas e misérias*, 1948; *Anais do Município de Coimbra (1904-1919)*, 1952. Interessou-se ainda pelo estudo do passado histórico do seu concelho natal, em «A antiguidade da Mealhada nas enciclopédias e nos documentos» e, designadamente, na palestra «Quinze minutos de história da Mealhada».



Castela, Armando

Republicano, colaborador de jornais. Nasceu em 1881 e morreu em 1971, em Águeda. Chefiou ali a tesouraria das Finanças e foi o principal fundador do Orfeão local (que começou por ter sede e a ensaiar na sua própria casa) com a finalidade de angariar receitas a favor dos soldados portugueses combatentes em França no quadro da Primeira Grande Guerra. Participou com Eugénio Ribeiro* e outros republicanos no combate vitorioso às tropas monárquicas que iam apoiar o cerco do Porto e na acção de 28 de Junho de 1924 que dinamitou as Minas das Talhadas. Administrador do concelho de Águeda, pediu a exoneração em 1917 perante intrigas de adversários políticos urdidas em torno das «subsistências», medida de alcance social então lançada em vários pontos do país contra o açambarcamento e a especulação. No seu tempo, tornou-se uma figura eminente e prestigiosa na região de Águeda e nos sectores democráticos nacionais. Até adversários políticos locais o consideraram «leal político e sincero republicano» quando se declarou democrata independente.



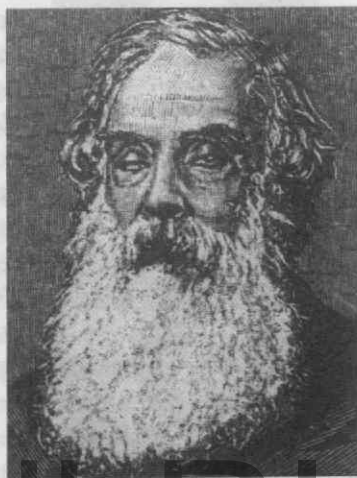
Escreveu o texto do espectáculo de revista *Águas do Botaréu* de parceria com Francisco Lima, que o grupo do Orfeão, aderindo à produção teatral, levou à cena. Colaborou em diversos jornais, como o «Alma Popular», e principalmente na «Independência de Águeda», com pseudónimo de «Sílvio», a fim de iludir os rigores da censura prévia estabelecida pelo regime salazarista. Outro colaborador importante do mesmo jornal foi Élio Sucena, «Paulo».

Armando Castela aparece citado por Jaime Cortesão* no livro *Portugal, a Terra e o Homem* nestes termos: «é um destes rapazes que as cãs e as rugas não conseguem disfarçar e que parece ralhar constantemente, para esconder um coração que transborda de bondade».

Castilho, António Feliciano de

Poeta, pedagogo, jornalista e tradutor de clássicos. Nasceu a 26 de Janeiro de 1800 em Lisboa e ali morreu a 18 de Junho de 1875, com 75 anos de idade. Uma doença, o sarampo, danou-lhe a visão dos 6 aos 14 anos, após o que Castilho, embora cego, passou a vislumbrar umas baças claridades. Em 1817 conseguiu matricular-se, com o irmão Augusto Frederico, seu prestimoso arrimo, na Faculdade de Cânones, em Coimbra, onde ambos passaram a residir com o pai, José Feliciano de Castilho*, médico famoso e lente da Universidade.

A carreira literária castiliana iniciou-se com o poema *À exaltação d'el-rei D. João VI*, que valeu ao autor, em 1819, a nomeação como escrivão chanceler e promotor da correição de Coimbra e censor régio da Mesa do Desembargo do Paço, cargos honoríficos. Sob a influência de Gessner e Bocage, pu-



Retrato de António Carneiro

blicou em 1821 *Cartas de Eco e Narciso*, poemas em forma epistolar, a que se seguiu *Primavera*, poesias inspiradas em paisagens de Coimbra e da Bairrada. Este livro lançou uma espécie de ponte entre a poesia clássica e o romantismo e foi reeditado em 1837,

com acrescentos e uma parte evocativa, em prosa, intitulada *Chave do Enigma*.

De facto, Castilho casara-se em Vairão, Vila do Conde, em Novembro de 1834, e enviuvara uns dois anos depois. Terminado o curso, acompanhara o irmão, que decidira seguir a carreira eclesiástica, até à paróquia de Castanheira do Vouga, Águeda, onde ambos viviam desde 26 de Outubro de 1826. Ali, no remanso alpestre das faldas do Caramulo, na orla da Bairrada, viveram os dois irmãos até 1834, um período de sete anos afinal prodigiosos, pois serviram para moldar definitivamente o

perfil humano e artístico do poeta, ao mesmo tempo que projectaram para o futuro as linhas fundamentais da sua obra literária. O ardoroso defensor da causa liberal e da liberdade, o futuro pedagogo, o vernaculista, o tradutor de poetas clássicos, o escritor sensível aos ambientes bairradino e serrano, tudo isso eclodiu então, ali, no espírito do poeta conforme ele próprio explica na *Chave do Enigma*.

Impressiona realmente a própria quantidade dos trabalhos literários que Castilho realizou naqueles sete anos: compôs os versos quase todos do livro *Amor e Melancolia*, traduziu as *Metamorfoses* de Ovídio por inteiro, além dos *Amores*, o poemeto *A Confissão de Amélia*, por Delphine Gay, o poema original *A Noite do Castelo* e o poemeto original *Os Ciúmes do Bardo*. Acrescente-se ainda *O Presbitério da Montanha*, versos e prosas inéditas inspirados naquela localidade serrana, os poemas originais inéditos *O Domingo gordo dos montanheseiros* ou *a mata de S. Sebastião* e *Santa Maria Egípcíaca*, a longa primeira parte do poe-



ma *O Sepulcro, história de uma noite* de S. João, um grande número de poesias das futuras *Escavações Poéticas* e a tradução do *Rei Lear*, de Shakespeare. Perante um tal acervo de obras realizadas neste período juvenil, será de concluir que foi real-

mente então que o poeta moldou a fisionomia pela qual o reconhecemos. Os traços principais dessa fisionomia humana e literária formaram-se ou desabrocharam substancialmente em contacto com os ambientes bairradino e serrano.

A partir de 1834, Castilho mudou-se com o irmão para Lisboa, onde publicou a célebre «Epístola a D. Miguel», trabalhou na imprensa, fundou a Sociedade dos Amigos das Letras, etc. O romantismo, proclamado em 1836, impeliu-o no ano seguinte a tentar regenerar o teatro português com Alexandre Herculano e em 1838 escreveu os *Quadros históricos nacionais* sobre episódios importantes da Idade Média, animado por evidentes intenções pedagógicas. No último dia do ano de 1840, porém, a morte de Augusto Frederico lançou-o em amargura e confusão.

Castilho queria viver exclusivamente para as letras. Foi redactor da «Revista Universal Lisbonense», que dirigiu entre 1842-1847, estava então a «trindade romântica» no apogeu do seu prestígio. Em 1844 publica por fim as *Escavações Poéticas* e anuncia o projecto de edição de 25 obras de autores portugueses vernáculos tristemente esquecidos, mas as circunstâncias obrigam-no a sair para as ilhas, demora-se até 1850 em Ponta Delgada, onde defende um programa pedagógico de progresso agrícola (*A Felicidade pela Agricultura*), e vai ao Brasil em 1855. Regressa para divulgar o seu método repentino de leitura, que, sob rudes ataques, o pôs a viajar pelo país.

A lembrada «Questão coimbrã», também dita do «Bom senso



e bom gosto», surgiu em 1865-66, quando Castilho, casado outra vez, ocupava um lugar incontornável, como escritor influente, no plano das letras portuguesas. Os jovens da Geração de 70 assaram-no então no espeto com todas as brasas da polémica

acesas ao rubro. Questionaram até se seria um verdadeiro escritor romântico. Com a imagem denegrida ou, pelo menos, deveras obscurecida, ficou o poeta para sempre, com toda a carga de excessos, ou de injustiças, que no julgamento dos seus jovens críticos se contém. Todavia, não há dúvida, Castilho foi efectivamente um escritor romântico, pelo menos do desenho de toda a sua vida, vasto painel em que se evidencia à plena luz toda a coerência do homem e do artista.

No «berço» da Bairrada

Os primeiros contactos de António Feliciano de Castilho, acompanhado pelo irmão Augusto Frederico, com Aguim (onde o pai de ambos tinha nascido e onde encontravam a «casa dos Castilhos»), Mogofores e a Bairrada, datam das férias de 1817 e continuaram posteriormente, expandindo-se até, de modo que ficaram a impregnar, com

marcas nítidas, a formação humana e literária que se reflecte na obra global do poeta. Pode dizer-se que Castilho foi (e é), para todos os efeitos, o mais notável escritor da Bairrada do seu tempo.

A região cativou-o intensamente. Aí encontrava parentes queridos, amigos estimados e um apetecível «oásis da vida». As frequentes e por vezes algo demoradas visitas que aí fez quase até morrer (a última terá sido em 1870, tinha o poeta 70 anos), além dos prolíficos sete anos que viveu na periferia, em Castanheira do Vouga, espelharam-se em inúmeras páginas que mereceriam minucioso e saboreado rastreio. São de poemas soltos e prosas diversas. Recordam-se apenas dois livros, os *Mil e Um Mistérios* e o *Presbitério da Montanha*, que chegam para, em amostra, indicarem quanto o autor se deixou impregnar pelos respectivos ambientes.

O primeiro é o «romance dos romances», ficção amena e graciosa situada em Aguim, Curia e arredores. Com humor desenfastiado, Castilho parodia um pouco os excessos melodramáticos da ficção romântica da época, que se comprazia em enredos misteriosos, complicados e negros, muito sequiosos de sangue e lágrimas. Uma primeira parte (vinte capítulos) foi dada a público em 1845 em condições invulgares (consta que é edição raríssima, terá chegado a pouquíssimas mãos) e assim ficou, praticamente inédita, até que, em 1907, nos tomos 52 e 53 das *Obras Completas* castilianas, reapareceu com uma segunda parte constituída por mais dez capítulos. Mas a obra ficou inconclusa.

O segundo livro, colectânea de prosas e versos, quase poderia considerar-se como uma monografia das mais valiosas dedicada a Castanheira do Vouga e sua envolvente, tão profundamente capta as terras e as suas gentes. Ambos foram reeditados em datas recentes pela Câmara Municipal de Águeda.



Castilho, José Feliciano de

Médico, director da Instituição Vacínica e mestre universitário. Nasceu em Aguim, Tamengos, Anadia, em 21 de Maio de 1769 e morreu na Castanheira do Vouga, Águeda, em 5 de Março de 1826. Passados anos, por vontade da família, os seus restos seguiram da Castanheira para cemitério de Lisboa.

José Feliciano de Castilho matriculou-se na universidade coimbrã em Filosofia em 1782, em Matemática no ano seguinte e em Medicina em 1789. Doutorou-se em 1795 nesta última faculdade, da qual ficou como lente em 1813. Foi secretário da faculdade em 1798; director em 1816 (e administrador em 1824) dos Hospitais da Universidade. Distinguiu-se sobretudo na direcção da Instituição Vacínica, à frente da qual enfrentou fortes resistências contra a aplicação terapêutica das vacinas. Pediu a exoneração em 1810 em relação com o célebre caso da «Lanterna Mágica», que o tornou suspeito na distribuição de folhetos subversivos em Coimbra; ficou suspenso em 1819-1820, foi ao Brasil explicar-se ao rei e viu-se reintegrado por carta régia de 17 de Novembro de 1820.



Casa dos Castilhos em Aguim.

Regressou com o rei em 1821, deixando fundada no Brasil a cidade de Nova Friburgo.

Em 1812 fundou o «Jornal de Coimbra» com Ângelo Ferreira Dinis e Jerónimo Joaquim de Figueiredo. Há notícia de que compôs poesias, assinando-as com o pseudónimo de «Abel Cristiano de Bettencourt». O Dr. José Feliciano de Castilho (Barreto), pai do escritor António Feliciano de Castilho*, era cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

Castro, Augusto Mendes Simões de



Autor de estudos históricos e arqueológicos. Nasceu em Coimbra a 3 de Agosto de 1845 e matriculou-se no curso de Teologia da universidade coimbrã em 1863, mas uma doença interrompeu-lhe os estudos. Mais tarde, seguiu o curso de Direito, tendo-se formado em 1871. Publicou artigos na imprensa sobre questões de história e arqueologia regional e, nomeadamente, as obras: *Guia Histórico do Viajante em Coimbra e Arredores – Condeixa, Lorvão, Mealhada, Luso, Buçaco, Montemor-o-Velho e Figueira* (Coimbra, 1867; 2ª ed., 1880), que Inocêncio

Francisco da Silva considerou a primeira no seu género; *O Brasão de Coimbra – Resenha do que escreveram e disseram acerca dele alguns autores distintos* (1872); *Guia Histórico do Viajante no Buçaco* (Coimbra, 1875; 2ª ed., 1883; 3ª ed., com gravuras e mapas, 1896); e *Portugal Pitoresco – Coimbra* (1879). Foi com estas obras que Augusto Mendes Simões de Castro se tornou estimado na sua cidade natal e na Bairrada, onde ficou como memória viva, mas o autor publicou numerosos outros estudos sobre temas afins. De facto, afirmou-se desde os seus 19 anos como escritor e arqueólogo reputado, tendo-se mantido em actividade literária desde 1864 a 1919.



Castro, Machado de

Escultor e mestre de escultores, autor de admiráveis presépios. Nasceu em 1731 e morreu, com 91 anos, em 17 de Novembro

de 1822. Ligou-se de várias formas com a Bairrada. Joaquim Machado de Castro começou por aprender com seu pai, o santeiro Manuel Machado. Em 1745 frequentou em Lisboa a oficina de Nicolau Pinto e logo a de José de Almeida, depois seguiu para Mafra (1756-1770), onde foi aju-

dante de Alexandre Giuste na escola de Mafra, caracterizada por estatuária sumptuosa e rica. Trabalhou ainda em Roma e, apesar de autodidacta, formou uma geração inteira de escultores. Realizou uma obra imensa, por encomenda oficial,



para Mafra, Basílica da Estrela, palácio da Ajuda, etc. Em 1770 iniciou a estátua de D. José I, obra importante inaugurada em 1775. Com alguns discípulos, estabeleceu no Terreiro do Paço a Casa da Escultura das Obras Públicas. Interessou-se muito pelos problemas da estética contemporânea e soube dosear os princípios do estilo barroco e do neoclassicismo. Os presépios, de cerâmica policromada, considerados a sua criação mais original (os mais notáveis estão na sé patriarcal e na basílica da Estrela), aliam na composição barroca expressões de ingenuidade a uma delicadeza de sabor popular.

Machado de Castro ficou nas memórias como pessoa amável, calma e paciente. Falava italiano, lia muito, gostava de música e de

escrever versos. A terceira e última mulher do seu pai (todas de apelido Cerveira) era de Aguium. Mas também ele (filho) casou três vezes, sendo a terceira mulher Ana Bárbara de Sousa, que foi madrinha de António Xavier Cerveira e

Sousa, baptizado em 1795. As relações do escultor Machado de Castro com a família Cerveira e Sousa e com a *casa dos Castilhos*, em Aguium, foram íntimas ou muito cordiais em Lisboa, em Coimbra e na Bairrada. O Dr. José Feliciano de Castilho* e filhos, o poeta António Feliciano de Castilho* e outros, visitavam o seu *atelier*.

O escultor, patrono do museu nacional existente em Coimbra, relacionou-se com a região bairradina desde cedo. Atribui-se-lhe nomeadamente a concepção do palacete que Albino Xavier Cerveira mandou construir entre 1813 e 1821, na quinta do Tanque, designado como a «*casa dos Cerveiras*». A expressão de sabor popular notada nos seus presépios poderá evocar o ambiente da mesma região.

Cértima, António de

Jornalista, militar, diplomata e escritor. António (Augusto Cruzeiro) de Cértima nasceu no lugar da Giesta, Oiã, Oliveira do Bairro, a 7 de Julho de 1894 e morreu, na sua casa do Caramulo, com 89 anos, a 20 de Outubro de 1983, ficando ali sepultado. Depois da escola primária, frequentou o Liceu de Aveiro. Colaborou nos jornais regionais «O Brado», «O Povo de Águeda» e outros em 1915-16. Partiu em Junho de 1916 para Moçambique, onde combateu durante a Primeira Grande Guerra, e organizou com o padre Acúrcio Correia da Silva*, em Setembro de 1918, a «Plêiade Bairradina». Foi redactor do semanário «Gente Nova» (Oliveira do Bairro, 1919-1920). Começou a indispor-se com o ambiente cultural da sua região quando publicou o livro *Bodas de Vinho*, muito criticado, mas surgiu como secretário da revista «Talábriga» (nº único, Aveiro, Abril, 1921). Em 1922 radicou-se em Lisboa, onde exerceu o jornalismo de forma notável nas revistas «ABC», «Música» e outros periódicos. Colaborou ainda em jornais como «A Ditadura» e participou nos esforços em prol da organização dos antigos combatentes.



Devido em parte ao sucesso da sua narrativa *Epopéia Maldita* (1924; 4ª edição, 1925), enveredou pela carreira diplomática em 1926, sendo cônsul em Dakar, Senegal (1927-1932) e em Sevilha (1932-1949). Em seguida, por fim casado, fixou-se em Lisboa.

Entre 1914 e 1970 publicou cerca de três dezenas de títulos, de poesia, narrativa, crónica, viagem, conto, romance e estudos diversos. Alguns deles, precisamente os de teor político, foram *best-sellers*. Além da *Epopéia Maldita*, tiveram reedição *O Ditador* (1927) e *Discurso à Geração Lusitana* (1935). Sorte afim tiveram também *Sortilégio Senegalês* (viagens, 1949), *Escandalosamente Pura* (romance, 1966) e *Soldado, Volta!* (pla-

quette poética, 1970). Deixou várias obras inéditas no seu espólio.

António de Cértima foi homenageado no centenário do seu nas-

cimento, pela Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, ficando desde então evocado num busto em bronze.

De Oiã para o Chiado

Especialmente no período que vai de 1950 a 1970, António de Cértima tornou-se numa figura habitual do Chiado, quando esta zona lisboeta era de facto o centro cultural-literário do país. Todavia, ficou considerado como escritor secundário no panorama da literatura portuguesa do século XX, mas aparece citado com alguma frequência no contexto dos movimentos políticos que agitaram o país nos anos '20 e que determinaram o fim da primeira República em 28 de Maio de 1926. Realmente, Cértima envolveu-se de forma notada nos acontecimentos político-sociais que marcaram aquela década, de tal modo que é recordado não como autor de uma obra literária significativa, conforme à evidência o autor pretendeu no período da sua maturidade, e sim, por uma espécie de vingança de sorte adversa, como um dos protagonistas das suas lutas e clivagens. Viveu de perto esses acontecimentos em Lisboa e deles se beneficiou, pois pela sua adesão ao sidonismo e, sucessivamente, ao movimento de Maio de 1926, pôde ingressar, nesse mesmo ano, na carreira diplomática (foi nomeado vice-cônsul no Suez, lugar que parece não ter chegado a ocupar).

Com algum motivo, portanto, nas obras de consulta usuais (enciclopédias, dicionários de autores), encontramos nótulas relativas a Cértima, por vezes tão informativas que vão ao ponto de indicar muitos dos títulos principais das dezenas de livros de poesia, ficção, intervenção política, viagem, estudo e ensaio, que publicou entre 1914 e 1970. No entanto, é precisamente neste ponto que o leitor fica tolhido pela confusão perante datas trocadas e outros factos erróneos que persistem sem emenda. Vale a pena prevenir que o que aqui se escreve provém da consulta de fontes documentais.



Retrato de João Carlos

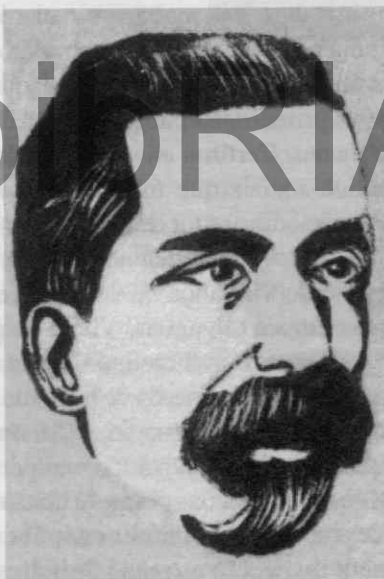
Chagas, D. Simão das

Grande letrado bairradino nascido em Tamengos, Anadia. Foi cónego regular de Santo Agostinho e apreciado pregador. Professou no convento de Santa Cruz de Coimbra a 23 de Outubro de 1589 e foi prior do convento de

S. Jorge, perto de Coimbra. Escreveu uma obra muito esclarecedora sobre a *Fundação Antiquíssima e seus princípios, e dos prelados do Convento de S. Jorge*, que ficou inédita. Morreu em Tamengos a 25 de Agosto de 1600.

Conceição, Alexandre da

Poeta, crítico literário e jornalista. Nasceu em Ílhavo a 16 de Outubro de 1841, e ali viveu a infância e parte da juventude, e morreu em Viseu em 1889. Era filho bastardo de um médico de Belazaima, Águeda. Formou-se em Engenharia Civil na Academia Politécnica do



mando o seu carácter intransigente, retirou-se da actividade jornalística após cinco anos por causa de intrigas políticas. Como engenheiro, trabalhou na Direcção das Obras Públicas dos distritos da Guarda e de Viseu e superintendeu nas obras da barra e do porto

Porto. Fixou-se em Lisboa e foi um dos redactores iniciais de «O Século», jornal republicano fundado em Lisboa, em 1881, por Magalhães Lima. Por fim, afir-

da Figueira da Foz.

Publicou *Alvoradas* (Porto, 1866; nova edição muito aumentada, 1875), *Abençoada Es-mola*, poemeto em quatro cantos

(Porto, 1867), e *Outonais* (Porto, 1891), livros de poesia, este último póstumo, por iniciativa e com prefácio de Teófilo Braga. A edição deste livro póstumo serviu para angariar fundos que seriam aplicados na construção do jazigo que recebeu em seguida os seus restos (antes em sepultura rasa). Ainda de poesia é o opúsculo *A Camões*, homenagem por ocasião das festas nacionais do tricentenário do Épico (Lisboa, 1880). Em prosa, Alexandre da Conceição publicou *Ensaio de Crítica e de Literatura*. Traduziu ainda *As Maravilhas Celestes*, de Camille Flammarion, e *Bíblia das Maravilhas – Os Balões*, de Fulgencio Marion.

Colaborou na imprensa da época. «O Nauta», semanário da sua terra natal, defendeu-lhe persistentemente o nome e a memória. Em 19-10-1937 o jornal de Procópio de Oliveira* inseriu a poesia dita inédita «Pergaminhos» composta pelo autor em reacção contra certa dama que o desdenhara por ter sido filho bastardo. Também colaborou em «O Brado» no início da sua publicação.

Num caso que retumbou, Alexandre da Conceição entrou em polémica com Camilo Castelo Branco a propósito de um livro

por este então publicado. Camilo, depois de o seu contricante falecer, compôs um soneto alusivo em sua memória: «Bem me lembra que o vi, na juventude, / Rosado pela aurora dessa idade. / Eram prismas d'amor e d'amizade / Os carmes do seu místico alaúde. // Sendo fatal que degenere e mude / A crença e o afecto e o bem da mocidade, / Sangram-lhe o peito espinhos de vaidade / Nos arranques da briga azeda e rude. // Mais tarde o encontrei. Já era o homem / Ralado pelos desgostos que consomem / E põem na face um gesto acre e severo. // Se o seu bondoso riso era apagado, / Restava-lhe este honroso predicado: / Pergando o Socialismo, era sincero.»

De facto, Alexandre da Conceição foi republicano e democrata convicto e defendeu a democracia social. Quando foi proclamada a República em 1910, a primeira comissão administrativa do município de Águeda deu o nome de Alexandre da Conceição ao largo em Além da Ponte e os republicanos aguedenses também o homenagearam. Em 1919, a 27 de Agosto, a «Plêiade Ilhavense» realizou um espectáculo para, com a receita, reeditar um dos seus livros esgotados. A iniciativa, porém, que se saiba, malogrou-se.

Corte-Real, Fernão



Advogado, jornalista e autor de livros. Nasceu em Águeda em 1885 e morreu em 1950. Formou-se em Direito em 1909. Nesse ano foi nomeado subdelegado do procurador régio e ajudante de conservador na comarca de Vagos. Era colaborador literário do «Soberania do Povo» quando, em 1911, o Conde de Águeda tomou a direcção enquanto Fernão Corte-Real passou a ser redactor e editor do jornal.

Apoiante do regime monárquico, Fernão Corte-Real foi um dos aguedenses acusados em 1911 de conspirarem contra o regime republicano recém-instaurado. Preso

com outros «talassas» de Aveiro, Oliveira do Bairro e vizinhanças, passou cerca de três meses no forte de Caxias, o que o levou a escrever *Vida Debaixo da Terra*, narrativa publicada em 1912. A sua designada «tragédia histórica de um preso político em Caxias» inclui-se notoriamente na colecção de textos propagandísticos contra a mudança do regime, mas a obra de Fernão Corte-Real, descartadas que sejam as pechas propagandísticas (para ele, os republicanos eram analfabetos, brutos ou, no mínimo, uns iludidos), contém dados interessantes para quem deseje perceber a evolução das mentalidades e das ideologias que por ali se verificou.

Publicara antes outros livros, nomeadamente *Esfolhadas* (contos, 1907), *Andaluza* (teatro, 1908) e *Suave Castigo*, 1908.

Cortesão, Jaime

Poeta, historiador, artista e democrata resistente à Ditadura. Jaime (Zuzarte) Cortesão, nasceu na vila de Ançã, Cantanhede, a 29 de Abril de 1884, e morreu em Lisboa a 14 de Agosto de 1960, com 76 anos de idade. Sua mãe,

de quem dizia que recebera o influxo poético, era parente de Virgílio Abreu*, de Anadia. Na Universidade de Coimbra estudou Direito e Medicina, interessou-se por Belas-Artes, e depois transferiu a matrícula em Medicina

para o Porto. Nesta cidade fez-se notar pelas suas actividades literárias e políticas, publicando em 1907, com Leonardo Coimbra e outros, a revista «Nova Sylva» e participando também na «Nova Renascença». Em 1909 muda-se para Lisboa, onde conclui o curso com a tese «Arte e Medicina». A sua estreia poética, *A Morte da Águia*, foi publicada em Lisboa e escrita em S. João do Campo, perto de Coimbra, onde passara a exercer clínica. Em 1912, já casado, passou a residir no Porto, trocando a clínica pelo ensino (no Liceu Rodrigues de Freitas) enquanto colaborava nas revistas «A Águia» e «A Vida Portuguesa» e ministrava cursos de «História pátria» ou sobre a vida e obra de Camilo Castelo Branco na Universidade Popular ou proferia conferências. Em 1915 foi eleito deputado e no ano imediato estreou-se como dramaturgo com a peça *Infante de Sagres*. Em



Agosto de 1917 seguiu voluntariamente para França, como médico miliciano, desenvolvendo no quadro da Primeira Grande Guerra acções que lhe valeram a Cruz de Guerra e louvor.

Ainda no Porto, estreou em 1919 a peça *Egas Moniz* e publicou *Memórias da Grande Guerra* e a seguir passou a dirigir a Biblioteca Nacional em Lisboa, colaborando ainda no *Guia de Portugal*, de Raul Proença, e com o grupo da «Seara Nova», revista da qual Jaime Cortesão foi co-fundador. Entre outras obras literárias, publicou em 1926, em Lisboa, *Le traité de Tordesillas et le decouvert de l'Amerique* e, em 1931-32, trabalhou nos Arquivos das Índias, em Sevilha, enquanto ministrava um curso sobre os descobrimentos atlânticos na universidade local. Já com valor reconhecido na área da historiografia, participou na *História de Portugal*, de Damião Peres, com

textos muito extensos e valiosos, e em 1944 foi convidado para ensinar cartografia no Brasil, do que resultou a *História da Formação Territorial do Brasil*. Neste país deixou realizada uma obra muito importante: viajou e proferiu conferências, organizou a Exposição histórica



Jaime Cortesão na infância.

de São Paulo (1952), etc. Regressou à pátria para completar a sua actividade literária, longa de uns 50 anos. Deixou uma bibliografia extensa que ficou reunida desde 1960 nas suas *Obras Completas*. Em 1958 foi inaugurado em Ançã um monumento em sua homenagem.

Costa, Arlindo

Engenheiro agrónomo e enólogo. Nasceu em Sangalhos, Anadia, a 8 de Fevereiro de 1914, e morreu a 4 de Fevereiro de 1973. Arlindo (Vilar Rosa da) Costa dedicou-se à enologia ao ponto de ser reconhecido como um dos mais destacados especialistas nacionais. Foi técnico da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas desde 1971 e subdirector da Estação Vitivinícola da Beira Litoral, em Anadia, para a qual entrara em 1941. Redigiu numerosos trabalhos na área da sua especialidade, alguns dos quais publicados no estrangeiro, por exemplo: *Estudo comparativo de algumas caracte-*

ísticas dos vinhos espumantes naturais portugueses e franceses; Estudos sobre a venda de vinhos engarrafados provenientes de regiões não demarcadas; A fermentação maloláctica – caso dos vinhos do Dão; O papel do ácido ascórbico em enologia; A produção e o consumo do vinho; Os carvões em enologia; Emploi des antisseptiques dans les vins en association avec l'anydrid sulfureux en vue du remplacement de ce dernier, etc. De parceria com Mário Pato*, publicou nomeadamente *O doseamento do cobre nos vinhos e nas soluções diluídas* (Coimbra, 1947).

Costa, Augusto

Jornalista e comerciante. Nasceu na Quinta Nova, Bustos, Oliveira do Bairro, no fim do século XIX, e morreu no lugar (por ele baptizado) de Quinta Nova, perto de Pessegueiro do Vouga, tendo sido sepultado em Cedrim. Augusto Simões da Costa emigrou cedo para o Pará, Brasil, onde se dedicou ao comércio. Com alguns meios de fortuna, regressou à terra natal e fundou ali o «Alma Popular» em 5 de Outubro de 1918, jornal «republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do concelho e da região bairradina», instalando também agência bancária e de seguros, fábrica de licores, armazém de adubos e tabacos, mercearia e torrefacção, bem como o primeiro posto de Registo Civil e a primeira estação telégrafo-postal do lugar. O conterrâneo dr. Manuel dos Santos Pato* e Tiago Ribeiro colaboraram nas suas páginas, junto com António de Cértima*, Chico da Cruz*, António Barata*, «Zil de França» (Miguel França Martins*) e outros elementos do grupo «Plêiade Bairradina».

Por circunstâncias do tempo (agitado) e do lugar, Augusto Simões da Costa iniciou ali em Ou-

tubro de 1919 uma nova publicação, o mensário «Farol da Liberdade», «folha republicana, literária, noticiosa e anunciadora» da qual era director, administrador e editor. Publicou-se pelo menos até Março de 1925 (5º ano, nº 65). Com estilo algo belicoso, o «Farol» albergou polémicas nomeadamente com o dr. Manuel dos Santos Pato, advogado, que em 11-03-1922 passara a dirigir o «Alma Popular». Por algum motivo, uma intriga tecida contra Augusto Costa suscitou a sua prisão; conduzido a Lisboa, libertaram-no porém em poucas horas. Acabou por declarar falência, a «Casa Costas» encerrou, e quando o assunto ficou resolvido, Augusto Costa mudou-se para o lugar onde continuou a trabalhar e morreu. Lembra-se que na sua casa da Quinta Nova tomaram gosto pelo jornalismo e pela poesia dois adolescentes que lá trabalharam: o filho de Procópio de Oliveira* e Hilário Costa*.



Costa, Hilário



Poeta popular e jornalista. Nasceu na Mamarrosa em 12 de Março de 1907 e morreu no Sobreiro, Bustos, sempre em Oliveira do Bairro, em 31 de Outubro de 1994, com 87 anos. Hilário (Simões da) Costa manifestou tendências republicanas e democráticas. Com 19 anos emigrou para os Estados Unidos e por lá se manteve quase toda a sua vida activa. Publicou dois livros de poemas: *Versos dum Emigrante*, 1954, e *Rosas e Espinhos*, 1955; em prosa, *Memórias de um Bustuense*, 1984, e *Árvore Genealógica da Família Costa*, 1988. Editou ainda a *plquette* poética *Eu te saúdo, Mamarrosa!* (Estados Unidos, 1955).

O gosto pela poesia e os jornais parece ter-lhe nascido logo no período da infância, quando trabalhou na Casa Costas, fábrica de licores e comércio da Quinta Nova, Bustos, da qual era sócio Augusto Simões da Costa*, que publicou «Farol da Liberdade» (1916-17). Neste jornal e naquela casa circulavam bastantes poesias (lá onde, por sinal, também trabalhou Procópio de Oliveira*, filho, antes de emigrar para o Brasil).

Hilário Costa colaborou em diversos jornais regionais, editou nos EE.UU. «Farol da Liberdade», nº único, e co-dirigiu com Manuel dos Santos Pato, médico da Mamarrosa, «Bairrada Livre», semanário efémero com redacção na sua casa do Sobreiro, Bustos (publicou 24 números entre 12-07-1974 e 6-07-1975).

Coutinho, Albano Afonso de Almeida



Escritor e jornalista, pai de Albano Coutinho*. Avultou, tal como o filho, na imprensa do seu tempo. Nasceu, ao que parece, em Mogofores, Anadia, a 1

de Novembro de 1813, e ali morreu a 7 de Março de 1876.

Estudava no Porto aquando do desembarque das tropas liberais no Mindelo. Seguindo a opinião dos pais, tomou o partido de D. Miguel. Foi capitão de milícias e era tenente em 1834, quando a

convenção de Évora-Monte o obrigou a largar as armas e, em 1836, a emigrar para o Brasil. Ali impregnou-se de opiniões liberais tão intensamente que por elas lutou depois até ao fim. Fixou-se em Lisboa em 1856 e começou a trabalhar na imprensa, colaborando na redacção do «Portugal Velho». Publicou livros e diversos folhetos comentando assuntos momentosos: *O Livro da Vida – Colecção de máximas e aforismos*, 1857; *Notícias Políticas do Brasil*, 1862; e *Alto Escândalo – Ao País, à Imprensa e ao Governo – A questão da Imprensa*, 1863. Fundou e dirigiu o «Doze de Agosto», 1863, a «Revista Bra-

sileira» e o «Correio da Europa», 1867-68, publicações muito apreciadas em Portugal e no Brasil. Comentava principalmente assuntos de política, administração pública, finanças, a então discutida questão da «união ibérica», a liberdade dos cultos, etc.

A reivindicada liberdade de cultos poderá talvez reflectir-se no facto de Albano Afonso de Almeida Coutinho, que se mudou em 1868 para Mogofores, ter querido um funeral puramente civil – crê-se que foi dos primeiros, ou o primeiro, realizado no país. À Câmara Municipal de Anadia doou o seu retrato e a biblioteca.

Coutinho, Albano

Jornalista e escritor, figura eminente da Bairrada do seu tempo. Nasceu em Lisboa em 5 de Dezembro de 1848 e morreu em Mogofores, Anadia, em 30 de Agosto de 1935, com 86 anos. Era filho de outro jornalista, Albano Afonso de Almeida Coutinho*.

Destacou-se desde muito cedo como jornalista, folhetinista, comediógrafo, romancista, para além de ter sido um agricultor bairradino muito dedicado à viticultura. Pas-



sou a residir em Mogofores em 1876, ano em que lhe faleceu o pai, e passou a interessar-se pela produção vinícola. Tornou-se mesmo



num vigoroso defensor da agricultura da região. Foi membro da Comissão anti-filoxérica do Norte a que presidiu o visconde Villar Allen e que teve sede no Porto (1883), mas nunca abandonou a escrita literária e política.

Albano Coutinho iniciou-se no jornalismo logo aos 18 anos de idade. Estudou na capital, onde residiu até 1876, frequentou o curso superior de Letras e o Instituto Geral de Agricultura. E no jornalismo impôs-se como um ardente propagandista dos ideais liberais e republicanos. Começou por escrever folhetins na «Gazeta de Portugal» de António Augusto Teixeira de Vasconcelos, e também nas «Economias» de Eduardo Tavares (1867-68), que se publicavam em Lisboa. Em 1872, fazendo profissão de fé política, iniciou a colaboração na «República Portuguesa» que se publicava em Coimbra e de que eram redactores Alves da Veiga, Alves de Moraes e Magalhães Lima, então académicos.

Em 1873 foi nomeado chanceler do consulado da República Argentina em Lisboa. No mesmo ano e no imediato escreveu muitos artigos nos jornais diários da capital e do Porto, em especial no «Diá-

rio da Tarde», de que foi correspondente, promovendo a exportação dos vinhos portugueses para a Argentina e o Brasil. Em

1875 fez parte de uma comissão liberal encabeçada por Luciano Cordeiro que promoveu uma subscrição no país a favor da filha de um fotógrafo francês emigrado e falecido em Coimbra; era livre-pensador e algum clero recusava-lhe o funeral. Foi editado um folheto alusivo.

Antes alistara-se no Partido Republicano e escreveu durante alguns anos no jornal «Democracia». Participou nos trabalhos de propaganda iniciados na capital em 1873 e assinou o primeiro manifesto que precedeu a fundação do Centro Republicano (1876). Manteve a actividade cívica e política paralelamente à actividade cultural e literária depois de se radicar na Bairrada. Foi o primeiro governador civil de Aveiro republicano (1910).

Publicou os livros *Cinco Dias em Madrid*, 1871, e escreveu *A Filha do Comendador*, 1879, comédia em 3 actos contra o caciquismo e a politiquice, que serviu para inaugurar o teatro de Anadia. Sob o título de *Ócios* reuniu em volume textos que escrevera durante vinte

anos. Por outro lado, é de autoria de Albano Coutinho o romance original *O Divórcio*, publicado em folhetins, ao gosto da época, pelo jornal «Partido do Povo» de Feio Terenas.

Entretanto, não paralisou a sua escrita jornalística. Nos primeiros anos do século XX, em 1908, surgiu ao lado de Samuel Maia* como



redactor do jornal «O Democrata», que iniciava a publicação em Aveiro sob a direcção de André dos Reis. Na «Voz de Anadia», jornal

republicano, manteve a coluna «Pela Bairrada – Velhas recordações e coisas antigas». Em 1927 ainda prefaciou o livro *Curia, Flor da Bairrada* de Adão de Figueiredo*. Tinha cerca de 78 anos de idade.

Cruz, Albano

Musicólogo, membro da «Plêiade Bairradina». Nasceu no Cercal de Cima, Oliveira do Bairro, a 28 de Dezembro de 1889, e morreu a 27 de Março de 1971. Era irmão do poeta Chico da Cruz*. Ambos foram estimulados pelo vizinho e amigo Acúrcio Correia da Silva* desde muito cedo.

Albano (Ferreira da) Cruz compôs a música do «Hino da Bairrada» e numerosas outras partituras destinadas a récitas ou a iniciativas culturais similares, por vezes a pedido do padre Acúrcio. Dessas obras, para além do «hino», poucos originais terão escapado até hoje às destruições do tempo, embora o Museu da Palhaça conserve algum desse espólio vindo

da casa do padre Acúrcio. Mas não há dúvida, era um compositor talentoso e merecedor de melhor futuro.

Agindo sobretudo como um animador (e não só no campo da música), Albano Cruz criou a Tuna Gente Nova, no Cercal, que ensaiava e regia, surgida em 15-02-1920 em Aguada de Baixo, a Tuna Aguadense, que avultou entre 1918 e 1925, e o Rancho Infantil de Aguada de Baixo, que percorreu a região e o país. Foi também co-director, administrador e editor do jornal «Gente Nova» (Oliveira do Bairro,



1919-1920) até ao advento final do dr. Albino Pinto Coelho como director e editor, semanas antes de se extinguir a publicação. Foi ainda administrador do concelho e presidente da Junta de Fregue-

sia durante 16 anos, período em que foram construídas a estação de correios da vila e a sede da junta. Presidiu ainda a cooperativa eléctrica e foi director do Grémio da Lavoura de Águeda.

Cruz, Chico da



Autor de escassa produção poética. Nasceu no Cercal de Cima, Oliveira do Bairro, a 4 de Maio de 1896, e morreu no hospital da mesma vila em 19 de Março de 1967 com 70 anos de idade. Casou-se

em Bustos mas não deixou descendência. Chico (Francisco Ferreira) da Cruz era irmão de Albano Ferreira da Cruz*, a quem se deve a música do «Hino da Bairrada». Ambos foram amigos do padre Acúrcio Correia da Silva*, que a família Cruz tinha a morar na vizinhança.

Encorajado pelo irmão e pelo padre-poeta, Chico da Cruz integrou-se no grupo da «Plêiade Bairradina», formado em 1918, e publicou o seu primeiro livro, *Tardes de Sol* (Aveiro, 1922) com

chancela do mesmo grupo. Deu ainda à estampa a pequena *plquette* poética *Asas Lusíadas* (Oliveira do Bairro, 1924) para celebrar Brito Pais e Sarmento Beires como heróis. Colaborou em diversos periódicos, nomeadamente no «Alma Popular», e no *In memoriam*, obra colectiva dedicada ao padre Acúrcio (Oliveira do Bairro, 1959), a cuja comissão de homenagem também pertenceu.

Francisco da Cruz desenvolveu uma longa actividade política em ligação com o regime da Ditadura, que defendeu. Neste aspecto, será de notar a colaboração que deu ao jornal «Agora», de Lisboa, onde por exemplo comentou livros de António de Cértima* assumindo pseudónimos como «Frei Amaro» ou simplesmente «C. de O.» Foi tesoureiro da Fazenda Pública até à aposentação e presidia à Câmara Municipal de Oliveira do Bairro desde Janeiro de 1964.

Cunha, Elmano da

Poeta e polemista da «Questão coimbrã». (Augusto Carlos) Elmano da Cunha nasceu em Águeda a 31 de Maio de 1838. Interveio na ruidosa discussão desencadeada em 1865 contra António Feliciano de Castilho*, alinhando bastante com Antero de Quental, Herculano e Teófilo Braga e outros, mas não deixou de reconhecer mérito às traduções de poesia do grande humanista cego.

Elmano da Cunha estudou Direito em Coimbra e exerceu a

advocacia em Lisboa. Publicou uma *Carta em resposta a outra, Bom senso e bom gosto* (Coimbra, 1865) e, antes, a poesia *A Filha do Deserto* (Coimbra, 1861). Colaborou no «Jornal do Norte», «Campeão» e «Tira-Teimas». No «Comércio de Coimbra» publicou folhetins em 1864. Discursou em 14 de Maio de 1864, no cemitério de Aveiro, aquando da trasladação de Lisboa dos restos do tribuno José Estêvão.

bibRIA

Faria, Bernardete de Castro

Poetisa bairradina que também assinava como «Maria Camélia». Colaborou em jornais e publicou dez livros de poesia entre 1936 e 1977. O primeiro foi *Neblina*, sonetos, surgindo a seguir *Glicínias* (1942), *Noite sem Estrelas* (Famalicão, 1962), *Miragem* (1971), *Sombras* (1972), *Entardecer* (1973), *Rosas Brancas* (1974), *Sol de Outono* (Coimbra, 1959), *Solidade* (Guimarães, 1975) e, por fim, *Violetas* (idem, 1977).

Sabe-se pouco de Bernardete de Castro Faria. Ao certo, nasceu numa aldeia bairradina, talvez do concelho da Mealhada ou próxima, pois se lhe refere sem todavia a nomear. Por outro lado, as mudanças repetidas do local de edição dos seus livros parecem sugerir a errância própria de uma

professora do ensino primário. Provavelmente permaneceu celibatária, o que então também ocorria frequentemente.

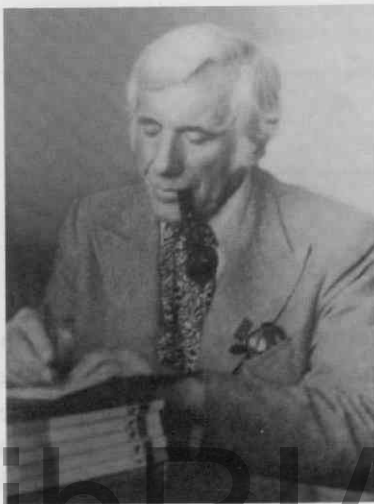
Ao longo de mais de quarenta anos de constante actividade poética, a autora manteve-se fiel aos seus motivos. Assumiu-se como «poetisa do sonho e da quimera», do amor e da saudade, mas também da dor e do sofrimento. No seu lirismo intimista ecoa o desengano do primeiro amor, a beleza das flores e do Outono, a solidão da mulher, temas que exprimiu de forma segura e com muito bom gosto.

Em «Terra linda» escreveu: «Minha Bairrada formosa, / De poentes cor-de-rosa, / De maravilhas sem par. / Trago-te no coração, / Mas não posso o condão / De te saber cantar!».

Ferreira, Manuel

Ficcionista, ensaísta e professor universitário. Nasceu perto de Leiria, em 1917, e morreu em Linda-a-Velha (Grande Lisboa). O escritor Manuel Ferreira consagrou-se em grande medida como principal referência na área do estudo das literaturas africanas de língua portuguesa e, nesse quadro, com estudos iniciais sobre a literatura cabo-verdiana. Na verdade, deveu-se a ele, de forma destacada, a introdução e elevação daquela área disciplinar à categoria académica que ganhou em Portugal. Dirigiu a revista «África».

Casado com a escritora Orlanda Amarílis, cabo-verdiana, foi em Cabo Verde, onde prestou serviço militar, que Manuel Ferreira começou a estudar os primeiros aspectos da aculturação e da literatura crioula do arquipélago. Animado por idêntico interesse, publicou *Morna e Mornabeza*, respectivamente em 1949 e



1958, duas colectâneas de contos cabo-verdianos, tendo a segunda merecido o prémio Fernão Mendes Pinto. Para trás ficaram as suas obras iniciais: *Grei*, contos de 1944, e *A Casa dos Motas*, romance de 1957, ambas próximas da corrente neo-

realista. Manuel Ferreira começou por escrever em ligação com a realidade que então melhor conhecia, para em seguida obliquar, atraído por sugestões mais poderosas que acabaram por o absorver completamente. Após a democratização do país, em 1974, abriram-se-lhe as portas da docência na Universidade em Lisboa. Licenciado em Ciências Sociais e Políticas, Manuel Ferreira seguiu em Águeda, por volta de 1961, o curso de sargentos. Pretenderia talvez abraçar a carreira militar. Acabou jubilado como docente universitário, e com todos os galões.

Algumas lembranças

Poucos conhecem todos os passos que o escritor Manuel Ferreira percorreu em vida e, por isso, não sabem que alguns desses passos foram dados quando veio estagiar em Águeda e contactou com gente da Bairrada.

Pessoa extremamente afável, cordial e convivente, o escritor estabeleceu boas relações de amizade com Mário Sacramento, Vasco Branco, Joaquim Correia, Zé Penicheiro (que lhe fez um retrato com o cachimbo ao canto da boca), e outros. Sem demora, aceitou (em Dezembro de 1961) dirigir em parceria o suplemento mensal «Independência Literária» (título sugerido por Mário Sacramento) que saía no semanário «Independência de Águeda» desde Outubro.



Manuel Ferreira aparecia no café da praça depois do almoço. Reunia com os amigos a uma mesa, apinhando em torno as cadeiras. Após dois dedos de conversa, pedia licença e mudava de poiso. Restavam-lhe vinte, trinta minutos para, em mesa isolada, rabiscar uns papéis. Andava a escrever um romance, sabia-se, era *Hora di Bai*. Publicado em 1962 pela revista «Vértice», em Coimbra, ligava-se também a Cabo Verde e foi escrito, em grande parte, nos curtos minutos «roubados» às conversas. Galardoado com o prémio Ricardo Malheiros, este romance projectou definitivamente o nome do autor não apenas no panorama literário português, também no estrangeiro, mediante traduções. E não mais o escritor se desvinculou dos temas que o desvelavam.

Manuel Ferreira fez amigos sinceros na região, que com eles percorreu em passeios e viagens. Amigos que ainda o recordam de algibeiras atafalhadas de papéis soltos rabiscados à pressa e que guardam a recordação da sua figura sólida que uma natural galhardia engraçava, o seu sorriso franco, o seu rir aberto, os abraços calorosos, tão fraternos, que dele receberam e com ele trocaram.

Figueiredo, Adão de



Poeta e boémio. Nasceu no Bolho, Cantanhede, no início do século XX, estudou em Coimbra e em Lisboa, onde morreu e foi sepultado. Começou

cedo a versejar. A sua estreia literária é o livro *Flores Singelas* (Coimbra, 1924), que na capa indica serem «Versos dos 17 e 18 anos». São sonetos e outras composições – algumas das quais dedicadas a Artur Luís Navega* Correia, António Vicente* (este a propósito das suas «Lágrimas») e Pedro de Moura e Sá – sobre temas do lirismo habitual tais como o amor, o sonho, a saudade, a desventura. Não suscitariam interesse se não surgissem a abrir uma carreira que apresenta alguns motivos de interesse.

No ano seguinte (1925), Adão (Coelho) de Figueiredo reapa-

receu com outro livro, *Quimeras Adolescentes*, que seguiu a orientação da obra de estreia. Mas, em 1927, alterou o rumo publicando *Curia, Flor da Bairrada*, obra com reedição remodelada e aumentada no ano imediato, sempre com prefácio de Albano Coutinho*. Em preâmbulo, o autor anota penetrantemente: «Um livro sobre o poder atractivo e afectivo de uma terra é um livro que fica, mesmo que não valha nada». É este o livro, de facto, que mais se prende com a «Terra Verde».

O livro posterior de Adão de Figueiredo, *Luar de Volúpia* (Lisboa, 1929) tira do prelo uma terceira edição no mesmo ano. Possivelmente, o próprio autor venderia os livros em mão. Tem poesias alusivas às diversas partes do corpo feminino, dos pés à cabeça. Na contracapa anuncia em preparação o livro *A Heroína do Palace* e, a sair brevemente, *Terra Natal*. Supõe-se que ambos se inspirariam na *Curia* e região, mas ignoramos se o autor chegou a publicar mais algum livro, de poesia ou prosa, depois de 1929. Todavia, desde 1935, publicou bastantes poemas no «Acção Nacional», semanário

que se manteve em Anadia uns nove anos (apoiou o regime de Salazar; Afonso Rodrigues

Queiró* dirigiu-o), aparentemente numa tentativa de aproximação política.

A boémia fugidia

Adão de Figueiredo é verdadeiramente uma sombra móvel, que resiste a mostrar a espessura humana. O pouco que dele se sabe contém-se principalmente nos quatro livros de poesia que publicou, sumindo os rastros da vida restante nas pregas do tempo.

Quando tirou do prelo os seus quatro livros, entre 1924 e 1929, a Bairrada crepitava de animação cultural. A Curia e as suas termas transformavam-se rapidamente numa espécie de sala de visitas da região. Aquele simples lugar da freguesia de Tamengos erguia-se e projectava-se à escala nacional, até um nível de popularidade que não mais perdeu, em resultado de iniciativas diversas, em parte devidas aos hoteleiros locais ou com o seu apoio, muito inovadoras no quadro da promoção do turismo então nascente e da descentralização cultural (oriunda de Lisboa e de outras cidades: Coimbra, Porto, Aveiro).

Nos meses da época termal – três ou quatro por ano – a Curia animava-se com uma vivacidade crepitante que se desenvolveu nos anos '20 e depois se estendeu até ao deflagrar da Segunda Grande Guerra, aliando manifestações desportivas, mundanas, recreativas e culturais muito variadas. Os programas organizados eram extensos, pois abrangiam toda a época. O casino funcionava, havia cinema (mudo, é claro) e espectáculos de teatro com as melhores «vedetas» das companhias lisboetas, festas, concursos de poesia e outros, exposições de arte, conferências. O público afluía, inclusive moradores dos arredores, em proporções hoje decerto espantosas.

Adão de Figueiredo deveria então frequentar a universidade na capital, que iria abandonar pouco depois levado pela dispersão das ideias (as musas dão-se mal com os compêndios escolares) e pela escassez dos



recursos materiais. Por outro lado, devia sentir-se engodado pelo sucesso dos seus últimos livros, consagrados por reedições e caucionados por críticas e opiniões elogiosas dos jornais que apareciam assinadas por Nogueira de Brito, Teresa Leitão de Barros, Ferreira de Castro, Pedro de Moura e Sá, etc. O jovem poeta deveria sentir-se lançado no meio literário. Ligou-se ao projecto de uma revista de turismo lisboeta. Conhecia pessoalmente escritores e artistas como António de Cértima* (de quem apreciou, por exemplo, em artigo de jornal, o livro de poesia *Jardim das Carícias* (1928), Cunha Barros* e outros, da Bairrada e do meio lisboeta, que também gravitavam em torno da Curia. Em suma, uma vida algo boémia parecer-lhe-ia fácil.

Figueiredo, Áureo de

Padre missionário e autor de livros. Nasceu em Fermentelos, Águeda, a 13 de Agosto de 1914, e ali morreu em 1982 com cerca de 68 anos. Ingressou no Seminário de Coimbra em 1928 e ordenou-se padre em 1940. Foi

reitor da freguesia de Soza entre 1942 e 1956. No ano seguinte foi para Moçambique, onde permaneceu até 1961. Em 1962 construiu uma casa em Fermentelos, a sua «palhota do Picaró», e passado o ano reformou-se sem vencimento. Em 1973 voltou a Moçam-



bique e em 1978 foi à Venezuela.

Áureo (Rodrigues) de Figueiredo publicou *Feira da Ladra* (Montijo, 1958), prefaciado pelo bispo de Quelimane, livro que recolhe a sua obra de estreia *É preciso cultivar a vontade* (Aveiro, 1941) e

outros textos. Publicou também a reedição da monografia *Fermentelos*, de Artur Nunes Vidal*, com um capítulo e notas de sua autoria, e o livro testemunhal *Pedras Pequenas*, (Aveiro, 1982) que inclui o estudo «D. Henrique, o navegador», de 1962, e outros textos.

Filipe, Manuel

Autor literário, professor e jornalista. Manuel (da Conceição) Filipe nasceu no Troviscal em 23 de Maio de 1912 e faleceu perto, na vila de Oliveira do Bairro, onde residia, em 3 de Outubro de 1994. Licenciou-se em Letras na Universidade de Coimbra e dedicou-se ao ensino secundário. Não publicou obra em livro. Organizou o volume intitulado *In memoriam* —

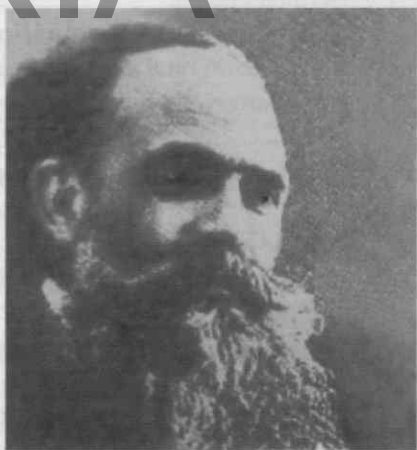


antologia que evoca o padre Acúrcio Correia da Silva* (Oliveira do Bairro, 1959). Colaborou nomeadamente no semanário «Gazeta do Sul» (Montijo) escrevendo sobre temas pedagógicos. Foi redactor do «Jornal da

Bairrada» durante muitos anos. Escreveu textos teatrais (por exemplo, a revista *Coração da Bairrada*, 1941) e de poesia que ficaram inéditos ou inseridos em jornais.

Fonseca, Tomás da

Poeta, publicista, historiógrafo, conferencista. Nasceu em Laceiras, Mortágua, a 10 de Março de 1877, e morreu em Lisboa a 12 de Fevereiro de 1968 quase com 91 anos. (José) Tomás da Fonseca notabilizou-se principalmente como ardoroso propagandista do regime republicano e apóstolo de um regresso às formas de um cristianismo original numa espécie de teologia da libertação *avante la lettre*. Publicou entre 1900 e 1962 um vasto conjunto de cerca de 45



obras de doutrina e polémica, divulgação cultural, testemunho e poesia, além de obras de ficção, teatro e estudos diversos sobre

questões religiosas, históricas, pedagógicas e outras. As mais notadas são *Sermões da Montanha – I A Religião e o Povo* (1909); 2ª ed. melhorada, 1912), *História da Civilização Relacionada com a História de Portugal* (1922), *Guerra Junqueiro – Como Ele Escrevia – Considerações sobre o manuscrito de «Os Simples»* (1924), *No Rescaldo de Lourdes* (1932), *A Igreja e o Condestável* (1933), *D. Afonso Henriques e a Fundação da Nacionalidade Portuguesa* (1949), *Memórias dum Chefe de Gabinete* (1949), *Na Cova dos Leões* (1958) e *Bancarrota – Exame à Escrita das Agências Divinas* (1962).

Frequentou o Seminário de Coimbra, do qual saiu para publicar *Evangelho dum Seminarista* (1903), com duas cartas de Elisée Reclus. Iniciou então a luta pela instauração da República, escrevendo em vários jornais sobre comportamentos do clero católico. Os seus artigos circularam abundantemente, inclusive em profusas folhas volantes. Investiu-se um pouco na figura de um Cardeal Diabo, tendo em vista a emancipação do povo para o qual escrevia com estilo claro e sereno, mas rigoroso e competente. Foi chefe de gabinete do ministro Dr. António

Luís Gomes, deputado e senador (1911-1917), até ser preso pelo regime ditatorial de Sidónio Pais, episódio que descreve em *Memórias do Cárcere* (1919). Colaborou na reforma do ensino, foi professor e director da Escola Normal de Lisboa. Em 1925 co-fundou a Universidade Livre e presidiu nove anos ao Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, cidade onde fundou em 1930 o Instituto de Estudos Livres. Foi delegado republicano à candidatura de Norton de Matos à Presidência da República.

O regime do Estado Novo perseguiu-o: proibiu e apreendeu 17 obras de sua autoria e a Censura Prévia proibia mesmo o mero anúncio dos seus livros. Foi pai do escritor Branquinho da Fonseca. David Mourão-Ferreira distinguiu nele o nobre laicismo do seu apostolado cívico, Raul Rego viu-o como símbolo dos livres pensadores portugueses e Manuel Rodrigues Lapa* definiu-o como socialista libertário à semelhança de muitos outros da sua geração (in livro *Tomás da Fonseca Poeta, Lavrador, Filósofo*, pp. 83, 85 e 87, respectivamente).

A Casa-Biblioteca de que era patrono e que existiu em Mortágua, e um designado Círculo Tomás da Fonseca, extinguíram-se.

Na Bairrada

Tomás da Fonseca considerou-se sempre um «pequeno agricultor de terras altas» (nas faldas do Caramulo, acima da Moita, Anadia, portanto não longe). Começou a descer à Bairrada e a percorrê-la desde quando era seminarista. Dessas andanças resultou logo o livro *Versos dum Cavador* (1901), recolhidos de Manuel Alves*, poeta popular de Anadia.



No período crepuscular da sua existência decantou memórias e saudades escrevendo *Filha de Labão* (1951), romance, subintitulado «Cenas da Vida Rústica». É uma ficção cheia de sentimentos muito belos e poéticos que Tomás da Fonseca dedicou à Bairrada mas que os ingratos bairradinos parecem ignorar.

Fragoso, António de Lima

Músico, executante e, em especial, compositor. António de Lima Fragoso nasceu em 1897, na Pocariça, Cantanhede, e morreu em 1918 quando estudava e trabalhava em Lisboa. Viveu, portanto, uns breves 21 anos, mas bastaram-lhe para deixar, até hoje, memória acesa como artista.

Era filho de Viriato de Sá Fragoso*, bacharel de Direito e autor de duas lembradas monografias. A morte do jovem, atingido pela pneumónica que então assolou o país ceifando inúmeras vidas preciosas, não foi desgraça única para aquele pai, pois a epidemia, de um

só golpe, lhe arrebatou igualmente três outros filhos.

As principais obras de autoria do jovem compositor aparecem descritas habitualmente de

uma forma que não facilita uma ideia clara do mérito artístico que os musicólogos entendidos afinal lhe reconhecem. São «Toadas da minha aldeia»; «Petite suite»; «Sete prelúdios e nocturno»;



«Sonata»; «Três peças do século XVIII»; «Canções do sol poente» sobre poemas de António Correia de Oliveira; «Fêtes galantes» e

«Poèmes saturniens» sobre poemas de Verlaine (várias destas obras são para canto e piano); «Trio» para piano, violino e violoncelo, etc.

Compositor admirável



Notando que o artista morreu com 21 anos, conclui-se desde logo que as suas obras foram compostas num breve espaço de tempo, digamos uns quatro anos, e este aspecto é um entre vários que provocam uma estreme admiração. Por isso, sem dúvida, na *História da Música* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda), de autoria de Raul Ferreira de Castro e Rui Vieira Nery, António Fragoso é referido como «um músico superiormente dotado, tributário de Fauré e Debussy, que não pôde, infelizmente, amadurecer completamente a sua linguagem». Na mesma *História*, há notícia de um livro publicado em 1960, no Rio de Janeiro, pela Livros de Portugal, cujo autor (Leonardo Jorge), não hesita em proclamar logo no título: *António Fragoso, Um Génio Feito Saudade*.

Esteve à venda na redacção da «Gazeta de Cantanhede», que o anunciou em 28-06-1969.

Outra obra (*Que É a Música?*, de Vals Gorina, Biblioteca Básica Verbo, Lisboa), José Carlos Picoto, no cap. «Sobre a História da Música Portuguesa», afirma que António Fragoso «revelou invulgares dotes criadores nas peças para piano e para canto e piano», peças que considerou «envoltas num ambiente sonoro de timbre predominantemente faureano, mais do que impressionista, e a confirmar na segura validade o que de trágico para a nossa música representa o seu destino».

Por sua vez, João de Freitas Branco, na *História da Música Portuguesa* (col. Saber, Publicações Europa-América, 1959), diz que o compositor da Pocariça «pertenceu ao número dos que se interessaram por movimentos estrangeiros contemporâneos, mormente o francês». Importa reter estas referências atendendo à sua utilidade para situar o artista bairradino no lugar que lhe cabe ocupar no panorama da música

portuguesa, onde o jovem artista costuma figurar entre compositores como Rui Coelho, Ivo Cruz, Luís Costa, Frederico de Freitas, Joly Braga Santos, e outros de idêntica categoria.

Existem gravações pelo menos de algumas peças compostas por António Fragoso nos arquivos da RDP, que por vezes as divulga em programas apropriados. Em 1985, 15 de Outubro, o artista foi evocado com um concerto e homenageado no município de Cantanhede. Uma lápide ficou posta na casa em que ali viveu.

Fragoso, Viriato de Sá

Publicista e historiógrafo. Nasceu em 1872, em Santo Tirso, onde seu pai exercia funções públicas, e viveu na Pocariça, Cantanhede, terra natal de sua mãe, e ali morreu em 24 de Abril de 1945.

Viriato de Sá Fragoso era bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e dedicou-se ao foro. Desta actividade profissional resultou a publicação de duas obras afins: *Tabela dos Emolumentos e Salários Judiciais Anotada*, 1910, e *Anotações à Tabela de Emolumentos e Salários Judiciais de 13 de Maio de 1896 e à Legislação sobre Emolumentos, Salários, Custas e Selos*, 1929. Diversas foram outras duas obras de sua autoria: *A Freguesia da Pocariça do Concelho de Cantanhede – Apontamentos para a sua História*, 1939, e *Cantanhede – Sub-*

sídios para a sua História, edição póstuma com prefácio de Torquato de Sousa Soares. (Coimbra, 1960). Recentemente, em

1998, a ACAP (Associação dos Amigos da Freguesia da Pocariça) reeditou a monografia relativa à mesma localidade.

O bispo D. Carlos era irmão de Viriato de Sá Fragoso. Por outro lado, este era pai do compositor António de Lima Fragoso*, seu filho primogénito, que morreu aos 21 anos com outros três irmãos no breve espaço de cinco dias, todos vitimados pela epidemia da gripe pneumónica que grassou no país em 1918. Apenas uma filha restou então ao pai.



Gapo, Júlio

Poeta popular. Nasceu na Marmarosa, Oliveira do Bairro, a 7 de Agosto de 1899 e faleceu em Novembro de 1959. Júlio (Dias) Gapo emigrou para o Brasil e tentou viver em Lisboa. Publicou os seus versos apenas em alguns jornais regionais e colaborou em espetáculos locais (teatro de revista) com poemas musicados pelo prof. Jaime de Oliveira*, como, por

exemplo, *O Bate Certo*. Gostava da ironia e da sátira social, pois era de feitio folgazão e também apreciador de adivinhas que lançava em risonhos desafios. Não se distinguiu muito para além dos limites da sua terra. O único galardão que alcançou, em Março de 1953, consistiu num concurso poético promovido pela «Gazeta de Cantanhede».

Godinho, Abel

Professor do ensino básico e da Escola do Magistério Primário do Porto e assíduo colaborador da imprensa. Nasceu a 27 de Novembro de 1923, na Pampilhosa, Mealhada, e morreu em Queluz (onde viveu os últimos anos), em 12 de Junho de 2000, com 76 anos. Ficou sepultado no cemitério novo da Pampilhosa. Abel (Correia) Godinho estudou em Coimbra e foi professor do ensino básico na sua terra natal,

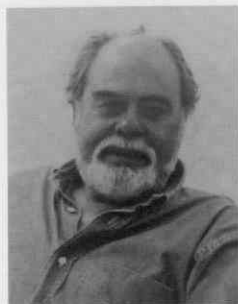
além de outras localidades, e depois delegado escolar e pedagogo no Porto. Publicou alguns livros e cadernos escolares para o ensino básico e o volume *Meio Século (ou talvez mais) na Imprensa Regional* (Pampilhosa, 1995), recolha de textos seleccionados. Colaborou nomeadamente no «Jornal de Notícias» e foi cofundador e colaborador assíduo do



«Jornal da Mealhada». Revelou também preocupações como cidadão, democrata e humanista. Per-

tenceu à Maçonaria (Grande Oriente Lusitano), resistiu ao salazarismo e foi militante socialista.

Gomes, João



Actor de teatro e televisão. Nasceu em 1939, em Lemedede, Cantanhede, e morreu, com 61 anos, em 6 de Abril de 2000, em Lisboa, onde residia; porém, manteve-se ali em casa na terra natal e ali foi sepultado. João Gomes estudou Medicina mas seguiu a carreira do teatro com brilhantes resultados. Começou a destacar-se entre os actores que lutaram contra as proibições do regime salazarista, colaborou na criação de

Os Bonecreiros no início dos anos '70 e, após a democratização do país, participou na fundação do Grupo Quatro, com João Lourenço, Irene Cruz, Rui Mendes e Morais e Castro. Passou ainda por outras companhias, como A Barraca e o Teatro da Malaposta. A última peça em que interveio foi *O Caminho para Meca*, encenada por João Lourenço no Teatro Nacional D. Maria II em meados dos anos '90, contracenando nomeadamente com Eunice Muñoz e Irene Cruz. A seguir José Gomes trabalhou nas séries televisivas *A raia do medo* e *A lenda da Garça*, entre outras.

Gomes Júnior, Manuel



Ferreiro, colaborador de jornais. Nasceu em Amoreira da Gândara, Anadia. Espalhou os seus escritos pela imprensa regional, nomeadamente do concelho de Oliveira do Bairro,

revelando uma inclinação surpreendente. Distinguiu-se nos primeiros anos da República, nas colunas do «Jornal de Anadia», que redigiu quase inteiramente depois de o semanário, antes de tendência monárquica, passar a apoiar a causa republicana. Foi vereador da Câmara e pessoa influente no concelho.

Graça, José Dias Pereira da

Sacerdote e professor. O padre José Dias Pereira da Graça nasceu em Soza, Vagos, a 14 de Março de 1850. Ordenou-se em Setembro de 1872, mas depois perdeu as ordens sacerdotais. Foi nomeado professor de Soza por despacho de 23 de Março de 1876 e provido vitalicia-

mente em 7 de Abril de 1879. Escreveu um *Compêndio de Gramática Portuguesa* e *Rudimentos de Aritmética* destinados à instrução primária, que ficaram inéditos. Foi capelão do lugar do Boco. Faleceu a 27 de Fevereiro de 1882, com 31 anos de idade.

Graça, Serafim Gabriel Soares da

Estudioso de etnografia, arqueologia e outros assuntos historiográficos além de autor de textos de teatro. Nasceu a 26 de Janeiro de 1897, em Águeda, e morreu em Coimbra em 13 de Junho de 1970, com 73 anos. Licenciou-se em Direito em Coimbra e foi delegado-procurador da República e conservador do registo civil em diversas comarcas.

Uma parte dos estudos de Soares da Graça, dispersos desde 1919 por páginas de jornais e revistas, ficaram reunidos em *Águeda Antiga*, antologia editada em 1988 por Denis de Ramos. Soares da Graça



publicou de facto dezenas de trabalhos na revista «Arquivo do Distrito de Aveiro» e no jornal «Soberania do Povo». Um deles, por exemplo, intitula-se «A Igreja de Águeda», texto com fotografias de que foi feita separata (Aveiro, 1951).

Além de se interessar pela arqueologia regional, o autor debruçou-se nomeadamente na investigação da genealogia de famílias aguedenses. Escreveu ainda duas peças que foram levadas aos palcos locais: *Frei António de Águeda*, drama romântico com data de 1921, estreado em 23 de Julho no mesmo ano; *Do Barril à Venda*

Nova, revista de costumes estreada em 31 de Março de 1934 e destinada a angariar fundos para a «Sopa Escolar»; dois autos, o *Auto da Rainha Santa* (1949) e outro.

O espólio de Serafim Gabriel Soares da Graça, de grande valor para a historiografia de Águeda, foi doado ao município em Janeiro de 1994.

Grave, João



Poeta, jornalista e romancista. Nasceu em Vagos, de pais muito pobres, a 21 de Julho de 1872, e morreu no Porto a 11 de Janeiro de 1943. Na terra natal era conhecido

pela alcunha de «João do Reboca». Colaborador desde cedo de jornais, inclusive brasileiros, formou-se em Farmácia na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Foi chefe de redacção da Lello & Irmão, editora do «Dicionário Lello Universal», e do jornal «Notícias da Tarde». Escreveu assiduamente no «Diário de Notícias» e «O Século» de Lisboa e foi director da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

João Grave começou a publicar volumes de poesia (*Livro dos Sonhos*, 1895, e *Macieiras em*

Flor, 1897), o primeiro dedicado ao seu antigo professor primário, com algumas influências de Junqueiro e o segundo de Cesário Verde. Chegou a abrir botica em Calvão, Vagos. Escreveu também manuais escolares para a instrução primária que se mantiveram em uso durante muitos anos.

As suas obras principais são os romances *Os Famintos*, 1903 (4ª ed., 1932), *A Eterna Mentira*, 1904, *Gente Pobre*, 1912, e *O Mutilado*, 1919, inspirado nos horrores sofridos pelos combatentes da Primeira Grande Guerra. Outras obras do autor: *S. Frei Gil de Santarém*, *Os Vivos e os Mortos* (crónicas), etc. Os seus romances são lembrados como precursores do realismo social, ou neo-realismo. João Gaspar Simões considerou João Grave um «escritor honesto, romancista coerente, prosador correcto e poeta harmonioso». Tem busto na praça principal de Vagos.

Jesus, Fernando de

Escritor e operário. Nasceu a 9 de Dezembro de 1952, na Cordinhã, Cantanhede (e registado um mês depois), de pais muito pobres. Frequentou a escola primária servindo em casa de lavradores e assim continuou no

Alentejo. Voltou à terra em 1966, trabalhou como padeiro na Figueira da Foz e na terra natal; ingressou na Marinha em 1970 (onde estudou até ao 7º ano) e seguiu mobilizado para a Guiné. Em 1975 tentou a sorte em França, casou-se, empregou-se em Souzelas, iniciou estudos secundários



na Mealhada e em 1981 começou a escrever um romance sem título. Morreu num acidente a 15 de Junho de 1984, com 31 anos de idade. Essa ficção (com inclusão de poemas que também escrevia) foi publicada no livro

póstumo *Abrir a Gaveta e Encontrar o Escritor* (Coimbra, 1999). Completado por um breve capítulo de autoria alheia, posterior, o romance revela em Fernando de Jesus um narrador desembaraçado e muito sensível às forças da opressão desencadeadas contra o humanismo.

Nome, revista de costumes esboçada em 31 de Março de 1934 e destinada a angariar fundos para a «Beca Escolar» dos alunos do Alcol do Bairro Santa (1949) e outro.

O templo de Santa da Graça, de grande valor para a historiografia de Agoda, foi doado ao município em Janeiro de 1994.

Grave, João

Leandro, Fernando

bibRIA

Nome, revista de costumes esboçada em 31 de Março de 1934 e destinada a angariar fundos para a «Beca Escolar» dos alunos do Alcol do Bairro Santa (1949) e outro.

O templo de Santa da Graça, de grande valor para a historiografia de Agoda, foi doado ao município em Janeiro de 1994.

Lacerda, Bernarda Ferreira de

Erudita humanista e poetisa, filha de um chanceler-mor do reino. Nasceu no Porto em 1595 e morreu em Lisboa em 1 de Outubro de 1644. Foi uma figura eminente no seu tempo. Recusou-se a Filipe III, que em 1619 quis nomeá-la mestra dos seus filhos. Cultivou a poesia épica com *España liberada* (em duas partes, Lisboa, 1618 e 1673). Escreveu em português, espanhol, latim e italiano, praticando um multilinguismo então muito corrente. Lope de Vega dedicou-lhe a écloga «Filis» (1635) e escreveu no

seu *Laurel de Apolo*: «Se a fama e a glória da Lusitânia pudessem ter aumento, dar-lho-ia D. Bernarda de Lacerda, a cujo português entendimento e pena castelhana Portugal deve *España liberada*.» O livro *Soledades do Buçaco*, editado em 1634, compõe-se de vinte romances octossílabos dos quais só uma parte aparece em português. Elege como tema central de inspiração o «sacro monte» das carmelitas descalças que os românticos, no século XIX, tomaram como local de peregrinação.

Lapa, Joaquim Rodrigues

Nasceu a 28 de Abril de 1912, em Belo Horizonte, Brasil, mas tomou Anadia com terra adoptiva, onde morreu a 9 de Outubro de 1998 com 86 anos de idade.

Dedicou-se às artes gráficas e, no entanto, foi no teatro de amadores que se distinguiu



na Bairrada. Iniciou-se aos 16 anos, com um monólogo em récita de benefício do Hospital-Asilo José Luciano de Castro, naquela vila. Em 1931-32 integrou o grupo da revista *Champanhalândia*, 2ª versão, depois entrou nos *Preliminares de Revista* escrita e ensaiada por Aníbal S. Pina* (Maio, 1932), no grupo que representou a comédia *Cama, mesa e roupa lavada* e, em 1937, num conjunto de Famação, teve o papel principal masculino no drama *A nobreza do artista*. Foi um dos fundadores do Grupo Cénico de Anadia Amigos do Bem,

representando os principais papéis nas comédias *A Maluquinha de Arroios* e *Amigos de Peniche*; participou nas revistas *Aí vai disto*, 1951, e *Ora toma lá!*, 1952, ambas escritas por Aníbal S. Pina; nas peças *A Maluquinha de Arroios*, *O Mar*, de Miguel Torga, e outras; na revista *Não brinques comigo*, etc.. Actuou em palcos do Porto, Espinho, Coimbra, Aveiro, Viseu, Figueira da Foz, etc. O seu amor pelo palco reflectiu-se na publicação do opúsculo *Um Pouco de Si... pelo Teatro Amador* (Anadia, 1980).

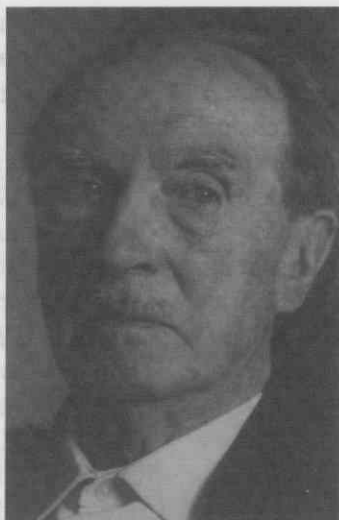
Lapa, Manuel Rodrigues

Professor universitário e investigador prestigioso, autor de estudos sobre poesia medieval. Manuel Rodrigues Lapa nasceu em Anadia (Arcos) a 22 de Abril de 1897 e ali morreu a 27 de Março de 1989, com quase 92 anos. Foi um eminente filólogo, crítico literário e autor de estudos que ficaram como marcos de referência obrigatória, além de cidadão exemplar. As mudanças operadas pelo advento do estruturalismo e da linguística em geral a partir da década de '60 determinaram um sensível eclipse da filologia, mas não terão con-

seguido abalá-la nos seus essenciais fundamentos.

Filho de pais sem recursos, Rodrigues Lapa foi aluno da Casa Pia, trabalhou na Biblioteca Nacional como sub-bibliotecário e por fim licenciou-se em Letras Românicas em Lisboa. Dedicou-se ao ensino liceal e, depois de estudar o francês antigo e o provençal na Universidade de Paris, foi proposto em 1928 por Leite de Vasconcelos, seu antigo mestre, à Faculdade de Letras lisboeta como professor contratado de Filologia Românica. No ano seguinte, 1929,

publicou a sua tese de doutoramento, *Das Origens da Poesia Lírica em Portugal na Idade Média*, estudo muito inovador que permitiu ampliar e corrigir ideias existentes acerca da poesia trovadoresca devidas a autores como Carolina Michaëlis, J. J. Nunes e outros, numa linha de investigação e de crítica que Lapa depois aprofundou.



Em 1931 Lapa encetou o estudo e a divulgação de uma vasta soma de textos clássicos publicando *O Livro de Falcoaria de Pero Menino*, edição crítica com introdução, glossário e notas. Com o estudo *O Vilancico Galego dos Séculos XVII e XVIII*, começou em 1930 a prestar atenção às relações culturais luso-galegas. Em 1932 efectuou a sua primeira viagem à Galiza a fim de participar numa homenagem a Castela, ficando desde aí ligado aos principais vultos da cultura galega. Para Lapa, a Galiza revelava-se como a verdadeira matriz da língua portuguesa. No ano seguinte publicou no Centro de Es-

tudos Filológicos (Lisboa) uma antologia de poesias de Afonso X, o Sábio, e em 1934 tirou do prelo em Coimbra as *Lições de Literatura Portuguesa – Época Medieval* (10ª ed., 1981). Expulso pelo regime do Estado Novo da Universidade de Lisboa, pela segunda vez, em Maio de

1935, Lapa passou a dirigir *O Diabo*, jornal de oposição democrática (1935-37) e entretanto dirigiu também as colecções «Textos Literários» da *Seara Nova*, onde fez sair 20 títulos, e «Clássicos Sá da Costa», onde integrou nove títulos. A sua *Estilística da Língua Portuguesa*, de 1945 (11ª ed., 1984), consagrou-o perante o público em geral como pedagogo capaz de servir à vernaculidade da língua e à estética da expressão literária.

Depois de apoiar a candidatura oposicionista do general Norton de Matos, Lapa foi preso em Janeiro de 1949 pela polícia política. Em 1954 co-representou a oposição portuguesa no Congresso de Escri-

tores (São Paulo, Brasil). Mais tarde, em 1957, exilou-se voluntariamente naquele país, fixando-se em Minas Gerais para ensinar em diversas universidades brasileiras. O notável conjunto de estudos que realizou sobre o país irmão inclui a decifração da autoria das *Cartas Chilenas*, poema satírico anterior à Inconfidência Mineira cuja autoria Lapa atribuiu criteriosamente a Tomás António Gonzaga, e a publicação da edição crítica das Obras Completas de Gonzaga (São Paulo, 1942). Em 1962 voltou à pátria por pouco tempo.

Nesta época, Lapa impunha-se com autoridade indiscutível dentro do universo da cultura galega, portuguesa e brasileira na área das investigações do lirismo da época medieval – investigações que o levaram ao estudo das *carjas*, ou

«jarchas», enquanto amostras até então desconhecidas da lírica moçárabe peninsular –, na área da história e da crítica literária, bem como da sátira na época medieval.

Data de 1965 a sua *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval* (Rio de Janeiro); no mesmo ano publicou em Vigo as *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses* (2ª ed. ampliada, 1968; 3ª ed. de luxo, 1995). Regressado definitivamente à pátria em Abril de 1974, após a democratização do país, fixou-se na vila de Anadia e dirigiu a revista *Seara Nova*. Publicou ainda *Estudos Galego-Portugueses – Por uma Galiza Renovada*, 1979, e, enfim, *As Minhas Razões – «Memórias de um Idealista que Quis Endireitar o Mundo...»*, 1983.

Precursor da lusofonia

De algum modo, Lapa surge precursoramente como um militante da lusofonia. Abraçou no seu percurso as vertentes portuguesa, galega e brasileira. Ora a autoridade alcançada pelo mestre talvez devesse algo à fina sensibilidade que manifestava para apreciar a poesia trovadoresca, pois, para ele, «um texto literário não pode ser interpretado apenas com a ferramenta do ofício; tem que ser remexido com uma sensibilidade artística muito viva» (1983: 291).

A casa onde o Prof. Dr. Manuel Rodrigues Lapa morou e morreu foi adquirida pelo Município para albergar cerca de 7 mil volumes da

biblioteca do mestre e foi criado um Instituto em sua memória. O centenário do seu nascimento ficou assinalado em Anadia com a publicação de uma fotobiografia e a inauguração de uma estátua.



Rodrigues Lapa poeta

Manuel Rodrigues Lapa, no campo das Letras em que, pelos seus estudos, se consagrou, é figura das mais prestigiosas pertencentes à Bairrada. Mas isso, que avulta, não pode apagar quanto Lapa fez pela sua região natal, colaborando assiduamente nos jornais, prefaciando livros, etc. Pode dizer-se que nunca deixou de senti-la como centro do seu mundo.

Uma outra faceta da personalidade literária de Manuel Rodrigues Lapa, desconhecida durante muitos anos, ainda talvez resulte surpreendente: escreveu e publicou versos. O pormenor poderá abalar quem esteja tão afeito à prosa bem medida do mestre filólogo e medievalista que se lhe torne difícil imaginar Manuel (Rodrigues) Lapa a compor os catorze versos de um soneto:

FAMILIAR

*No fumegante lar estraleja a resinosa
Racha de lenha grossa. A labareda ardente
Derrama em derredor, na casa, uma ridente
Vermelhidão, que tinge as faces côr de rosa.*

*O olhar pairando em sonhos sôbre a chama ondulosa,
o pae constroe futuros diligentemente...
Emquanto a mãe no estrado, embevecidamente,
Dá leite, o colo nú, ao filho, imaginosa...*

*Um diabrête puro, d'olhos a rir, gaiato,
Vãmente desafia a maldade do gato,
Quieto, do borralho na puz tão morna e tão calma;*

*Lá fora ruge a noite, e a mãe, d'olhos na luz,
Põe-n'os a arder d'amôr, co'os seios ainda nús,
Onde inda o leite escorre... no filho da sua alma...*

Anadia, 30-10-1916

MANUEL LAPA

Foram publicados, assim textualmente, no «Jornal de Anadia» em 18-11-1916. No mesmo semanário saíram mais versos assinados por Manuel Lapa, então com uns 20 anos de idade. Uma poesia, intitulada «O sol cativo», apareceu em 01-09-1917 com a seguinte nota: «Lisboa, 19-5-1917». Outra apareceu no jornal passadas duas semanas (15-09-1917). Não acrescentarão nenhuma glória especial ao autor, mas concorrerão para enriquecer o conhecimento que dele temos.

Lemos, João de

Poeta ultra-romântico. Nasceu em Peso da Régua em 1819 e morreu em Maiorca, Figueira da Foz, a 16 de Janeiro de 1890. João de Lemos formou-se em Direito em 1846 na Universidade de Coimbra e ali fundou «O Trovador» em 1844, publicação que marcou a sua geração literária. Em 1840 casou-se mas, enviuvado, refez o casamento com uma cunhada. Logo que concluiu o curso, partiu da Quinta da Anta, em Maiorca, e radicou-se em Lisboa, onde se dedicou ao jornalismo e à política. Entre 1864 e 1884, aproximadamente, distanciou-se das (des)ilusões lisboetas refugiando-se na Quinta da Anta e dali só saiu para dirigir o jornal «A Nação», o que fez por pouco tempo pois a morte estava próxima.

É autor do *Cançãoeiro* (3 volumes, 1858-1867), obra de que consta a poesia «O Buçaco» mas cujos temas principais são Deus, a Pátria e o Amor. Também deixou obra de comediógrafo. Teve um papel de algum relevo político: representou D. Miguel, rei proscrito, em cortes estrangeiras. É também autor de *Canções da Tarde* (1875).

Pertence a esta última obra a poesia intitulada «Lição na eira», que tem para nós o especial interesse de se inspirar numa estória muito popular na Bairrada. Suscita esta dúvida: João de Lemos inspirou-se numa tradição oral corrente no seu tempo ou foi a sua poesia que, ao popularizar-se, originou a tradição?



Lichnowsky, Félix

Príncipe muito culto, autor de um livro de viagens em Portugal. Félix Lichnowsky, jovem ex-oficial prussiano e aventureiro romântico, nasceu na Alemanha em 1814. Escreveu o livro *Portugal – Recordações do Ano de 1842*, para relatar

as impressões de viagem que fez pelo interior do nosso país nos meses de Junho a Agosto daquele ano. A narrativa, publicada no ano seguinte (1843) na cidade alemã de Mainz, teve tradução e edição portuguesas logo em 1844. Causou

entre nós tanta sensação que foi reeditada em 1848, ano da morte do príncipe Félix. De facto, o viajante, que contava 28 anos de idade quando visitou Portugal, acabou por viver apenas mais seis. Portugal vivia então sob o regime constitucional saído das revoluções liberais iniciadas na terceira década do século e em ambiente de eferescência.

Isto é sabido. O que importa reter do livro são as curiosas

observações feitas pelo viajante oitocentista na região bairradina e sua envolvência, onde ele pôde transitar por novas estradas de macadame já da iniciativa liberal (como aquela que passou a ligar Aveiro e Cantanhede), por muito que não gostasse dos liberais portugueses. As alusões às terras bairradinas e vizinhanças surgem por duas vezes à sua passagem em direcção a Aveiro a caminho do norte, e à sua volta para sul.

Pela Bairrada em 1842

«O risonho aspecto do território não se estende além das proximidades do Mondego; a uma légua de distância de Coimbra aplanase o terreno, abatendo na direcção do mar e elevando-se para o lado do Oriente; aí prolonga-se pelo horizonte uma comprida cordilheira, o monte Cântaro [*sic*], a serra de Alcoba e, subindo acima de tudo, os bosques e cabeços da serra do Buçaco. A vegetação reduz-se, numa vastíssima extensão de areal, a plantas silvestres e pinheirais; apenas de longe em longe, particularmente na proximidade das raras aldeias, aparecem solitários sobreiros e laranjeiras, e cultiva-se algum milho e vinho. Perto do meio-dia parámos junto a Vendas Novas, lugar tão pequeno e tão pobre que me fez lembrar as saqueadas aldeias das montanhas no teatro da última guerra espanhola. Vinho algum tanto azedo, sardinhas, toucinho e pão de milho formaram o nosso jantar; contudo, havia rações para os cavalos e um aposento onde podíamos estar ao abrigo do sol ardente que então fazia; e isso era inegavelmente a coisa principal. Passadas algumas horas pusemo-nos de novo a caminho e chegámos perto do anoitecer à Palhaça, num terreno mais agradável e muito mais bem cultivado. Um resto de antigas estradas calçadas, que o marquês de Pombal mandou fazer à custa de grande despesa, conduziu-nos ao clarão da Lua, por entre fileiras de grandes árvores, até à cidade de Aveiro. Junto a uma antiga fonte que se encontra no

caminho estavam algumas mulheres enchendo água; traziam à cabeça grandes cântaros, à semelhança de ânforas, e ofereciam de beber a um grupo de arrieiros e cavaleiros. Algumas de entre elas traziam chapéus de homem de grandes abas erguidas e longos capotes, em que sabiam embuçar-se de um modo muito pitoresco. Caminhámos através de muitas ruas estreitas e bastante animadas, entrámos uma porta, saímos por outra, até que finalmente parámos junto a uma hospedaria, onde fomos recebidos, chamada Estalagem da Felícia, na praça que fica fora da cidade e defronte do cais.»

«Na manhã seguinte percorremos um território algum tanto mais bem cultivado; a princípio seguimos um largo caminho por entre pinhais que se prolongam excessivamente pelo interior do país; depois viemos ter ao Sardão, junto ao rio Águeda, que é um dos afluentes do Vouga; esta povoação estava na maior actividade, pois era dia de feira; a praça, as margens do rio Águeda e as planícies relvasas circunvizinhas achavam-se atulhadas de uma grande multidão de gente em activo tráfego e fazendo excessiva bulha; as cordilheiras que a leste da serra de Besteiros, até à serra de Alcoba, se estendem até duas léguas de distância do Sardão são ricas em metais e carvão de pedra. Por isso há pouco tempo veio ali estabelecer-se uma companhia de ingleses, que tem feito escavações em procura de mercúrio, cobre e carvão de pedra e tem derramado muito dinheiro entre o povo indigente. Encontra-se aí também o grés granítico vermelho, que é muito abundante à roda de Homburgo dos Montes [*sic*] e é empregado na construção das casas, pilares e poços. Partindo do Sardão, seguimos ainda por duas léguas a estrada real de Coimbra, e depois cortámos à esquerda em direcção às montanhas, a fim de chegarmos ainda de dia à serra e ao Convento do Buçaco.

Quanto mais nos aproximávamos da região da serra tanto mais rica se ostentava a vegetação e o solo mais bem cultivado e mais agradável; fiz reparo particularmente numa grande quantidade de erva moura que florescia e rescendia junto a antigos arvoredos e nas sebes das quintas. Contudo, este quadro formoso é de pequena duração e, como uma pequena orla, cessa logo ao levantar-se o terreno da serra. Então viam-se de novo miseráveis aldeias e casas, que me faziam recordar as regiões montanhosas da Segre Alta, na Catalunha. Finalmente, depois de uma jornada de muitas horas, chegámos a um muro comprido e elevado, cujos princípio e fim não podíamos ver, porque se perdiam nas circunvoluções do terreno. Estava aberta uma pequena porta, por onde entrámos no bosque sagrado do Buçaco.»

Lopes, Bento

Professor primário, conferencista e colaborador de jornais. (Joaquim José) Bento Lopes nasceu na freguesia de Sanguedo, Santa Maria da Feira, a 9 de Julho de 1900, e faleceu em Anadia a 16 de Agosto de 1990 com 90 anos. Em 1921 concluiu o curso do Magistério Primário na antiga Escola Normal de Aveiro. Lecionou num colégio em Ermesinde entre 1924-26 e ingressou no ensino oficial em 1926-27, na cidade de Aveiro, como interino. A seguir, foi colocado em Avelãs de Caminho, também como interino. Começou então o seu contacto com a Bairrada.

Ensinou em Avelãs de Caminho e Avelãs de Cima até 1938, ano em que foi colocado na Mamarrosa. Em 1948-49 foi transferido para Oliveira do Bairro, e depois, em 1948-49, ficou na freguesia de Sangalhos, lugar em que se manteve e onde residiu até atingir o limite de idade. Manteve-se durante 43 anos no ensino oficial, tendo também leccionado em colégios. Foi agraciado com a medalha da Ordem de



Instrução Pública em 1967. Foi também vereador e vogal secretário da Câmara Municipal de Anadia em 1937, depois seu presidente de 1953 a 1963, e provedor da Misericórdia de Sanga-

lhos entre 1952 e 1973.

Em 1961, a Junta de Freguesia de Amoreira da Gândara deu o seu nome ao principal largo da localidade e, dois anos depois, as juntas de freguesia do concelho anadiense também o homenagearam.

Proferiu diversas conferências e publicou dois livros: *Bairrada – Alguns Aspectos e Costumes* (Anadia, 1979; 2ª edição aumentada, 1983), e *Monografia do Concelho de Anadia* (1980; «edição especial», 1985).

A grande afeição que nutria pela Bairrada ficou à vista nomeadamente em colaborações dadas à imprensa. No «Jornal da Bairrada» assinou artigos sobre questões de língua e outras. A sua derradeira obra, redigida quando já não saía de casa e muito pouco da cama, intitulou-se «Bairrada, solar de Cultura».

Maia, Cipriano

O arq. Cipriano (Rodrigues) Maia nasceu em Avelãs de Caminho, Anadia, em 18 de Maio de 1876 e ali morreu em 23 de Outubro de 1923. Emigrou muito cedo para o Brasil e formou-se em escola de artes e ofícios no Rio de Janeiro. Por volta de 1904 regressou a Portugal e integrou a equipa do arq. Ventura Terra. Já famoso no país, após 1910, casou em Avelãs de Cima e passou a morar na Bairrada.

As obras arquitectónicas de que é autor nesta região enquadram-se no estilo da designada «casa portuguesa», também referida como do

«português suave», que caracterizou muito o período do regime salazarista. Exemplos de tal estilo encontram-se ainda, por exemplo, nas moradias do prof. António Joaquim de Carvalho e de António R. Seabra, a primeira na vila de Oliveira do Bairro e a segunda no lugar de São João da Azenha, Anadia, concelho onde se localiza um elevado número das suas casas. Porém, outras obras do arq. Cipriano Maia ficaram espalhadas pelo país, considerando-se que têm valor patrimonial suficiente para justificar a respectiva conservação.

Maia, Samuel

Médico e escritor. Pertenceu às duas «plêiades», bairradina e ilhavense. Nasceu a 28 de Março de 1869, em Ílhavo, e ali morreu a 1 de Agosto de 1919 com 50 anos

de idade. Um funeral civil levou o corpo para o cemitério local.

Samuel Maia publicou *A Dor Humana*, dissertação de fim de curso apresentada à Escola Mé-

dico-Cirúrgica do Porto (Porto, 1896) sobre «a metafísica da dor». Curiosamente, o autor considera que «a metafísica e as religiões dela derivadas têm sido um obstáculo ao progresso científico». Aliás, Samuel (Tavares) Maia defende: «A Igualdade social é o elemento primeiro da felicidade humana», e vai mesmo ao ponto de manifestar por extenso (p. 101) a sua «afeição aos ideais socialistas». Aderiu mais tarde ao partido republicano histórico e lançou as bases do Centro Republicano Ilhavense.

Começou por publicar poesia (*Livro da Alma*, Novembro de 1894), que José Maria Ançã*, entre outros autores da região, saudou num soneto («O Lázaro tu fosses, fosse eu Cristo, / e bradara: – *Levanta-te e caminha!*») e prosseguiu espraiaando-se por diversos géneros literários. Fundou e dirigiu jornais académicos e republicanos como o «Rebate» e o «Diabo». Escreveu textos de teatro (farsas, operetas, dramas históricos, como *Regedor das Palhoças*, *Busto de Mulher*, *Promessa à Virgem*, a tragédia em



verso *Berenice da Judeia* (representada no Teatro de Vista Alegre em 28-03-1903), o drama histórico em três actos, em verso, *D. Dinis de Portugal*). Entregou-se ainda à pintura e ao jornalismo.

Muito dedicado à sua terra natal, fundou em 13 de Março de 1904 o «Jornal de Ílhavo» (publicou-se até 16-09-1906), que dirigiu com Dinis Gomes, onde inseriu algumas das obras citadas; a seguir foi redactor, com Albano Coutinho* e outros, do semanário «O Democrata», órgão do Partido Republicano do distrito que se publicava em Aveiro desde 1908. Mais tarde, porém, o seu comportamento político foi censurado por incoerência. Quando morreu, com doença que ele próprio diagnosticara, deixou inéditos os versos de *Ao Acaso* e várias outras obras inéditas. O parlamento nacional atribuiu então uma discutida pensão à sua viúva.

Samuel Tavares Maia esteve em Paris, foi médico municipal e subdelegado de Saúde, administrador do concelho (lugar em que o criticaram por não reagir à ini-

ciativa que pretendeu integrar o Forte e a Barra no concelho de Aveiro) e governador civil substituto de Aveiro. Freqüentador assíduo da Costa Nova e do Luso, proclamava as virtudes da prática desportiva. Mas adoeceu, com tuberculose pulmonar, esteve internado no sanatório do Caramulo, e ao expirar tinha metade do peso



normal. O jornal «Gente Nova», de Oliveira do Bairro, órgão da «Plêiade Bairradina», dedicou-lhe então quase todo o número de 20 de Dezembro de 1919, inserindo textos evocativos de membros das duas «plêiades» às quais o falecido estivera ligado e algumas das suas poesias inéditas. Uma rua de Ílhavo tem o seu nome.

Martins, Miguel França

Jornalista e poeta da «Plêiade Bairradina». Nasceu no Brasil em 28 de Maio de 1900 (mas foi baptizado em Oliveira do Bairro em 30 de Dezembro do mesmo ano) e ali morreu, inesperadamente, em 20 de Agosto de 1959, com 59 anos de idade. Ficou sepultado em Aguada de Cima, Águeda, onde se casara. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra em Julho de 1930. Foi conservador do Registo Civil na sua vila natal e também em Anadia, além de presidente da secção concelhia do partido único salazarista e presi-

dente da Câmara Municipal da sua vila natal.

Dirigiu «O Correio do Cértima», jornal regionalista lançado em Oliveira do Bairro a 15-05-1930, um pouco antes de concluir o curso de Direito, do qual António Vicente* foi editor e logo também redactor. Miguel França Martins escreveu textos de teatro popular e versos para simples cortejos populares, que ficaram inéditos tal como a maior



parte das suas poesias, pois o autor não chegou a publicar livro. Colaborou muito no «Alma Popular» com poesias e no «Jornal da Bairrada» manteve a rubrica «Tempos idos» sobre coisas e assuntos oliveirenses. Usou o pseudónimo «Zil de França».

Versos finais de uma poesia dedicada às uvas: «Fogo de luz na latada, / Brasa de Sol a doirar / Os vinhedos da Bairrada / Que trazem pão ao meu lar. // Gotas de luz nos vinhedos / Derramam o Sol, em riqueza / A transmitir os segredos / Da profunda natureza!...».

Mealhada, frei Manuel da

Autor do *Prontuário histórico*, distribuído em várias séries, em que se oferecem aos curiosos as principais notícias da História Sagrada, Eclesiástica, Política e Civil. As sete partes de que se compõe foram impressas em Coimbra entre 1760 e 1764. A frei Manuel da Mealhada é também atribuída a autoria da «simplificação» de um manuscrito conservado na Biblioteca Pública do Porto, o segundo tomo da *Crónica da Santa Providência de Nossa Senhora da Sole-*

dade escrita por Frei Francisco de S. Tiago, original nunca impresso embora habilitado com todas as licenças necessárias para tal fim, de acordo com frei Bartolomeu Ribeiro no seu *Guia de Portugal Franciscano – Pro-manuscrito de 1946*. Crê-se que tomou o hábito no convento de Santo António dos Olivais (franciscano) em 1731. Proferiu em diversos pontos do país muitos sermões, que apareceram reunidos em *Orações Panegíricas* (Coimbra, 1754).

Melo, Adelino de

Jornalista e estudioso de história local. Adelino (António Neves) de Melo nasceu na Vacariça, Mealhada, em 29 de Janeiro de 1879, e ali morreu, com 70 anos, em 13 de Julho de 1949.

Manteve-se 48 anos em actividade. Solteiro, não deixou filhos nem exemplo seguido. Fundou, dirigiu e redigiu os primeiros periódicos publicados na sua região natal e não tardou a inserir gravuras nas

suas páginas quando tal era novidade. Embora possuidor de mera formação autodidáctica, embrenhou-se em investigações de história medieval e publicou diversos livros com estudos de carácter historiográfico.

Adelino de Melo começou em 1903, em Coimbra, a colaborar na revista «Os Novos», enquanto era administrador do jornal «Cidade de Coimbra» e depois, em 1907, da «Ilustração Luso-Africana». Entretanto, iniciava a sua ampla actividade como publicista. Publicou em 16 de Janeiro de 1901 o primeiro nº da «Revista do Luso», depois lançou «O Buçaco» em 8 de Dezembro do ano seguinte e em 1906 apareceu com «A Bairrada», que em 1908 ainda se mantinha. Foram estas as primeiras publicações periódicas bairradinas e todas tiveram Adelino de Melo a dirigi-las.

«A Bairrada Ilustrada» surgiu em Setembro de 1909 da mudança do título da anterior «A Bairrada», pois passou a incluir ilustrações.



O jornalista era hábil desenhador, gravador e caricaturista, e trabalhava normalmente sobre pedra de Ançã, suporte macio debaixo da incisão do buril. A inovação constituía um regalo para os olhos dos leitores, numa época em que rareavam as gravuras.

Mais tarde, em 1916, «A Bairrada Ilustrada» passou a intitular-se «Bairrada Elegante», publicação que se manteve até 1949, ou seja, durante 34 anos, até ao falecimento do seu director. A tal esforço do publicista acrescem 23 números especiais comemorativos de várias datas, com um total de centenas de páginas por ele também muito ilustradas.

Adelino de Melo é ainda autor dos livros *Folhas de Álbum*, 1917; *Concelho da Mealhada*, 1919; *Almanaque Ilustrado*, obra com edições em 1920 e 1922; *Vacariça Antiga e Moderna*, 1932; *Brasões de Armas do Concelho da Mealhada*, 1935; *Da Minha Carteira*, 1942; e

Subsídios para a História do Concelho da Mealhada, 1944. Escrevia com manifesta simplicidade e desleixo. No entanto, para além da sua actividade como jornalista regional, sobressai o valioso contributo que deu ao estudo da historiografia do



seu concelho e da sua terra natal, a Vacariça (que foi concelho de 1514 até 1837), onde o autor tentou localizar o antigo Mosteiro Bubulense ali dado como existente do século VI ao XI, mas do qual nem umas eventuais pedras apareciam.

Melo, Albano de

Político e jornalista. Nasceu a 18 de Março de 1844, em Águeda, e morreu a 27 de Março de 1913. Fundou com mais onze aguedenses o bissemanário «Sobrerania do Povo», que dirigiu durante uns 35 anos. O jornal publicou o primeiro número em 01-01-1879, proclamando-se actualmente como semanário o mais antigo jornal do país.

Albano de Melo (Ribeiro Pinto) concluiu o curso de Direito em Coimbra em 1872 e exerceu a advocacia em Águeda. Foi eleito para a Junta Geral do Distrito de Aveiro presidida por Alexandre de Seabra*; vereador, em 1885, da Câmara Municipal de Águeda, à qual depois passou a presidir;



deputado em 1887-1898, depois governador civil de Aveiro até 1900, e ainda conselheiro do Estado. Mereceu a cruz da Ordem de Isabel a Católica, de Espanha.

O conselheiro Albano de Melo, pai de António Homem de Melo (Toy)* e figura muito popular, foi nomeado em 1906 director-geral do Ministério da Justiça, lugar que manteve até Outubro de 1912. Colaborou em diversos órgãos de imprensa, como «Escola Popular» (1870-1871), de Águeda, em cuja região apoiou o partido contrário aos constitucionais liberais, afirmando-se como um vigoroso polemista de tendência conservadora.

Melo, António Homem de (Toy)

Poeta, ficcionista e jornalista. Nasceu em Águeda em 1868 e ali morreu em 1947. António Homem de Melo (de Macedo) relacionou-se em Coimbra, no período académico, com António Nobre e usou o diminutivo *Toy* que consta do *Só* nos conhecidos versos: «É logo ali: quinze quilómetros, é perto. / Espera-nos o Toy, extasia-se o Alberto» [de Oliveira]. Tem o seu nome inscrito no Penedo da Saudade, junto com outros da mesma geração. Era filho do conselheiro Albano de Melo*, fundador do jornal «Sobrerania do Povo» em 1879 e foi pai de Pedro Homem de Melo*. Tornou-se um jornalista muito notado e, tal como seu pai, de tendência monárquica. Essas convicções políticas motivaram a sua prisão em Águeda aquando do combate nas Barreiras, em 27 de Janeiro de 1919 (e a seguinte derrota dos monárquicos do Reino da Traulitânia) com os defensores aguedenses da República, nomeadamente Armando Castela* e Eugénio Ribeiro*.

António Homem de Melo (Toy) publicou o livro de poesia *Cantigas do Toy* (Montijo, 1940), com retrato do autor (aqui reprodu-



zido) e ilustrações de João Carlos*. São quadras referidas a «quando [Toy] por Coimbra andava». Versos de sua autoria figuram nas recolhas poéticas *Mil Trovas* e *Cancioneiro de Coimbra*, de Agostinho de Campos & Alberto Oliveira e Afonso Lopes Vieira, respectivamente. Toy escreveu textos de teatro (operetas e dramas) e publicou ainda os romances *História de Maria Flor* (Águeda, 1943) e *Menina de Ouro*, ambos escritos na Casa do Adro, situada no largo que evoca o poeta e que na actualidade alberga a Biblioteca Pública. Nas suas páginas de prosa ou de poesia abundam acentos nostálgicos e algo idílicos, tributários de um certo romantismo tardio, muito fiel à tríade Deus, nobreza e povo.

Melo, Joaquim Lopes Carreira de

Publicista e pedagogo. Nasceu no lugar da Mealhada em 16 de Julho de 1816 e viveu em Lisboa, onde terá morrido em data incerta.

Joaquim Lopes Carreira de Melo foi director-geral do colégio de Nossa Senhora da Conceição, na capital, segundo indica Inocêncio Francisco da Silva no seu «Dicionário». Publicou o *Compêndio de Civilidade extraído dos melhores autores* (Lisboa, 1851), reeditado pelo menos sete vezes, e

muitas outras obras sobre civilidade, moral, religião e corografia, tal como *Breve tratado de Corografia portuguesa*, 1851. Publicou ainda um *Compêndio de História de Portugal desde os primeiros povoadores até nossos dias* (Lisboa, 1853), obra que Inocêncio criticou detidamente, considerando-a descuidada, inexacta e parcial pela avaliação (pró-miguelista) que faz do período da guerra civil de 1828-1834.

Melo, Manuel Pedro de

Matemático e político liberal. Nasceu em Tavira a 6 de Agosto de 1765 e morreu em Ventosa do Bairro, Anadia, a 13 de Abril de 1833. Matriculou-se na Universidade de Coimbra em Matemática e Filosofia em 1790, em Medicina em 1793, e doutorou-se em Matemática em 1795. Foi aluno de José

Anastácio da Cunha, em Lisboa, e sofreu perseguições devido às suas ideias liberais. Em 1828, a contas com o governo miguelista, refugiou-se em Ventosa do Bairro, em casa de um amigo, pai do lente Abílio Afonso da Silva Monteiro, e ali faleceu com 68 anos de idade.

Melo, Pedro Homem de

Poeta, estudioso do folclore e professor. Nasceu no Porto em 6 de Setembro de 1904 e ali faleceu em 5 de Março de 1983. Manteve-se sempre em ligação afectiva

com Águeda, terra natal do seu pai, o poeta António Homem de Melo* (Toy). Publicou cerca de trinta livros de poesia, o primeiro dos quais foi *Caravelas ao Mar* (1934)

e, enfim, *Poesias Escolhidas* (1983). Publicou ainda quatro livros de ensaios sobre danças populares e folclore.

Como poeta, Pedro Homem de Melo foi distinguido com vários prémios entre 1934 e 1973, ano em que obteve o Prémio Nacional de Poesia. As



marcas do ambiente da sua infância, vivida no meio aguedense, transparecem em alguns dos seus poemas. Um crítico considerou-o atento e sensível ao lirismo oral do povo, pois reinventa quanto faz a grandeza e o en-

canto das formas mais tradicionais da poesia.

Mogofores, Barão de

Poeta neo-arcádico, jornalista e tradutor. Manuel Ferreira de Seabra da Mota e Silva foi o primeiro e único Barão de Mogofores, título concedido por D. Luís I (decreto de 20 de Maio de 1869). Os pais eram de Mogofores mas tinham uma ourivesaria em Coimbra, cidade onde ele nasceu a 17 de Novembro de 1786. Faleceu em Mogofores, na sua casa do Caneiro, a 21 de Novembro de 1873, com 87 anos de idade. Tem jazigo no cemitério local.

Entrou na Universidade de Coimbra em 1808 para se formar em Cânones. Fez parte do Batalhão Académico que enfrentou vitoriosamente as invasões napoleónicas.

Completoou os estudos e foi nomeado juiz de fora da Ilha da Madeira, onde se revoltou, em 1828, com José Lúcio Travassos Valdez, contra o governo de D. Miguel. Teve de exilar-se e na Inglaterra encontrou-se com o primo e cunhado António Luís de Seabra, que com ele desembarcou no Mindelo em 1832. Foi juiz ouvidor em Timor desde 1834, regressou em 1838 e foi nomeado desembargador da Relação do Porto. Em 1840 foi eleito deputado. Quando pôde



deixar estas actividades, passou a residir na casa do Caneiro, em Mogofores. Ali dedicou-se à jardinagem de tal modo que algumas espécies florícolas que cultivou ficaram com o seu nome.

Como poeta da Nova Arcádia, usou o pseudónimo de «Elmano Colimbriense». Um dos seus primeiros trabalhos é a ode que em Junho de 1808 dedicou ao comandante do Batalhão Académico, o vice-reitor Aragão Trigoso. Mas desenvolveu depois uma importante obra literária, que inclui títulos de poesia e estudos de história regional (por exemplo, acerca de Trás os Montes). Admite-se que será de sua autoria a *Galeria das Ordens Religiosas*,

antes atribuída a António Luís de Seabra (Visconde de Seabra*).

O Barão de Mogofores foi conselheiro do rei, juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, comendador da Ordem de Cristo e deputado da nação (1840-41). Quase não deixou livros publicados. As suas obras foram dadas à estampa em revistas e jornais, por exemplo o «Jornal de Belas Artes», «Beija-Flor», «O Investigador Português», «Jornal de Coimbra» e a «Revista Académica». As poesias assinava-as com o pseudónimo arcádico. Por outro lado, traduziu *Zaira*, de Voltaire e muitos romances do período romântico francês para o editor Cruz Coutinho, do Porto.

Moreira, José Francisco

Poeta popular contemporâneo de Manuel Alves*. Nasceu em 19 de Março de 1860, no lugar de Carvalhais, Moita, Anadia, e morreu no lugar de Ferreiros, sempre na Moita, em 4 de Julho de 1934, com 74 anos. Era a Moita também a terra natal do Poeta Cavadôr (falecido em 1901), logo, naturalmente, os dois poetas foram vizinhos, amigos e companheiros na arte de cantar ao desafio por feiras

e romarias da Bairrada. E enquanto o Alves do Vale de Boi encontrou em Tomás da Fonseca* o amigo que lhe coligiu e publicou os versos, José Francisco Moreira teve igual sorte na pessoa do conterrâneo Manuel Rodrigues Lapa*.

Apesar das diferenças que os separam, existe um evidente paralelismo entre estes dois poetas da Moita. Ambos saíram da freguesia natal apenas para tentar a sorte

(mas sem sorte) no Brasil; ambos pegaram na enxada para trabalhar a terra e ambos ali morreram. Porém, enquanto Manuel Alves viveu em completa pobreza e era quase analfabeto, José Francisco Moreira podia dizer-se «humilde lavrador», pois foi um pequeno proprietário rural, e conseguia escrever por seu punho.

As suas composições poéticas resultavam muito de improvisos. Iam juntos, frequentemente, às feiras e romarias da região para cantarem ao desafio, acompanhados por guitarra. As poesias deste outro autor, talvez por isso, parecem mais destinadas ao ouvido do que à leitura. E quando o Poeta Cavador morreu, ia José Francisco Moreira nos 41 de idade.

O livro das suas composições coligidas pelo mestre anadiense, então a residir em Lisboa, tem o título de *Versos do Campo* e saiu em 1922. Na introdução, Lapa considera-o «um sucessor de Manuel Alves», figura verdadeiramente tutelar da Bairrada naquele tempo. O livrinho foi impresso em Anadia quando o autor já tinha mais



de 60 anos. Continuou a compor, de modo que acabou por deixar inéditas outras 17 poesias, posteriores a 1922. O livrinho primitivo foi reeditado em 1989, com esses inéditos, pela Câmara Municipal de Anadia.

Os recursos estilísticos deste outro poeta popular ficam um tanto aquém da arte manifestada pelo Poeta Cavador. Sensivelmente de recursos mais limitados, os seus versos apresentam-se por vezes sem grande apuro formal. O autor critica costumes com graça, exprime saudades do que foi, mas apega-se bastante ao fatalismo da morte, tema recorrente de muitas poesias. Todavia, não deixa de surpreender o domínio conseguido por estes dois aldeões de poucas letras na exigente improvisação das décimas.

José Francisco Moreira fixou-se no lugar de Ferreiros quando se casou. No início dos anos '30, já no fim da sua existência, caiu em fazer o «elogio» do regime de Salazar numa saudação «Ao povo de Ferreiros», atitude que o deixou rodeado por antipatias que perduraram por muitos anos.

bibRIA

Navarro, Emídio

Advogado, jornalista e político. Emídio (Júlio) Navarro nasceu a 19 de Abril de 1844, em Viseu, e morreu no Luso a 16 de Agosto de 1905 com 61 anos de idade. Os pais, pobres, orientaram-no para o Seminário, que abandonou para se matricular em Medicina e logo em Direito, curso este que terminou em 1869, em Coimbra. Não tardou a escrever na imprensa e a distinguir-se. Redigia as sebatas e vendia-as aos colegas. Depois de tentar fazer carreira em diversas localidades do país, mudou-se para Lisboa, onde exerceu advocacia e militou no Partido Progressista, entrando para o quadro redactorial do jornal «O



País», seu órgão. Foi deputado em diversas legislaturas, de 1879 a 1890, e ministro das Obras Públicas (1886-1889) no gabinete presidido por José Luciano de Castro. Abriu grande parte das estradas do país, alargou os serviços florestais, ampliou o ensino comercial,

industrial e agrícola, desenvolveu o património nacional, etc.

Colaborou no «Conimbricense», na «Académica» (que fundou), no «Jornal de Coimbra» (do qual foi redactor principal), no «Correio da Noite», no «Primeiro de Janeiro» e nas «Novidades», que em 1885 fundou e dirigiu, e no «Progresso», que também fundou de parceria com António Enes.

Foi conselheiro de Estado, secretário do Tribunal de Contas (1889) e ministro de Portugal em Paris (1892). Regressou à pátria e, desiludido com o seu partido, abandonou a política para se dedicar inteiramente ao jornalismo, mantendo posições independentes. Os seus artigos, modelares, circulavam pelo país e exerciam grande influência. Quando algumas polémicas terminavam com duelo, ficou consagrado como um dos mais célebres polemistas da imprensa portuguesa (por exemplo no debate sobre a «questão dos tabacos»).

A sua ligação à Bairrada evoca a participação que *Emygdio* (segundo a ortografia coetânea) Navarro teve no projecto de construção do palácio do Buçaco e na

moradia, ainda existente, que para si mandou construir no Luso, onde residiu até que a doença o vitimou. A moradia andou no centro de uma outra polémica famosa, pois adversários políticos do estadista acusavam-no, sem provas, de que o *chalet do Luso* fora por ele construído com comissões desviadas das obras do porto de Lisboa. Os ecos de tal discussão repercutiram-se bastante por estas imediações. Pode dizer-se que o advogado, político e jornalista ficou a pertencer também à Bairrada graças a tudo o que fez pelo Luso, onde foi erigido um monumento à sua memória.

Emídio Navarro colaborou em quase todas as publicações periódicas da sua época. Escreveu nomeadamente a narrativa *Quatro dias na Serra da Estrela*.

Navega, Luís



Médico, poeta e jornalista. Luís Navega nasceu em Antes, Mealhada, em 1872, e morreu em 11 de Abril de 1944,

em Aguim, Anadia, onde morava. Formou-se na Faculdade de Medicina coimbrã em 1903, mas já antes começara a notar as virtudes terapêuticas da água da Curia. Jorrava de fonte pública e corria pela várzea da Mata enquanto o povo vizinho lhe atribuíra curas de

doenças de pele. (O caso remontava, ao que parece, à cura de um engenheiro francês que trabalhara na construção dos caminhos de ferro em 1865.) Pediu análises a Charles Lepierre, professor de Química na Escola Brotero de Coimbra. Depois, entusiasmado, animou Albano Coutinho* e outros amigos para a formação, em 1900, da Sociedade das Águas da Curia, que abriu umas modestas termas em 1 de Junho de 1902. Foi o seu primeiro director clínico e nesse lugar se manteve 40 anos,

muitos dos quais em serviço gratuito.

Publicou o estudo *Águas Medicinais – Curia*, em 1918. Ergueu o Palace Hotel na sua quinta da Curia (ampliado e gerido por Alexandre de Almeida desde 1920), promoveu o turismo e, graças aos esforços envidados, nos anos '20 a estância da Curia já era conhecida em todo o país. Além disso, Luís Navega colaborou abundantemente na imprensa regional. Em 1892 publicara o livro *Pérolas Íntimas*, de poesia.

Negrão, Joaquim Saro

O musicólogo Joaquim Saro Negrão nasceu em Cantanhede em 17 de Janeiro de 1896. Foi ajudante de notário. Recebeu as primeiras lições de música na vila natal e por aí se ficou, mas soube tornar-se executante admirado, em instrumentos de sopro, e também em composição e orquestração. Compôs mais de uma centena de peças de música ligeira, das quais apenas 57 foram registadas como de sua autoria, além de mais 19 que escreveu expressamente para o Rancho Regional Os Esticadinhos, nomeada-

mente o seu hino, «Saudação». Esta peça foi publicada em São Paulo, pela casa Irmãos Vitale, com arranjo para piano de Orlando Fagnani. Organizou conjuntos orquestrais de jazz a partir de 1926, emigrou para Moçambique, actuou na Rádio Clube, afinou pianos. Regressou a Cantanhede em 1935, mudou-se para Lisboa e tornou a Moçambique, compondo abundantemente, orquestrando, executando. Faleceu em 20 de Julho de 1957, na capital de Moçambique, e ali foi sepultado.

Neto, Celestino



Escrivão e jornalista. Nasceu em 20 de Abril de 1887, em Asseguins, Águeda, e ali morreu em Setembro de 1969 com 82 anos. Celestino (da Silva)

Neto frequentou o seminário até ao 4º ano teológico e começou a ensinar no colégio do padre Leitão, em Aveiro. Afirmou-se sempre como republicano e democrata convicto. Foi presidente da Câmara Municipal de 1914 a 1917, período em que se iniciou a construção do quartel militar que depois recebeu a Escola Central de

Sargentos. Durante 18 anos esteve colocado no tribunal de Anadia como escrivão-notário. Colaborou prolongadamente nos jornais «A Ideia Livre» e, como redactor principal, no efémero «Voz de Anadia» (1925-1926). A seguir mudou-se para o Porto, onde foi escrivão de Direito durante 20 anos. Reformado em 1955, passou a residir em Águeda para se dedicar mais de perto ao jornal «Independência d'Águeda», dirigido desde 04-01-1908 pelo dr. Eugénio Ribeiro* (falecido em 1962), que Celestino Neto também dirigiu na última fase e em cujas páginas colaborou durante cerca de 60 anos.

Nóbrega, Maria da



Maria (da Conceição de Melo Ferreira) da Nóbrega (Araújo) nasceu na Mealhada a 8 de Dezembro de 1875. Usou o pseudónimo de «Miriam».

Residiu na quinta do Marco (Mealhada) e em Lisboa. É autora de uma peça de teatro,

Diplomacia Americana, que foi à cena em Lisboa interpretada por Lucinda Simões e filha. Publicou ao que parece um único livro, *Fumo dos Casais*, contos. Colaborou nos jornais «O Dia», «O Buçaco», na revista «Eva» e outras publicações. Morreu solteira em Lisboa a 2 de Janeiro de 1941 e foi sepultada na terra natal.

Nogueira, Heitor Maia

Colaborador de jornais. Nasceu em Tamengos, Anadia, a 10 de Julho de 1922 e ali morreu a 6 de Dezembro de 2000 com 78 anos de idade. Heitor (Joaquim) Maia Nogueira, alfaiate de profissão, tinha formação autodidáctica, o que não o impediu de colaborar longamente, desde cedo, em diversos jornais e revistas. Publicou um livro (*Na Onda da Emigração*, Águeda, 1992) com as suas im-

pressões dos Estados Unidos, para onde emigrou com 57 anos e donde regressou, reformado, em 1989. Colaborou ainda no volume de autoria colectiva *Encontros de Escritores e Jornalistas da Bairrada – Comunicações* (Anadia, 1991).



Nora, José da Silva

Poeta popular. Nasceu em 1820, no lugar de Pisão, freguesia de Cantanhede, onde morreu, já idoso, a 14 de Abril de 1894 (ou 1896?), pois ali tinha a sua humilde casa. Também conhecido pela alcunha de «José da Barbeira», José da Silva Nora ficou consagrado como poeta popular de reconhecidos méritos. Compunha décimas de improviso para animar festas e arraiais, embora mal soubesse escrever o nome. Segundo um seu filho (o cónego Moisés

Nora*, autor do livro *Perfis, Cartas e Borrascas*, 1914), proferia sábias sentenças e não apenas em verso. Foi bom administrador de fazendas no Ribatejo. Casou quatro vezes. De feito folgazão, era convidado por gente importante da Bairrada e da Gândara para as suas reuniões festivas, onde dizia versos divertidos, cáusticos ou brejeiros. E os namorados também lhe pediam rimas. Parece que todas se perderam, pois não terão chegado a ser impressas.

Nora, Moisés

Autor literário, missionário e jornalista. Nasceu em Pisão, lugar da freguesia de Cantanhede, em 8 de Janeiro de 1870, e morreu na cidade de Mogi-Mirim, no estado de São Paulo, Brasil, em 26 de Agosto de 1947, com cerca de 78 anos de idade. O cônego Moisés (da Silva Costa) Nora frequentou o Seminário de Coimbra e ordenou-se em 1892. Foi vigário em Cadima, no mesmo concelho, e capelão em S. Caetano. Era filho do poeta popular João da Silva Nora*. Na infância foi caixeiro em Portomar, Mira. Na sua casa abundavam as privações e ele, na loja, abusou das guloseimas; foi despedido e o pai, defensor de inflexível honradez, aplicou-lhe severos castigos corporais que o próprio evoca, com graça e desfastio, no livro de memórias *Perfis, Cartas e Borrascas* (1914). Partiu para o Brasil em 1902, onde viveu 47 anos, desenvolvendo uma abundante actividade pastoral, e festejou 50 anos de sacerdócio. Em 1909

mereceu o título de cônego honorário da Sé de Lamego. Legou por morte os seus bens de Cadima ao asilo do Hospital do Arcebispo de Cantanhede.

Iniciou em 1888 a actividade jornalística colaborando no «Imparcial» de Coimbra. Ao longo da sua vida escreveu em inúmeros jornais dos distritos de Coimbra e Aveiro. Em Julho de 1889 passou a colaborar assiduamente no «Jornal de Cantanhede» (com os pseudónimos «Lince» e «Aronvalis»), escrevendo acerca da colónia portuguesa no estado de São Paulo. Foi também redactor da revista ilustrada «Sol da Verdade».

Além de *Perfis, Cartas e Borrascas*, Moisés Nora publicou os livros: *A Mocidade e o Destino*, obra de estreia prefaciada por José Maria Ançã* em termos algo duros, *Cartilha Familiar ou Breve Resumo da Doutrina Cristã, Recordações da Pátria*, 1903, *Facelistas*, 1922, *Lírios e Hortênsias* e outros.

Oliveira, Carlos de

Poeta e romancista da Gândara. Nasceu em 1921, em Belém do Pará, Baía, no Brasil, país do qual veio com 2 anos, com seu pai, médico, para se fixar na vila de Febres, Cantanhede, e morreu em Lisboa a 1 de Julho de 1981, com 60 anos de idade. Na vila adoptiva frequentou a escola primária, deixando-se impregnar para sempre pelo ambiente gandarês que pôs a vibrar com arte e admirável crepitação humana, em todos os seus livros de ficção e poesia.

Carlos (Alberto Serra) de Oliveira estudou em Coimbra, onde conviveu com Fernando Namora e outros escritores da geração neo-realista. Deste modo, naturalmente, o seu primeiro livro, de poesia (*Turismo*, 1942), surgiu integrado na colecção «Novo Cancioneiro» que naquele ano dava os primeiros passos. De

facto, desde *Casa na Duna* (1943) até *Finisterra* (1978), romance este que foi o seu derradeiro livro, Carlos de Oliveira consagrou-se definitivamente como «o escritor da Gândara».

De facto, toda a obra literária deste escritor de estirpe invulgar é povoada por reminiscências gandasas reconhecíveis, sejam topónimos, tipos populares, nomes, ambientes e paisagens. Qualquer evocação da Gândara, posterior à leitura da obra, arrasta naturalmente consigo as memórias que aquele pequeno universo «pobre e desolado» deixa no leitor.



Carlos de Oliveira afirmou-se como um admirável, poderoso artista da palavra. O seu extremo rigor patenteou-se significativamente nas sucessivas refundições a que foi submetendo as primeiras edições dos seus livros e que até o levaram a repudiar *Alcateia* (1944). Por exemplo, o romance *Casa na Duna* foi refundido em 1964; *Uma Abelha na Chuva*, de 1953, foi refundido dez anos mais

tarde (Fernando Lopes fez então um filme do romance); *Pequenos Burgueses*, de 1948, foi refundido em 1970, etc. Este afã de perfeição situou desde cedo o escritor num lugar muito especial dentro do movimento neo-realista, para não dizer numa das suas margens. E tanto afã não poderá separar-se do sucesso estrondoso alcançado pela sua obra e que bem se demonstra nas reedições que merece.

No espelho bairradino



Sendo à evidência «o escritor da Gândara», Carlos de Oliveira também o será bastante da Bairrada. Com efeito, a obra global do autor de *Turismo* (cujo cinquentenário, não por acaso, foi devidamente assinalado em 1992 na «Terra Verde») interessa particularmente aos bairradinos devido à contiguidade das duas regiões. Ora a contiguidade implica uma continuidade no sentido concreto em que diversos estudos sociológicos se pronunciam, referindo por exemplo que o povoamento das areias gandraesas antes desertas se desenvolveu em grande parte a partir da Bairrada. Daí terá resultado a raiz de uma «influência». Apenas no aspecto vocabular, nota-se que o léxico utilizado pelo escritor apresenta importantes similitudes com algumas terminologias usadas pelos bairradinos.

Oliveira, Jaime de

Professor primário e musicólogo. Nasceu em Aveiro a 3 de Maio de 1888 e morreu na Mamarrosa, Oliveira do Bairro, a 4

de Agosto de 1940, com 52 anos de idade. Jaime de Oliveira (Pinto de Sousa), irmão de José de Oliveira*, frequentou o Seminário e

a Escola Normal do Porto. Fundou e regeu a Filarmónica da Mamarosa, enquanto se dedicava ao ensino primário. Promoveu a construção da escola onde depois trabalhou, que foi oferecida ao Estado,

e também o designado Centro Recreativo e Musical da freguesia. Foi autor, de colaboração com Júlio Gapo*, da revista *O Bate Certo* e outros espectáculos populares que ensaiou e levou ao palco,

Oliveira, José de

Professor e maestro. Nasceu em Aveiro a 11 de Abril de 1879 e morreu no Troviscal, Oliveira do Bairro, a 1 de Agosto de 1944. Pertenceu à família de músicos de Jaime de Oliveira*, seu irmão. José iniciou-se também na arte desde cedo, seguindo o exemplo paterno. Na sua escola fez a instrução primária, continuou estudos em Fermentelos e a seguir frequentou o Seminário do Porto; integrou-se na respectiva tuna e logo no Orfeon Portuense, experimentou o palco e por fim formou-se na Escola Normal. Como professor e maestro, José de Oliveira criou bandas e tunas em Fermentelos, Palhaça e Troviscal. Residiu no Troviscal, onde ensinou e logo casou, em 1906. Esta freguesia passou a revelar grandes inclinações musicais, manifestadas entre vincados sentimentos republicanos. O republicanismo da população trovis-

calense atingiu o rubro, anos depois, quando alguns padres anti-republicanos do concelho intrigaram o bispo de Coimbra, que lançou a 18-11-1922 um «interdito à música do Troviscal», muito famosa na redondeza e no país, alegadamente porque a banda tocava em funerais civis assim como em igrejas. Toda a freguesia, aliás abundante de fé católica, se sentiu excomungada, e os conflitos multiplicaram-se ao longo de muitos anos, deixando nas memórias ecos perduráveis. A primeira reacção da população, apoiada por Tomás da Fonseca*, deputado Costa Ferreira, Tiago Ribeiro e outros republicanos, foi a de lançar um «interdito sobre todos os padres que, dentro dos limites desta freguesia, não poderão



praticar qualquer cerimónia religiosa». O clero concelhio endureceu, foi ao ponto de apontar a Assembleia Republicana Instrução, Recreio e Beneficência (ali fundada em 25-10-1924 e inaugurada três anos mais tarde) como a «casa do Diabo», e cresceu o ambiente de geral agitação. Registaram-se peripécias memoráveis: por exemplo, nas festas da Rainha Santa de 1926, em Coimbra, a banda tocou o hino nacional durante duas horas ininterruptas, cercada por polícias postos em sentido, mas por fim os músicos, exaustos,

tiveram de seguir presos para o Governo Civil. João Evangelista, bispo da restaurada diocese de Aveiro, resolveu a situação levantando definitivamente o interdito por decreto de 07-09-1939. Entretanto, à frente da música do Troviscal esteve sempre, corajoso e firme, o seu maestro. A ele se deveu a formação das bandas escolar e infantil, alfobre de excelentes executantes. Ao prof. José de Oliveira se deveram ainda os arranjos musicais de alguns espectáculos de revista. Um busto em bronze evoca-o no centro da freguesia.

Oliveira, Procópio de

Poeta e jornalista. Nasceu em 8 de Maio de 1882, em Ílhavo. Foi jornalista durante mais de 40 anos, à frente de «O Nauta», jornal ilhavense lançado a 22-09-1904, que ele próprio dirigiu, administrou e em boa parte compôs, redigiu e até distribuiu.

O último nº do jornal que nos foi dado ver publicado tem a data de 31-12-1955. Exibiu longamente no



Retrato por João Carlos

cabeçalho uma citação de Ibsen: «O homem forte é o homem só» e honrou-se com a colaboração de autores, não só ilhaveses, como Samuel Maia*, José Maria Ançã* e Manuel Ançã, Alexandre da Conceição*, João Grave*, João Carlos* Celestino Gomes, etc., pois, durante

muitos anos, foi o único a sair em Ílhavo. O jornal declarava-se libe-

ral independente, mas após a implantação da República, Procópio de Oliveira passou a defender publicamente a democracia e o socialismo. Todavia, anos depois, distanciou-se, com o seu jornal, da política activa.

«O Nauta» e o seu director, pessoa modesta mas vertical e corajosa, tornaram-se muito conhecidos e estimados na Bairrada, onde era frequente ver a sua figura magra e de olhos piscos a pedalar pelas estradas numa bicicleta em cujo quadro metia a sua pasta de cabedal. Nas suas colunas colaboraram também variados autores bairradinos.

Publicou versos torrenciais da sua lavra no seu jornal mas estreou-se com *Primeiras Letras*, versos da juvenília, em 1903, seguindo-se o opúsculo *O Sonho de Clarinha. Estudos sociais – I* (Ílhavo, 1907), *Versos do Coração* (Aveiro, 1911), *Nevroses* (Aveiro, 1917), com mais versos, e *Portugal, Jardim da Europa – Costumes, aspectos e impressões* (Lisboa, 1948).

Procópio de Oliveira teve um filho homónimo, que emigrou para o Brasil em Julho de 1925, com 16 anos, e publicou prosas e versos no jornal paterno e em «O Ilhavense».

...e a sua obra, que se tornou um dos mais importantes documentos da história da imprensa brasileira. O livro, publicado em 1987, é uma obra de referência para todos os interessados em história da imprensa e da cultura brasileira. O autor, Ovídio de Oliveira, é um dos mais importantes pesquisadores da área e sua obra é considerada uma das mais importantes da história da imprensa brasileira.

Oliveira, Procópio de

Poeta e jornalista. Nasceu em São Paulo em 1932, em São Paulo. Foi jornalista durante mais de 40 anos. A partir de 1987, foi jornalista do jornal "O Estado de São Paulo". Em 1987, foi eleito para o cargo de diretor-geral do jornal. Em 1987, foi eleito para o cargo de diretor-geral do jornal. Em 1987, foi eleito para o cargo de diretor-geral do jornal.



Procópio de Oliveira

...e a sua obra, que se tornou um dos mais importantes documentos da história da imprensa brasileira. O livro, publicado em 1987, é uma obra de referência para todos os interessados em história da imprensa e da cultura brasileira. O autor, Ovídio de Oliveira, é um dos mais importantes pesquisadores da área e sua obra é considerada uma das mais importantes da história da imprensa brasileira.

Pato, Manuel dos Santos

Advogado, jornalista e colaborador de jornais. Manuel dos Santos Pato, abastado proprietário rural de vincadas convicções democráticas, viveu entre 1885 (?) e 1969. Morou na Barreira, Bustos, Oliveira do Bairro. Licenciou-se na Faculdade de Direito de Coimbra em 1921 mas nunca advogou. Começou a interessar-se pelos jornais logo no Liceu de Aveiro, onde dirigiu «A Verdade», publicação académica. Antes, terá começado por escrever na imprensa em «O Nauta», de Procópio de Oliveira*. Já estudante universitário, lançou «A Briosa» em 15 de Novembro de 1911 (com o n.º 51 porque ele quis continuar «A Verdade»), após o que o jornal ficou como expressão da Academia coimbrã; o dr. Manuel dos Santos Pato assumiu a direcção da «Briosa» enquanto António Gomes da Rocha Madahil era redactor.

Continuou ligado aos jornais, como redactor do «Alma Popular», surgido na sua terra natal, em 05-10-1918, sob direcção de Augusto Simões da Costa*. No agitado ambiente da época, acabou ele próprio por tomar em 11-03-1922 a direcção do jornal republicano e regionalista transferido para Oliveira do Bairro. Desde o início o periódico reivindicou no cabeçalho a pertença à «região bairradina» e teve a colaboração de variados elementos da «Plêiade Bairradina», criada em Setembro de 1918. Manuel dos Santos Pato, em curiosa polémica com António de Cértima*, então redactor do «Gente Nova», chegou a reclamar para si a autoria e a introdução da expressão «região bairradina». Entretanto, até 1926, M. S. Pato



foi conservador do Registo Civil e presidente da Câmara Municipal em Oliveira do Bairro. Em seguida, decerto desiludido com a situação política, passou a dedicar-se

à administração das suas propriedades mantendo enquanto pôde o seu jornal (até 06-07-1941, data em que foi suspenso pelo regime de Salazar).

Pato, Mário



Enólogo e publicista. Mário (dos Santos) Pato nasceu no Passadouro, Troviscal, Oliveira do Bairro, a 15 de Outubro de 1891 e morreu a 17 de Novembro de 1974. Fre-

quentou a Escola Agrícola de Coimbra, depois concluiu em 1920 o curso de engenheiro agrônomo no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa. Foi colocado na II Sub-Região Agrícola de Anadia em 1922 e no ano seguinte transitou para a Estação Vitivinícola da Beira Litoral, também em Anadia (Estação que dirigiu desde 1928), onde iniciou cursos intensivos de vinificação com resultados memoráveis. Os

processos modernizaram-se. Entretanto, presidiu ao Sindicato Agrícola de Anadia (1924) e co-fundou no Troviscal, no mesmo ano, a Assembleia Republicana Instrução, Recreio e Beneficência.

Mário Pato é autor do livro *Instruções sobre o Fabrico e Conservação dos Vinhos de Pato*, muito reeditado e divulgado desde 1928 até pelo menos 1945. Firmou a sua reputação no país e no estrangeiro, publicou trabalhos em periódicos como «A Ideia Livre», de Anadia, onde manteve em 1934-35 uma «página agrícola» com Adriano S. Soares, na «Gazeta das Aldeias» e «Revista de Agronomia» (por vezes de colaboração com colegas) e, já reformado (em 1958), publicou ainda, nomeadamente, o livro *Anomalias da Enologia Portuguesa*, sobre questões do vinho do Porto.

Pato, Octávio

Técnico de viticultura e enologia. Nasceu no Troviscal e morreu a 20 de Fevereiro de 1994, já reformado, na Mamarrosa, Oliveira do Bairro, onde viveu os seus últimos



anos. Era filho do também enólogo Mário Pato*. Publicou o livro *O Vinho*, que teve várias edições, além de colaborações em revistas da especialidade e jornais regionais.

Pepino, Rodrigues

Poeta, inspector escolar e professor. (António) Rodrigues Pepino (Leónidas) nasceu em Fermentelos, Águeda, a 6 de Julho de 1884 e morreu em Coimbra a 4 de Janeiro de 1970. Em 1975 ficou sepultado na terra natal. Foi professor primário e inspector escolar em Aveiro, depois passou a residir em Coimbra, onde leccionou a nível do secundário. Publicou um único livro de poesia, *Nas Curvas da Estrada* (Porto, 1922) que saiu com chancela da «Plêiade Bairradina», grupo que integrou desde a sua criação. A *plquette* de apresentação deste grupo formado por Acúrcio Correia da Silva* e António de Cértima* em 15 de Setembro de 1918 inclui uma poesia do autor.

No volume de estreia anuncia dez livros inéditos, quatro de

poesia e seis de prosa, sobre questões do ensino. Ficaram no limbo, tal como uma projectada reedição do seu único livro, além de um volume de versos que intitulava «À Sombra do Lago», dedicado à Pateira. Colaborou em obras de autoria colectiva, designadamente no *In memoriam* do editor-livreiro António Figueirinhas (Porto, 1945).

Dispersou numerosos prosas e poemas por jornais regionais, que escreveu por vezes a pedido de amigos ligados aos periódicos de localidades pelas quais passava em deslocação profissional e que



atendia compondo os textos logo ali. Essas produções encontram-se por recolher e analisar.

Rodrigues Pepino (assim assinou o seu livro) não escondia sentimentos monárquicos, que manifestou em artigos de opinião na imprensa regional. O apelido Leónidas, pseudónimo literário, foi reivindicado como apelido civil em resultado de uma polémica de teor político que ele, então muito

novo, travou com o jornal «Sobrerania do Povo», de Águeda.

Os poemas, geralmente sonetos, do livro *Nas Curvas do Caminho* revelam uma sensibilidade poética muito apurada, além de cultura e bom gosto, muito fiel às tendências do lirismo português da época. O que poderia faltar a Rodrigues Pepino num aspecto renovador é compensado por um sentimento vivo da sua terra e da sua gente.

Pereira, Carlos

Médico e jornalista bairradino. Nasceu na Poutena, Vilarinho do Bairro, Anadia, em 2 de Novembro de 1899, viveu no Troviscal e morreu em Sobral do Monte Agraço (Grande Lisboa) em 28 de Agosto de 1995 com quase 96 anos. Filho do lutador republicano José Francisco Pereira, também ele defendeu o regime já instaurado contra os perigos que o ameaçavam.

Carlos (Francisco) Pereira fez-se notar no período académico, ao ponto de ter partido em Agosto de 1928, por dois meses, para Luanda. Regressou em triunfo



e, concluído o curso, em Lisboa, tomou em 05-01-1929 a direcção de «A Ideia Livre», de Anadia, muito influente «semanário republicano e defensor dos interesses da Bairrada».

Experimentou a expressão poética, pois publicou poemas na imprensa. Fixou residência na Amoreira da Gândara e exerceu clínica em freguesias da redondeza. A publicação de «A Ideia Livre», iniciada em 28-07-1928, então sob a direcção de Albano Rodrigues Pato, manteve-se pelo menos até 1944, sempre dirigido pelo dr. Carlos Pereira.

Pereira, José Diogo

Jornalista e escritor. Sabe-se pouco deste autor. Fez-se notar como director de «O Ideal», jornal que terá sido o primeiro a surgir em Oliveira do Bairro. Designou-se como «semanário independente (defensor dos interesses do concelho)» e publicou o primeiro nº a 14-03-1909, tendo Arnaldo Tavares de Castro como administrador.

No jornal, o director afirmou: «Desligado de todos os compromissos partidários, tendo só a verdade em vista, o *Ideal* abster-se-á de contender com as paixões dos homens, cõscio de que a controvérsia apaixonada promove a discórdia, desata em vez de estreitar os fraternais vínculos da solidariedade social.» E mais tarde insistiu: «Odeio a política». Mas travou uma longa polémica com o truculento padre Maneta, oliveirense. Entretanto, Acúrcio Correia da Silva*, António Barata* e outros eram colaboradores assíduos do jornal. Foram exactamente o director e o administrador de «O Ideal» que intervieram no conhecido episódio: um dia tiveram que

fechar o então seminarista Acúrcio para o obrigarem a escrever a crónica habitual.

Em 05-11-1910, o director passou a designar-se redactor principal, ficando o jornal desprovido de direcção e assim se conservou pelo menos até 29-06-1912 (4º ano, nº 172).

José Diogo Pereira publicou o livro *A Perversidade Jesuítica* seguida de *A Missão Maldita* (Aveiro, 1912) de ataque aos Jesuítas, alinhando na polémica pelo lado republicano. A primeira parte pretende ser o testemunho polémico de uma experiência vivida e a segunda parte narra um crime de sedução de uma donzela por um padre. O autor alega que esteve dois anos num colégio de jesuítas em Nova Friburgo (cidade brasileira por sinal fundada pelo Dr. José Feliciano de Castilho*) e, morando já em Oliveira do Bairro, editou o livro para lançar o «desabafo dum revoltado contra a infâmia e contra a hipocrisia». A obra foi anunciada e esteve à venda no jornal «O Ideal».

Pessoa, João Crisóstomo Amorim

Arcebispo, humanista e benemérito. Nasceu em 1810 em Cantanhede e morreu em 25 de Dezembro de 1888, com 78 anos, na sua quinta de S. João Baptista de Cabanas, S. Martinho de Dume, Braga, como arcebispo-bispo resignatário da sé primaz de Braga. João Crisóstomo Amorim Pessoa entrou aos 16 anos como noviço no convento de Santo António da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco, em Cantanhede, e professou em 1827. No convento de Santo António de Lameda, em Lisboa, entre 1828 e 1830, estudou filosofia racional e moral, geometria e física. Esta formação em ciências exactas reflectiu-se posteriormente nos seus sermões, pastorais e discursos, marcando-os com um sinal de renovação quanto ao papel da Igreja. Passou para o colégio de Santo António da Pedreira, em Coimbra, e em 1833 teve licença para pregar. Porém, a extinção das ordens religiosas, em 1834, fê-lo recolher como secular à sua terra



natal. Em 1843 matriculou-se no curso de Teologia, que concluiu em 1849 e em 1850 obteve o grau de doutor. Nomeado bispo de Cabo Verde e logo de Goa (1862-1874), D. João Crisóstomo empenhou-se ali nas questões da religião

no Oriente.

Ofereceu uma vasta biblioteca e publicou uma colecção de textos de sua autoria (Nova Goa, Tipografia Nacional, 1869) e, em latim, *Theologiae dogmaticae institutiones, quas Aloysius Vicentius Cassittus...* (idem, 1865) e *Historiae ecclesiasticae compendium, quod auctore Henrico Guilielmo Wonters, revisit, in meliorem redigit formam...* (idem, 1869). Passou férias na sua quinta de Santa Mónica, em Cantanhede, foi nomeado par do reino e, em 1876, tomou posse da sé primacial de Braga como arcebispo. Ali tornou a oferecer mais uma biblioteca, uns sete mil volumes, a Seminário. Em 1882 impediu a transferência de uma parte da diocese de Braga para a do Porto renunciando

à cadeira primacial de Braga. No ano seguinte, 1883, retirou-se para a sua quinta de Cabanas, onde assinou testamento que nomeou a irmandade da Misericórdia de

Cantanhede sua única e universal herdeira. A sua biblioteca pessoal, cerca de 3.000 volumes de género muito variado, foi doada à Câmara Municipal de Cantanhede.

Pina, Aníbal S.

Solicitador, comediógrafo e animador do teatro amador. Nasceu em Anadia a 28 de Agosto de 1905 e ali morreu a 23 de Fevereiro de 1982. Aníbal S. (imões) Pina foi secretário de redacção do jornal «A Bairrada», de Anadia, e colaborou em outros jornais regionais republicanos e democráticos. Distinguiu-se ainda

como desportista, mas foi sobretudo apreciado pelos espetáculos de revista que escreveu e ensaiou em Anadia, nomeadamente *Champanhalândia* e *Preliminares de Revista*, 1932, *Aí vai disto*, 1951, e *Ora toma lá!*, 1952. Era figura conhecida e estimada, pelo que uma rua da vila tem o seu nome.

Pinheiro, frei Jorge

Professor universitário, teólogo e pregador. Nasceu em Águeda e morreu em Coimbra nos séculos XVI e XVII. Professou na Ordem Dominicana em 15-02-1589 e foi nomeado para lente de Escritura Pequena da Universidade de Coimbra em 16-07-1621, tendo tomado posse do cargo em 20-03-1623. Em 17-08-1629 foi nomeado para reger Escritura

Grande, datando a provisão da nomeação de 02-11-1629. Em 1634 foi eleito provincial da sua Ordem. Jubilou-se por provisão de 07-02-1647.

Frei Jorge Pinheiro compôs três sermões, mas apenas restam notícias de dois deles: *Tractatus de Abrahamo* e *Tractatus de laudibus Evangelistae e Baptistae*.

Pinho, José Joaquim da Silva

Autor da curiosa «história verdadeira duma família da freguesia de Valongo do Vouga», Águeda, com datas entre 1846 e 1895. José Joaquim da Silva (Santiago e) Pinho nasceu em Jafafe de Baixo, Macinhata do Vouga, Águeda, em 15 de Setembro de 1821, e ali morreu a 15 de Abril de 1889, com 67 anos. Matriculou-se na Faculdade de Direito de Coimbra em 1840 e concluiu o curso em 27 de Junho de 1845. Notabilizou-se como advogado e jurista no concelho do Vouga (extinto em 1855), no julgado de Arrancada e em Águeda.

A narrativa de que é autor intitula-se *As Meninas Mascarenhas* e descreve um caso muito falado na imprensa da época, que apaixonou a opinião pública do país,

incluindo os responsáveis políticos, ao ponto de levar Camilo Castelo Branco a escrever a obra *As Meninas Roubadas*. O dr. José Joaquim da Silva Pinho publicou a primeira edição desta narrativa no século XIX. Presume-se que terá assistido aos acontecimentos que relata, minuciosamente, e que ilustra com fotografias das pessoas ou dos locais envolvidos. Entre estes locais figuram Torre-deita, Tondela, Ois do Bairro e Oliveira do Bairro, figuras eminentes da Bairrada, etc. Os jornais aguedenses «Soberania do Povo» e «Independência de Águeda» publicaram em tempos a obra em folhetins. A última inserção deve-se ao jornal «Valongo do Vouga», que a editou em volume em 1984.

Pinto, Álvaro Cerveira

Artista e poeta precoce. Nasceu na Póvoa do Garção, Mealhada, em 1896 (?) e morreu com meningite, apenas com 14 anos de idade, no mesmo lugar, na quinta do Passeio, propriedade dos seus pais, em 24 de Setembro de 1910,

ficando sepultado em Ventosa do Bairro. Foi considerado um menino-prodígio. Aos 5 anos já escrevia e lia correctamente. Os seus dotes artísticos também não tardaram a revelar-se. Desenhou e esculpiu (por exemplo em barro, um

«Senhor dos Aflitos» para a capela da quinta), afirmando-se como um surpreendente caricaturista: quando não conseguia identificar pelo nome uma determinada pessoa com quem falara, retratava-a no papel e logo os seus pais a reconheciam.

A sua morte, tão prematura, foi sentida em Coimbra e Aveiro, onde Álvaro Cerveira Pinto já era conhecido. No jornal académico «A Verdade», de Aveiro, Marques

Gomes dedicou-lhe então referências muito enaltecedoras e o jornalista Adelino de Melo*, da Mealhada, evocou igualmente a sua memória.

No espólio familiar que resta de tão precoce artista podem apreciar-se ainda pequenas composições: aguarelas, guachos, um óleo sobre chapa e variadas caricaturas. Quanto aos seus versos, poucos terão sido impressos.

Pinto, Ercília

Escritora, professora e colaboradora da imprensa. Ercília Pinto nasceu em 1914, em Aguada de Cima, Águeda, e residiu algum tempo na vila de Oliveira do Bairro, onde faleceu em 11 de Agosto de 1980. Residiu também em diversas localidades da Beira Litoral depois de se formar na Escola do Magistério Primário de Coimbra, cidade que frequentou nomeadamente para participar nos cursos de Verão da Universidade e colaborar em semanários («Gazeta de Coimbra» desde 1942, «Gazeta do Centro», etc.). Ligou-se ainda à cidade dos canais, colaborando na revista «Arquivo do Distrito de Aveiro», à Curia e nomeadamente

a Soure, onde leccionou durante muitos anos. No semanário «Alma Popular», de Oliveira do Bairro, inseriu nos anos '30 poesias líricas de recorte clássico.

Entre 1940 e 1970, Ercília Pinto publicou mais de uma dúzia de obras: de poesia, teatro, estudos vários e crónica. Os seus livros rareiam hoje nas bibliotecas públicas. A autora publicou-os sempre rejeitando a mediação de qualquer editor. Esta atitude de notória desconfiança foi ao ponto de cancelar com carimbo e numerar os



exemplares de alguns deles, controlando a exactidão das respectivas tiragens feitas pelas tipografias ou as boas contas de distribuidores-livreiros. Mas cedo pretendeu eliminar também os intermediários livreiros, passando a recolher assinaturas directas para as suas edições.

Este traço do seu carácter parece patentear-se noutros aspectos da vida de Ercília Pinto. Conservou-se em altivo celibato. De resto, os regulamentos oficiais do seu tempo exigiam que o candidato a marido de uma professora provasse que dispunha pelo menos de idêntico nível de rendimentos.

Foram muitos os seus livros que esgotaram a primeira edição, mas não se lhe conhece nenhum reeditado. O segundo título, publicado em Leiria em 1941, *Uma Lição de Música, Poesia e Dança*, é uma opereta com música original de Raposo Marques, director artístico da Tuna e Orfeão Académico de Coimbra, representada antes no Teatro de Anadia, em 23 de Abril de 1939. Vivia-se então a turbulência medonha da eclosão da Segunda Grande Guerra, e Ercília Pinto anunciava na contracapa um romance intitulado «Perseguição», tendo como protagonista uma jovem polaca refugiada na Curia.

Pretendia a autora descrever «as cenas lancinantes dos refugiados da guerra europeia na Curia e o colorido da paisagem bairradina, uma das mais belas e garridas de Portugal e nunca pintada, até hoje, em romances portugueses». Porém, o romance ficou inédito se é que chegou a ficar escrito.

A opereta dedicou-a «a todas as pessoas da nossa querida Bairrada». À região consagrou ainda parte significativa do primeiro fascículo das *Crónicas do Meu Tempo*, onde enaltece «o barro bendito que, simultaneamente, gera o vinho e a vasilha onde é servido» — a popular pucheira.

Ercília Pinto cursou Ciências Pedagógicas na Universidade coimbrã. Interessou-se sempre por questões didácticas e educacionais, mas não deixou de se empenhar na crítica social e no debate ideológico. Mostrou-se adepta da democracia cristã desde os tempos de estudante e defendeu o regime de Salazar (a Emissora Nacional citava-lhe as crónicas) e a Mocidade Portuguesa, à qual dedicou em 1967 um estudo sobre o Marquês de Pombal. Defendia em especial uma «pureza» dos valores tradicionais da raça portuguesa, atacando o «progressismo» onde surgia, incluso entre o clero.

Pinto, Maria Margarida de Oliveira

Ficcionista, professora e pedagoga. Nasceu em Além da Ponte, Águeda, em data incerta, e ali faleceu em 1917. Pertencia à conhecida família dos «Pintos da Ponte» e foi a primeira directora e professora da Escola Normal do Porto.

Maria Margarida de Oliveira Pinto publicou *O Ensino Moderno*, «livrinho dedicado às mães» (Porto, 1891) e os romances *A Cantadeiras das Ruas* (Lisboa, 1884),

Amarguras (Porto, 1898), além de *O Diabo do Alfusqueiro*, narrativa inspirada numa lenda sobre o «milagre» da velha ponte de pedra construída à última hora para ligar as margens do rio. Algumas das suas ficções surgiram na forma de folhetins jornalísticos na «Soberania do Povo», como era de uso. Nas suas obras abundam os diálogos, no manejo dos quais a autora se mostra hábil.

Pires, Agostinho

Padre e professor. Nasceu em Bustos, Oliveira do Bairro, e ali morreu, com 86 anos de idade, em 27 de Junho de 1962. Ordenado padre, Agostinho Pires preferiu ser professor. Defendeu o regime republicano na vigência da monarquia a tal ponto que, após 5 de Outubro de 1910, receando vinganças e perseguições de inimigos políticos derrotados, se exilou. Com bons

conhecimentos da língua inglesa, manteve-se na Inglaterra alguns anos. Regressou mas desentendeu-se com o seu bispo. Tomou mulher, que lhe deu filhos, e dedicou-se ao ensino na terra natal. Em 1925-26, publicou ali a revista «Esperança», «científica, literária e anunciadora» da qual saíram quatro números tendo-o como proprietário, director e editor.

Pires, Augusto

Poeta popular e colaborador de jornais. Augusto Pires nasceu em Vila Viçosa, a 9 de Maio de 1890, e morreu na Curia, Anadia, a 12

de Janeiro de 1961. Fugindo da sua origem modesta, foi remontando o país, com paragens em Setúbal e depois em Coimbra, para

finalmente se fixar nas termas da Curia por volta de 1930. Tinha a profissão de barbeiro e o gosto pela cultura, que adquiria de forma autodidáctica.

Atraído pelos jornais, de Setúbal, de Coimbra e de Anadia, não tardou a compor as primeiras rimas. E assim se revelou Augusto Pires, poeta popular.

Colaborou designadamente nos jornais «Despertar», coimbrão, e «A Ideia Livre» e «Ordem Nova», anadienses; escreveu as letras de canções integradas em espectáculos de revista regionais e, nos ócios, sentado na sua loja, feria as cordas da guitarra parece que de forma feliz.

Publicou *Luz e Sombra* (Anadia, 1937), o seu único livro, com uma carta-prefácio de José Rodri-



gues*, advogado de Anadia, que o terá auxiliado nos trabalhos da edição. É um pequeno volume, de aparência modesta, apenas com 28 composições de recorte clássico (so-

netos, quintilhas, redondilhas), que cantam as tristezas e dores da vida, os desenganos do amor, a saudade, etc. São versos com acentos algo melancólicos e resignados, que José Rodrigues achou em boas condições para sensibilizar o mesmo povo humilde ao qual o autor pertencia.

Augusto Pires recorda no seu livro a planura do Alentejo original e dedica à celebrada «região dos pâmpanos» ou aos seus motivos composições muito inspiradas, como «Bairrada», «Silêncio», «Bairrada sempre noiva» ou «Soltas». Eis o início da primeira:

*«Bairrada estendida ao sol
entre pinhais e vinhedos:
ao canto do rouxinol,
e da luz do arrebol,
vais tecendo sonhos ledos.*

*O lavrador mais a vinha
andam ceguinhos de amor:
eu sou teu e tu és minha,
diz o lavrador à vinha,
disse a vinha ao lavrador.»*

Pires, Domingos

Pintor bairradino. Nasceu na Pampilhosa, Mealhada, em 1921, e ali faleceu em 1994, com perto de 72 anos de idade. Domingos (Lopes) Pires deixou uma obra vasta, que iniciou no princípio dos anos '70. Apesar da sua formação autodidáctica, enveredou desde cedo pela pintura a óleo acreditando na regra do «aprender fazendo». Queria de algum modo pintar como sentia.

Inserido na linha dos figurativos naturalistas, Domingos Pires privilegiou sempre os temas paisagísticos, como pintor do ar livre que troca prazenteiramente o *atelier* pelo exterior, onde descobria moti-

vos de paleta cambiante e multiforme, de infinitas seduções. Até por isso, descende dos impressionistas por parentesco directo.

Domingos Pires residiu bastantes anos em Coimbra, onde fez parte do grupo fundador do MAC (Movimento Artístico de Coimbra) e pertenceu aos seus corpos gerentes. Participou em quase todas as exposições colectivas promovidas pelo movimento, realizadas em inúmeras cidades do país, e também expôs em França.



Pintor da Bairrada

Foi somente em 1989, quando contava uns 68 anos, que o pintor sentiu aberto e a definir-se o seu caminho mais pessoal na arte. Naquele ano, para acompanhar o 2º Encontro de Escritores e Jornalistas da Bairrada, que decorreu na Pampilhosa, expôs ali desenhos e óleos. Era a primeira exposição individual que fazia depois de ter participado em numerosas colectivas e a designação que para ela escolheu – «Um olhar sobre a Pampilhosa» – já continha em germe todo o seu programa futuro.

De facto, iniciou ali o caminho que no ano seguinte reafirmou de forma mais clara em outra exposição individual. Intitulou-a «Paisagens bairradinas» e foi consagrada pelo pintor ao concelho da Mealhada. No ano seguinte, portanto em 1991, o percurso empreendido clarificou-se ainda mais, ao expor Domingos Pires outras «paisagens bairradinas»



em Anadia, desta vez óleos e desenhos com temas anadienses. E começou a pensar no concelho de Águeda.

Estava assim marcada a nova orientação temática e estilística que o pintor assumia. Eram as paisagens bairradinas (para ele, por sinal, estranhamente despovoadas) que obtinham finalmente toda a predominância estética, graças a uma espécie de sinal de despertar. O artista sentiu, realmente, que a Bairrada toda estava ali à espera de que a pintassem e então, ouvindo algo como um apelo da própria terra, de paleta em punho, Domingos Pires tomou sobre os ombros a tarefa. Os motivos estéticos que outros artistas haviam tratado ocasionalmente até então, elevou-os ele à objectivação intencional, programática e plena.

As séries de «paisagens bairradinas» mostram-no apegado aos motivos que mais lhe tocavam na sensibilidade pela beleza visual ou pela significação simbólica. Mas pintava sobretudo pelo prazer de pintar, desejando transpor para as telas, de forma algo transfigurada, os pedaços da realidade regional imbuídos de uma magia que se dissolve em imagens, ou visões, poéticas. Agia como se quisesse salvar, para o futuro, o que devia perdurar. Na sua pincelada havia a espontaneidade aparente de um *naïf*, reveladora de uma atitude sincera, e também singela, que se despoja de rebuscamentos para mais agilmente sentir o que lhe é dado ver, a natureza e o espírito de cada lugar.

Portela, Adolfo

Poeta de fina sensibilidade, além de comediógrafo e musicólogo amador. Adolfo (Rodrigues da Costa) Portela nasceu a 16 de Agosto de 1866, no lugar de Além

da Ponte, Recardães, a dois passos de Águeda, e morreu no Fundão a 19 de Novembro de 1923, com 57 anos. Pertencia à família dos «Pintos da Ponte».

Estudou Direito em Coimbra até 1888 e naquele ambiente de boémia estudantil se distinguiu como guitarrista e compositor talentoso. De sua autoria foi toda a música da récita do fim de curso dos quintanistas, retomada em 1891, na íntegra, pela opereta *As freiras de Odivelas*, que foi muito aplaudida no Teatro Infante D. Afonso, no Porto. No mesmo ano de 1891 estreou-se com o livro *Contos e Baladas*, a que se seguiu *Boémia Lírica – Baladas de Hoje*, em 1893. É um livrinho de tamanho pequenino, com crónicas miniaturais ao jeito do cantor amante da sua terra e dos seus costumes. Assim marcou o autor, desde o início, o seu gosto pela evocação poética, nostálgica e sentimental, vasada em textos de apurado bom gosto estilístico que são, por outro lado, preciosas aquarelas literárias.

Adolfo Portela não brilha apenas em Águeda, sua terra natal, também em toda a região da Bairrada e no Fundão. Os traços da sua biografia acompanham de perto o que na sua obra global se sente em



vigorosa radiação: o prazer da convivência franca e amorável, o apego às coisas da cultura, o apelo da arte. Conjuga o lirismo com um entranhado amor à paisagem e à sua gente, mistura as rimas da poesia

com as prosas da crónica enquanto géneros literários, entre composições musicais e obras de teatro. Foi um artista de extraordinário apuro. Os poetas da designada «Pléiade» proclamaram-no «o maior da Bairrada».

Os primeiros versos surgiram com *Orvalhadas*, volume publicado em 1895 e dividido em três partes: «Luar de Agosto», «Marinheiras» e «Lírica do Rosmaninho». Num antelóquio em prosa, o autor aparece já na Cova da Beira (onde vivia um seu irmão, António Rodrigues Portela, médico municipal, e onde Adolfo Portela se casara cinco anos antes, em 1890), mas sempre muito saudoso do ambiente natal. As poesias «Pastoras», «Fonteirinha loi-ra», «As noras» e «As raparigas da minha terra», por exemplo, falam bastante desse ambiente.

Paralelamente, Adolfo Portela desenvolveu a sua arte de comediógrafo e compositor. Em 1893 teve a primeira apresentação em Águeda a sua comédia lírica *A Noiva de João* (de 1893 e reposta ali, em 1945, por iniciativa do grande amigo António Homem de Melo*, «Toy»). Continuou a

publicar livros de prosa e de poesia, enquanto, por outro lado, exercia actividades profissionais. Foi «recebedor» (com função de tesoureiro da Fazenda Pública) em Águeda e no Fundão, advogado e foi administrador de concelho na Guarda, em Lisboa e Águeda.

Cantor de Águeda-Linda



O fervor entranhado do seu bairrismo manifesta-se especialmente em duas obras, no opúsculo *Por bem de Águeda!*, de 1903, sobre questões de instrução escolar e, no ano seguinte (1904), *Águeda – Crónica, Paisagens, Tradições*, que escreveu em Lisboa. Pela sua importância, esta última obra ficou especialmente a perdurar. Reeditada em 1964, com prefácio e notas de Serafim Soares da Graça*, teve uma nova publicação em 2000, pelo jornal «Soberania do Povo», com notas de Denis de Ramos. Mas a veemência do sentimento bairrista espalha-se de algum modo por outras numerosas páginas que Adolfo Portela escreveu, sem esquecer que foi redactor do «Soberania do Povo» em 1910-11.

Apesar da relação intensa com a terra natal, ou talvez exactamente por via dela, o autor de *Jornal do Coração* (3 vols., 1897) resolveu em 1910, após a implantação do regime republicano, deixar Águeda para se fixar no Fundão. Não diminuiu a sua adesão à terra adoptiva. Ali desenvolveu diversas iniciativas culturais e de solidariedade social que ficaram vivas na memória da vila. Promoveu a criação do Casino Fundanense, do Teatro do Casino, do Orfeon Popular do Fundão (depois Orfeon Cova da Beira, regido pelo próprio Adolfo Portela), da Cantina dos Pobres do Fundão, do grupo dramático Rancho Cova da Beira...

Por tudo isto, é muito recordado na terra adoptiva, onde, a exemplo da sua terra natal e região, também ficaram no ouvido do povo as canções, feitas de versos e música, por ele compostas.

Inúmeros foram os espectáculos de teatro que promoveu, nomeadamente *Pastorela*, em um acto, *Festa do pão*, opereta de costumes regionais em dois actos, *Tambor de folia*, farsa lírica, etc., obras representadas no Fundão e por vezes também em Castelo Branco e que ele assinava como «José de Águeda», pseudónimo transparente. Julga-se que todos estes textos ficaram inéditos.

A letra do «hino de Águeda» é de sua autoria. Uma escola secundária e uma rua da cidade ostentam o seu nome. Tem merecido diversas evocações e homenagens, a exemplo da reedição de *Orvalhadas*, pela Câmara Municipal aguedense, em 1966, com mensagem final de Pedro Homem de Melo*. Outras obras importantes do autor são *Sol Posto*, 1896, poesia, e *O País do Luar*, prosa («novelas e bucólicas»), 1902.

*«Águeda linda! a cor do teu desmaio
Faz em minha alma rebentar saudades...
Ó raparigas a dançar, casai-o.
Meu negro luto às vossas mocidades!
Flor sem aroma nos jardins de Maio,
Por quem um rio troca mil cidades:
— Águeda minha, por beijar-te os pés
Quem fora d'água ao menos uma vez!»*

Proença-a-Velha, Condessa de

Autora de livros para crianças e musicóloga. Maria de Melo Furtado Caldeira Gerales de Bourbon nasceu em Famalicão, Anadia, em 8 de Junho de 1864. Foi casada com o segundo viscon-

de conde de Proença-a-Velha, João Filipe Osório de Meneses Pita, nascido em 1856 e falecido em Famalicão, também em Anadia, em 1925. A viúva morreu em Lisboa a 29 de Janeiro de 1944.

A Condessa de Proença-a-Velha usou o pseudónimo literário de «M. Grisalde». Com este nome assinou os livros para crianças intitulados *Histórias da Tia Lili, Fadas e Encantos, Quem Quer Linhas, Agulhas e Alfinetes* e,



possivelmente, outros não averiguados, no princípio do século XX. Publicou ainda um volume de índole diferente, *Os Nossos Poetas – Melodias Portuguesas – I Ecos do Passado* (Lisboa, 1904).

Todavia, nenhuma obra usual de consulta a refere como musicó-

loga ou compositora, ou como autora literária. Compôs música sobre poemas de autores famosos como Almeida Garrett, António Correia de Oliveira e António de Cértima*, entre algumas peças de inspira-

ção religiosa ou outra. De António de Cértima, por exemplo, musicou a «Canção das estradas no Estio». A plaquette respectiva com a letra e a partitura (Edições Sassetti, Lisboa, 1938) tem uma bela capa a cores desenhada por João Carlos*.

A senhora esquecida

Entre os diversos autores que a Bairrada já teve, a Condessa de Proença-a-Velha é uma das figuras mais esquecidas. Trata-se de uma senhora de elevada cultura, que sobressaiu no seu tempo e que deixou um nome aureolado de prestígio. Na verdade, a condessa morou em Lisboa, mas habitualmente ia em vilegiatura para Anadia. Nesta vila proferiu António de Cértima*, a seu convite, em Janeiro de 1923, uma conferência no teatro local em benefício da Casa Protectora das Crianças Pobres, fundada pela mesma senhora.

Há indicações de que a Condessa de Proença-a-Velha brilhou no meio da sociedade lisboeta ilustrada do tempo e que, na sua região natal, aderiu à curiosa tradição das «partidas». De acordo com a tradição, as pessoas de sociedade que iam, de variados pontos do país e sobretudo

da capital, passar o período do Verão a Anadia, à Curia ou a Mogofores, no fim percorriam sucessivamente as casas das pessoas das suas relações para se despedirem. Eram as «partidas», ritual social que se manteve vigente durante décadas até esmorecer.

Pulido, Garcia

Poeta e político bairradino. (Domingos) Garcia Pulido teve casa na Fogueira, Sangalhos, e relacionou-se muito de perto com o grupo da «Plêiade Bairradina» em especial entre 1918 e 1925. Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Ainda estudante, publicou *Nos Braços*

da Cruz, livro de poesia, e o panfleto *Raio*. Inicia então uma crítica ideológica aos liberais republicanos que por fim o levou a apoiar o regime de Salazar. Em 1934 era inspetor geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores. Ignorava-se tudo o mais da sua vida e obra.

A Condição de
Proença-a-Velha
é uma das figuras
mais importantes
da literatura
portuguesa do século
XIX.

M. Carvalhal

Como se pode
ver, a obra de
Proença-a-Velha
é uma das mais
importantes da
literatura portuguesa
do século XIX.

Proença-a-Velha

é uma das figuras
mais importantes
da literatura
portuguesa do século
XIX.

M. Carvalhal

Como se pode
ver, a obra de
Proença-a-Velha
é uma das mais
importantes da
literatura portuguesa
do século XIX.

Proença-a-Velha

é uma das figuras
mais importantes
da literatura
portuguesa do século
XIX.

M. Carvalhal

Como se pode
ver, a obra de
Proença-a-Velha
é uma das mais
importantes da
literatura portuguesa
do século XIX.

Proença-a-Velha

é uma das figuras
mais importantes
da literatura
portuguesa do século
XIX.

M. Carvalhal

Como se pode
ver, a obra de
Proença-a-Velha
é uma das mais
importantes da
literatura portuguesa
do século XIX.

Proença-a-Velha

bibRIA

A velharia esquecida

Entre os diversos autores que a Europa já teve, a Condição de Proença-a-Velha é uma das figuras mais esquecidas. Trata-se de uma obra de elevada cultura, que sobressai no seu tempo e que deixou um nome aureolado de prestígio. Na verdade, a condição morre em Lisboa, mas lentamente ia em vanguarda para a América. Nesta vila próspera Amélia de Cármona, a seu convite, em Janeiro de 1923, uma conferência no teatro local em benefício da Casa Portuguesa dos Crianças Pobres, fundada pela mesma senhora.

Foi indizível de que a Condição de Proença-a-Velha herdou na mente da sociedade lisboeta o espírito do tempo e que, ao ser exposto, está a ser a cultura da tradição das épocas. De acordo com a tradição, as pessoas de sociedade que iam de férias para a vila de Proença-a-Velha

Queiró, Afonso Rodrigues

Jurista e político. Nasceu em Tamen-
gos, Anadia, a 9 de
Julho de 1914 e ali
morreu em Coimbra,
a 25 de Dezembro de
1995, tendo ficado
em sepultura (não
identificada) na terra
natal. Matriculou-se
na Faculdade de Di-
reito de Coimbra em 1933 e
concluiu o curso em 1938 com a
dissertação *Os Fins do Estado: um
problema de filosofia política*.
Aparece então como editor e
administrador do «Acção Nacio-
nal», semanário apoiante de Sa-
lazar em Anadia, onde já cola-
borava. Em 1940 terminou o curso
de Ciências Político-Económicas
com a dissertação *Reflexões sobre
a teoria do desvio do poder em
Direito Administrativo* (Coimbra,



1940). Nesta data era
presidente da Junta de
Turismo da Curia e
entre 1941 e 1943 foi
proprietário, director,
administrador e editor
do «Acção Nacional».
Doutorou-se em 1945
com a tese *O Poder
Discriminatório da
Administração*
(Coimbra, 1944). Em 1948 tornou-
se professor catedrático e publicou
Teoria dos Actos do Governo
(Coimbra, 1948).

Afonso Rodrigues Queiró foi
director do Gabinete de Estudos
Sociais e Corporativos e co-direc-
tor do Centro do Direito Compa-
rado da Universidade de Coimbra
criado em 1965, director da
Faculdade de Direito entre 1965
e 1974, etc., além de procurador à
Câmara Corporativa desde 1947

até 1974. Além disso, foi co-fundador da «Revista de Direito e Estudos Sociais» e redactor da «Revista de Legislação e Jurisprudência» desde 1953. Co-traduziu obras jurídicas, como «Teoria Geral do Direito», de Frances-

co Carnelutti, em 1942, anotou as Constituições Portuguesas de 1933 e 1967, prefaciou obras alheias, etc.

Em 1974 foi aposentado compulsivamente e reintegrado no seu lugar em 1978. Jubilou-se em 1984.

bibRIA

Resende, Rogério Gaspar

Autor de dois livros de teor testemunhal escritos na prisão. Nasceu em Travasso, Mealhada, e frequentou o colégio da vila, onde por escassos meses recebeu ensino secundário e em seguida quis ter o primeiro emprego. Trabalhava numa fábrica da Pampilhosa quando foi envolvido num processo judicial clamoroso que em 1957 o levou à prisão (em Anadia, Caxias, etc.) por muitos anos, acusado do desvio de uma importante soma de dinheiro que não pôde pagar na totalidade. É este drama pessoal e familiar que se reflecte nos dois livros que publicou: *Sonhos na Escuridão* (Coimbra, 1959), com ilustrações, e *O Sinal das Três Horas – Apontamentos diversos* (Coimbra, 1963). Ambos contém prosas e versos.

Rogério Gaspar Resende, sendo autodidacta e desprovido das veleidades de escritor, alardeia apesar de tudo bastante cultura literária. Cita Camões, Torga, M. Rodrigues Lapa*, general Norton de Matos e outros. No tribunal, o advogado anadiense José Rodrigues* defendeu-o. Colaborou nos jornais «Independência de Águeda» e «A Ideia Livre» e foi correspondente de «O Primeiro de Janeiro».

Os livros que editou foram vendidos por particulares, de mão em mão, revertendo o produto da venda para um «fundo de amortização» de crédito bancário obtido a seu pedido por vários amigos, um dos quais até terá hipotecado a própria casa para esse efeito.

Ribeiro, Eugénio



Médico, poeta e jornalista. Nasceu em Albergaria a Velha em 1872 e morreu em 1962, em Águeda, onde foi sepultado no cemitério do Adro. Dirigiu desde 04-01-1908 o semanário republicano «Independência de Águeda» fundado em 02-01-1904 por Manuel Bento Saldanha. Foi governador civil de Aveiro nos anos da primeira República, por cuja implantação lutara. Lutou depois, de armas na mão, com outros aguedenses republicanos (por exemplo, Armando Castela*), para a

defender das tropas monárquicas, em 27-01-1919, aquando da Traulitânia, e integrou também o «grupo 28 de Junho» de 1924 que dinamitou as Minas das Talhadas (a poluição das águas do rio prejudicava gravemente a agricultura ribeirinha). Uma das novas avenidas centrais da cidade de Águeda evoca o seu nome.

Eugénio Ribeiro publicou os livros de poesia *Clarões da Serra* (Coimbra, 1914) e *Toadas*, versos de 1915 e 1916 (Coimbra, 1917). Anunciava então «Lenda dos Anjos», livro que parece não ter chegado a ultimar. Canta o amor galante, a mulher, a natureza o sentimento religioso numa linha que lembra por vezes Junqueiro e António Nobre.

Rodrigues, José



Advogado, autor de monografia. Nasceu na Mata da Curia a 22 de Fevereiro de 1907 e faleceu em Aguium a 8 de Dezembro de 1986, sempre

em Anadia. (Joaquim) José Rodrigues (Pereira Rosmaninho) concluiu o curso de Direito em Coimbra em 1929 e praticou a advocacia em Anadia durante uns 45 anos. As suas convicções democráticas levaram-no a suportar algumas perseguições da Ditadura. Na transição do «25 de

Abril» ocupou o lugar de presidente da Câmara Municipal.

É autor do livro *O Couto de Aguim* (Anadia, 1959), valioso estudo historiográfico recentemente reeditado e colaborou na

imprensa diária e regional de tendência republicana e democrática. Mas José Rodrigues é ainda recordado como orador eloquente e não apenas no foro.

Ruela, Ernesto

Colaborador de jornais e autor. Nasceu em 1890, em Águeda, e ali morreu em 1972. Foi assíduo colaborador do «Soberania do Povo» desde 1910. Usou o pseudónimo «Souto do Rio». Ernesto Ruela manifestou tendências místicas, que aliou a um ardoroso bairrismo, e defendeu posições

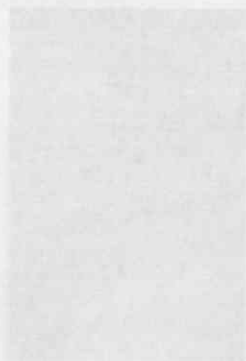
monárquicas ou muito conservadoras. Publicou o livro *Águeda de Ontem e de Hoje* (Águeda, 1972), obra impregnada de sentimento pela sua terra natal.



Sampaio, Fausto

Pintor natural, autor de «Vista da Ribeira». Nasceu em Vila Nova de Anadia, a 4 de Abril de 1891 e morreu em Lisboa, no dia em que fazia 63 anos, a 4 de Abril de 1954. Com 19 anos, em 1912, começou a pintar em Anadia. Em 1925 foi estudar para Paris e, posteriormente,

em três anos, regressou a Anadia, onde se dedicou à pintura. Foi um dos principais representantes da pintura naturalista em Anadia. Em 1925 foi estudar para Paris e, posteriormente,



imprensa da época, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Em 1907, a imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

Assim, o papel da imprensa republicana e o movimento republicano.

bibRIA

Rodrigues, José

Advogado, autor de monografia, nasceu na Mata de São João, em 22 de Fevereiro de 1907 e faleceu em Aguiar a 8 de Dezembro de 1986, sempre

em Amadora. José Rodrigues Pereira Romarinho chegou a Lisboa em 1929 e passou a trabalhar em Amadora durante 43 anos. As suas actividades profissionais levaram-no a ocupar algumas posições de destaque. Na transição do século

Sacramento, Luís

Autor literário e, possivelmente, professor. É provável que tenha nascido no concelho de Anadia. Publicou o seu primeiro livro de poemas, *Cesto de Cravos* (Porto, 1928) com prefácio de José Agostinho. Em 1935 regressou à poesia com *Caminho Azul* (Anadia, 1935), volume ilustrado por Machado Graça. No *ex-libris* do autor vêem-se as cinco vogais e as letras ABC por cima da legenda «Na humildade a maior grandeza». Duas das

suas composições aparecem referidas à Curia, Estio de 1934, e muitas são dedicadas a figuras literárias portuguesas e espanholas.

Luís Sacramento anunciava um terceiro livro, «Caminho Rústico», contos. Parece não ter saído do prelo. Em 1935 começou a publicar poemas no «Acção Nacional», semanário de Anadia apoiante de Salazar.



Sampaio, Fausto

Pintor notável, autor de «Volta da romaria». Nasceu em Alfêloas, Anadia, a 4 de Abril de 1893 e morreu em Lisboa no dia em que fazia 63 anos, a 4 de Abril de 1956. Com 19 anos, em 1912, começou a pintar em Anadia. Em 1926 foi estudar para Paris e, passados dois

ou três anos, expôs as suas obras na capital francesa e viu-se consagrado. A primeira vez que expôs em Lisboa (no Salão Bobone,



1929) vendeu todas as 89 telas que mostrava e nas exposições seguintes obteve idêntico acolhimento. Fausto Sampaio, surdo-mudo desde os 22 meses de idade, colheu

aplausos muito sonoros ao longo do percurso artístico que o levou a sair da Bairrada natal em viagem pelo país e depois por paragens distantes, de África e do Oriente.

«Pintor do Império»

O primeiro contacto que teve com ambientes africanos ocorreu em 1934, quando embarcou para S. Tomé. Na ilha encontrou uma natureza esplendorosa, cheia de força telúrica, que lhe permitiu sentir quanto a sua paleta aspirava por motivos assim fortemente instintivos, intensamente cromáticos, para se exprimir em plenitude. De regresso, trouxe uma colecção de pinturas notáveis e a percepção robustecida dos temas figurativos que mais lhe convinha pintar.

Partiu para o Oriente em 1936 e por lá se demorou. Percorreu Macau e Timor, a Indonésia, a Indochina, Singapura, Hong-Kong, as Filipinas... e a sua paleta voltou-se deslumbrante em ambientes assim exóticos. Fausto Sampaio transpunha para os seus quadros figuras humanas, aspectos etnográficos e paisagens das regiões que visitava, de olhar aceso em contínua busca.

Regressado, não pôde quedar-se. Tornou a partir, desta vez para a Índia. Em Goa, Dadrá, Nagar-Aveli, Damão e Diu (então possessões portuguesas), reuniu um conjunto de 120 telas durante cerca de dois anos: retratos e cenas da vida quotidiana naqueles locais e que, para além de inegável valor artístico, passaram a ter também um grande valor documental.

Com 45 anos de idade, voltou-se finalmente para o ambiente que na pátria o rodeava. Com notável afinco, pintou as paisagens e os tipos populares, em especial da região de Aveiro, na linha temática de «A volta da romaria», «Redes à vista – Costa Nova», «Peixeiras», etc. É



este o período em que Fausto Sampaio mais se afirma como o «nosso pintor», admirável por excelência. Coincide, por outro lado, com o período da Segunda Grande Guerra.

Com o pós-guerra, a pulsão do exótico acicatou-o de novo. Em 1946, contando já 53 anos, saiu barra fora e andou um dilatado ano pela África do Sul. Ali executou mais de 80 pinturas que expôs no Maputo e Joanesburgo: retratos, paisagens e costumes sul-africanos. Pelo périplo que realizou nas antigas colônias portuguesas existentes no seu tempo, Fausto Sampaio ficou como «o pintor do Império», pois de algum modo agiu como um repórter gráfico capaz de pressentir em crepúsculo os domínios coloniais.

Nos últimos anos de vida, sempre possuído por uma espécie de frenesim criativo, pintou paisagens e figuras portuguesas captadas de norte a sul do país. A sua obra global, muito vasta e valiosa, revela grande unidade temática e enorme coerência formal. Na sua singularidade específica, surge integrável na corrente do naturalismo de transição para o modernismo, na linha de Malhoa, Silva Porto ou Columbano. Foram publicados diversos catálogos sobre as suas exposições principais, destacando-se o livro editado pela Câmara Municipal de Anadia no centenário do seu nascimento.



Fausto Sampaio, menino.

Santa Rosa, frei Pedro de

Franciscano do século XVIII, missionário no Brasil. Nasceu em Vilarinho do Bairro, Anadia, e morreu no Brasil em datas incertas. Entrou para a Ordem Franciscana a 6 de Setembro de 1714. Partiu para o Maranhão e ali terá evange-

lizado durante mais de 25 anos. Sabe-se que frei Pedro de Santa Rosa viveu no Brasil pelo menos até 1739. Publicou o livro *Confessionário escrito na língua dos Aracajus*, tendente a aproximar aquele povo através do estudo da sua língua.

Santos, Arménio Gomes dos



Inspector escolar, pedagogo e poeta. Nasceu em Arrancada do Vouga, Águeda, em 9 de Fevereiro de 1900 e ali morreu em 30 de Abril de 1971. Fez o curso na Escola Normal de Aveiro, foi professor primário em Recardães e Castanheira e inspector escolar no distrito de Aveiro. Pertenceu à «Plêiade Bairradina», cola-

borou na «Soberania do Povo» e outros jornais regionais, revistas, etc. Usou o pseudónimo de «Dorival». Foi autor do espectáculo *Valongo à Vista*, uma revista que marcou a inauguração, em Outubro de 1943, da Casa do Povo local. Publicou os livros *Prontuário Escolar*, *O Último Romântico* (o seu único livro de poesia), *Da Educação e do Ensino*, *Ao Redor do Globalismo*, *Análise e Crítica dos Métodos de Leitura Global e Por Bem da Língua*.

Santos, frei Manuel dos

Historiador da escola de Alcobça, continuador da *Monarquia Lusitana*. Nasceu em Ourentã, Cantanhede, em 8 de Novembro de 1672 e morreu no mosteiro de Alcobça em 29 de Abril de 1740. Era monge da Ordem de Cister naquele mosteiro e ensinou filosofia e teologia. O rei D. João V nomeou-o cronista-mor do reino. Escreveu *Alcobça Ilustrada*, de que publicou a 1ª parte em Coim-

bra, e a 8ª parte (1683-1727) da *Monarquia Lusitana*, iniciada em 1597 por frei Bernardo de Brito, pertencente à mesma ordem religiosa. Compôs ainda, em 1735, a *História Sebástica*, do ciclo sebastianista, e uma *Vida e apologia do cronista-mor Fr. Bernardo de Brito* publicada em 1827 na polémica *História cronológica e crítica da Real Abadia de Alcobça*.

Santos, Rodrigo Rodrigues dos

Poeta e ferroviário, membro da «Plêiade Bairradina» e colaborador de jornais. Usou o pseudónimo «Diogo de Miramar». Nasceu em Vendas da Pedreira, Arcos, Anadia, a 4 de Fevereiro de 1901 e morreu em Mogofores, no mesmo concelho, a 22 de Fevereiro de 1948, com 47 anos de idade. Publicou dois livros de poesia: *Labaredas de Sonho* (1928) e *Clarão Vermelho* (1935-36).

De facto, o poeta lírico de 1928 afirmou-se em 1935 como uma bandeira de oposição e resistência ao regime ditatorial, em defesa dos valores cívicos e humanos da República e da democracia. Decorrido cerca de um ano e apesar da repressão que reinava no país, o *Clarão Vermelho* já ia na 3ª edição, 4º milhar. As alterações introduzidas pelo autor no corpo textual da 1ª edição afiaram o sentido e o vigor da intervenção daquela poesia ao ponto de quase a transformarem numa obra «outra» e, simultaneamente, a confundirem com o radicalismo do panfleto.

A evolução ideológica sofrida pelo autor ocorreu portanto entre a publicação da primeira e da segunda (e última) das suas obras. Pormenor significativo: a obra de



estreia fora apresentada por Hipólito Raposo, doutrinário do Integralismo Lusitano, enquanto a segunda veio prefaciada por Abel Salazar, marxista sem dubiedade. É um extenso estudo do artista, escritor e cientista evocado na casa-museu existente em S. Mamede de Infesta, que enquadra os ditos «poemas sociais» de Rodrigo na medida em que defende o materialismo histórico, ou seja, o princípio da luta de classes.

Convém situar esta viragem na conjuntura nacional do tempo. À crise económica e de regime na segunda metade dos anos '20 seguiu-se o *crash* de profundas consequências na transição para os anos '30. Rodrigo dos Santos reagiu. Colaborava no diário «República», de Lisboa, quando publicou no jornal «A Ideia Livre», de Anadia (em *fundo*, 24-01-1931), um artigo intitulado «Porque detestei

a monarquia – Palavras de um convertido», onde escreve: «Eu era um dos adeptos mais sinceros da velha monarquia, e um crente dos mais fervorosos da igreja católica.» Termina com um entusiástico viva à República em caixa alta.

Avançavam as doutrinas fascistas na Europa e o regime de Salazar impunha a Constituição corporativista de 1933, declarando no país o regime da Ditadura. Neste período, o poeta, já casado e pai, emigrara para Angola e regressara, desiludido, para logo enviar e casar de novo. O perigo da consolidação terminal da Ditadura e da eclosão da guerra parecia pedir ao poeta uma resposta temerária: anunciar, cantando, a aurora da desejada revolução para a tornar mais possível.

Sobretudo na 3ª edição, o *Clarão* exibia às claras as inclinações esquerdistas do autor, que o deixaram sob suspeita (infundada, parece) de ter ligações com a maçonaria. Há indicações de que foi detido pela polícia política mais de uma vez. Acabou amordaçado: não publicou mais nada, nem sequer em jornais. Perdeu o emprego na CP e tornou-se caixeiro viajante. Aspirava, afinal, à concretização plena da consigna proclamada pela Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Entretanto, é fácil perceber na sua obra agrados expressos pelo anarco-sindicalismo, corrente ideológica à data ainda muito viva. Para ele, a liberdade confundia-se com o ideal libertário.

Um «Clarão Vermelho»



O sucesso do *Clarão Vermelho* é bastante raro, é mesmo inacreditável num livro de poesia de autor provinciano (publicou em Anadia as três edições conhecidas dos seus «poemas sociais», sempre com uma capa impressa a vermelho e preto de autoria anónima, talvez também de Abel Salazar), mas poderá compreender-se melhor o sucesso lembrando a unidade e a força da classe ferroviária naqueles anos. De qualquer maneira, note-se a singularidade do caso de uma obra poética de cunho panfletário

lançar num ano três edições de quatro mil exemplares, em meados da década de '30. A tipografia anadiense ficou sob vigilância apertada e os leitores que tinham o livro em casa escondiam-no como se fosse uma bandeira de comprometedora cumplicidade.

Seabra, Alexandre de

Jurisconsulto e político. Nasceu em Pereiro, Avelãs de Cima, Anadia, a 12 de Março de 1818 e ali morreu a 2 de Julho de 1891. Formou-se em 1841, em Coimbra. Advogado influente, viveu na aldeia natal, na casa antiga em que seus pais moravam, até que, em 1860, se mudou para o palacete que mandara construir em Anadia. Foi personalidade afamada e exerceu cargos importantes: presidente da Câmara Municipal e da Junta Geral do Distrito de Aveiro, deputado às Cortes, membro da Academia de Jurisprudência e Legislação de Madrid, etc. Redigiu o projecto do Código de Processo Civil. A outrora designada Escola de Viticultura e Pomologia da Bairrada, inaugurada em 29 de Novembro de 1890, em Anadia, ostentou o seu nome como patrono.

Alexandre de Seabra publicou muitos textos de teor jurídico na Imprensa da Universidade de Coimbra e colaborou na imprensa,

nomeadamente em «O Distrito de Aveiro» (1865-1907). Interveio na discussão de variados assuntos de interesse regional (baldios, caminho de ferro, capela de Santo António de Ferreirim, etc.), nomeadamente no polémico projecto do grande concelho da Mealhada que extinguiu o de Anadia e de Oliveira do Bairro. Uma sua filha casou com o conselheiro José Luciano de Castro, de Anadia.

Anote-se que mais tarde, em 1918, um seu homónimo, poeta, esteve presente na primeira reunião da «Pléiade Bairradina», realizada «numa encosta pitoresca de Sangalhos, que antecedeu a lembrada sessão no salão «Paraíso» de Sá, Sangalhos, em Setembro daquele mesmo ano.



Seabra, Maria Lincho

Poetisa popular. Acúrcio Correia da Silva*, pároco em Sá, Sangalhos, Anadia, animou-a a publicar o seu primeiro livro. Era a modesta «costureirinha de Sá» quase sem escola, mas o livro ganhou título mimoso: *Rosas a Abrir*. A edição demorou e, quando o livrinho saiu, já a autora não pôde oferecê-lo ao padre-poeta amigo, porque a morte o levava.

Sabe-se pouco da autora, Maria Lincho Seabra. Residia em Sá de Sangalhos em Maio de 1921, pois antecede o volume dos seus versos uma «Carta da autora» que tal refere. O livrinho foi publicado em 1925 no Rio de Janeiro, Brasil, para onde a autora emigrara. Regressou naquele mesmo ano a Sangalhos, mas o padre-poeta morrera (em 25 de Março) e ela apenas pôde ir deixar na casa que fora do amigo o exemplar que quisera dar-lhe em vida. Esse exemplar consta realmente no «Fundo do Padre Acúr-

cio» existente na biblioteca da Universidade de Aveiro. Contém bastantes falhas de revisão tipográfica (mas lemos um outro exemplar corrigido pela autora).

Maria Lincho Seabra não premeditaria tornar a emigrar e teria mesmo desistido de publicar a obra seguinte que anunciava na sua primícia, «Ramalhete Agreste». O desaparecimento do padre-poeta, com quem aprendera a versejar, desanimava-a. Pelo menos não se vê rasto da segunda obra.

Os versos da poetisa sangalhense são singelos, como seria de esperar de uma filha de camponeses, mas o seu lirismo é espontâneo e lavado, sincero e natural, despido de artificialismos. Apesar da modéstia dos seus recursos expressivos, a autora consegue agradar e comover pelo bom gosto em composições como «Duas crianças» (quatro quadras), «A pastoriinha» ou «Ao luar (da Bairrada)».

Seabra, Visconde de

Jurisconsulto, publicista liberal e tradutor de clássicos. António Luís de Seabra, Visconde de Seabra, era filho de António de Seabra de Mota e Silva, cavaleiro da Or-

dem de Cristo, natural de Mogofores, Anadia, mas nasceu, a 2 de Dezembro de 1798, a bordo de um navio, no alto mar, em viagem para o Brasil, onde seu pai ia ser ouvidor

na comarca de Vila do Príncipe, Minas Gerais. Com ele regressou em 1815 para se inscrever na Universidade de Coimbra, onde se formou em Cânones em 1820. Em Agosto do ano seguinte, com 21 anos, foi nomeado juiz de fora de Alfândega da Fé, porque seu pai era ali corregedor, até que, em 1823, o governo liberal caiu. Pediu a exoneração para se dedicar a trabalhos literários. Porém, retomou a magistratura em 1825, depois foi juiz de fora em Montemor o Velho até 1828. Entrou na revolução contra o absolutismo então restaurado, organizou um corpo de cavalaria que comandou no combate do Marnel. Após a derrota dos liberais, emigrou para a Galiza, Inglaterra, Bélgica e França. Estando no exílio, foi processado e confiscado dos seus bens. Escreveu e publicou então diversos panfletos políticos, por exemplo, a «Exposição apologética dos Portugueses imigrados na Bélgica que se recusaram a prestar o juramento deles exigido no dia 26 de Agosto de 1830». Voltou integrado na expedição dos 7 500 que desembarcaram no Mindelo em 1832 e no ano imediato é nomeado procurador régio na Relação de Castelo Branco. Foi eleito deputado por Trás os Montes em 1834 e 1836.

Rodrigo da Fonseca encarregou-o de redigir o projecto de reforma do ensino primário, a primeira desde a reforma pombalina. Sucessivamente, foi eleito por Penafiel, Porto, Aveiro, Moncorvo, etc., sendo também nomeado para cargos da justiça e da administração pública até se categorizar como juiz conselheiro do Supremo Tribunal e par do reino.

Em 25 de Abril de 1865 foi agraciado com o título de Visconde de Seabra. Em 1866 era reitor da Universidade de Coimbra, lugar de que se demitiu em 1868.

Entre as suas obras contam-se estudos jurídicos como *A Propriedade e Filosofia do Direito para servir de introdução ao comentário sobre a lei dos forais*, mas o Visconde de Seabra é lembrado sobretudo pelo seu *Código Civil*. O respectivo projecto foi-lhe pedido por decreto de 8 de Agosto de 1850 e as cortes aprovaram-no em 26 de Junho de 1867, sendo promulgado a 1 de Julho do mesmo ano. Assim culminaram 17 longos anos concentrados na casa de S. Lourenço e





depois na de Santa Luzia, em Mogofores, trabalho operoso que um busto em bronze homenageia em praça central de Anadia.

Porém, o Visconde de Seabra não avulta menos como humanista, poeta neo-arcádico e jornalista, embora por isto seja menos recordado. Fundou e dirigiu em Coimbra os jornais «Cidadão Literato» e «Observador», que a censura política perseguiu; em Lisboa dirigiu «O Independente»; no Porto, «Estrela do Norte». Em 1842, numas férias de desembargador da Relação do Porto, escreveu *António Homem ou o Mestre Infeliz*, que ficou inédito; uma carta que enviou a Alexandre Herculano, então colocado na Biblioteca do Porto, indica

que era um romance sobre a dominação dos Filipines, acerca de «António Homem, lente de Prima de Cânones, acusado de judaizar», que foi preso em 1619, em Coimbra, e queimado em Lisboa em 1624.

O Visconde de Seabra traduziu as *Sátiras e Epístolas*, de Horácio (Porto, 1864), obra em dois volumes que integra a conhecida e muito estimada «Epístola aos Pisões». Em 1886, retirou-se definitivamente da vida pública e fixou-se em Mogofores. Casou duas vezes. Cego, com auxílio de um secretário, traduziu as *Tristias*, de Ovídio, e por fim *Colombiade*, poema sobre o descobrimento da América de autoria de Madame du Bocage. Morreu em 29 de Janeiro de 1895, com 96 anos, na sua quinta de Santa Luzia, antes de poder terminar as *Memórias de uma Longa Vida*.

Semedo, Fernando



Jornalista, autor de livros. Nasceu em 25 de Setembro de 1954, em Lograssol, Varcariça, Mealhada, e morreu em 21 de Maio de 1994, em Lisboa,

encontrando-se sepultado na sua freguesia natal. Nos breves 39 anos que lhe couberam viver, Fernando (Manuel da Silva) Semedo distinguiu-se como jornalista. Os três livros que publicou, dois dos quais em co-autoria, confirmam-no acima de tudo nessa qualidade. De facto, iniciou bas-

tante cedo a sua colaboração nos jornais.

Fez os estudos secundários no Porto e começou a escrever em semanários («Independência de Águeda», «Jornal do Fundão», «Voz Portucalense», «A Opinião»). Profissionalizou-se no «Jornal do Comércio», delegação do Porto; em 1976 passou para «O Diário» e depois mudou-se para Lisboa, onde trabalhou na redacção de outras publicações. No jornal «Público» trabalhou desde a sua fundação e até morrer.

Na altura preparava a reedição actualizada de *Parasitas de Deus*, obra documental editada em 1988, sobre as novas seitas religiosas. Os dois outros livros publicados por Fernando Semedo foram *Operação África* (1984), em co-autoria com João Paulo Guerra, e a obra ilustrada *Lisboa Africana* (1993), em co-autoria com a foto-reporter Elza Rocha, sua mulher, e José Eduardo Agualusa. Na verdade, foi muito escassa, ou mesmo nula, a atenção que o autor deu à região bairradina.

Semedo, Martins

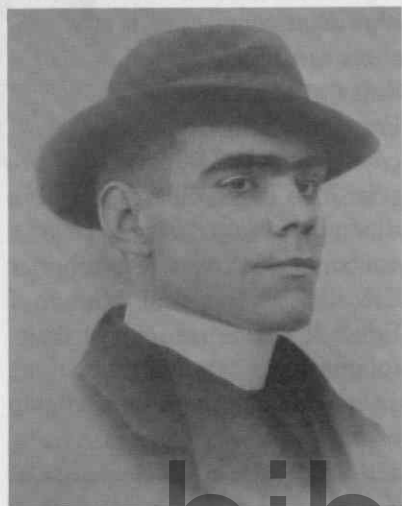
Poeta popular. Nasceu a 28 de Outubro de 1914 (registado em 11 de Novembro) em Ferreiros, Anadia, e morreu em Setúbal em data incerta. (Adelino) Martins Semedo trabalhou na secretaria dos serviços municipalizados de Anadia e começou a publicar poesia no jornal «Defesa de Anadia». Emigrou para Angola, viveu na colónia 24 anos e ali, em Nova Lisboa, colaborou no jornal «O Planalto». Após a descolonização, regressou como «retornado» e ficou a residir em Setúbal. Reformado, passou a escrever em variadas publicações nacionais: «Actividades Portugue-

sas» (da qual foi chefe de redacção), «Povo do Cartaxo», «Jornal da Bairrada», «Diário de Macau», revista brasileira «Roteiro», «Elos no Porto», etc.



Estreou-se com o livro de poesias em forma de sonetos *Abismos* (Anadia, 1977) e publicou ainda *Adágios*, glosas de aforismos em forma de quadras (sem data nem local de edição). Martins Semedo foi radio-amador (QSO Matinal). Terá deixado vários inéditos: um livro de poesia e outro de prosa.

Silva, Acúrcio Correia da



Padre e poeta, organizador principal, com António de Cértima*, do grupo «Plêiade Bairradina». Nasceu a 22 de Outubro de 1889, no lugar do Cercal de Cima, Oliveira do Bairro, e morreu em Sangalhos a 25 de Março de 1925. Ficou sepultado na terra natal após viver uns breves 35 anos.

Estreou-se nas letras em 1912, ao sair do Seminário de Coimbra, com *Dor e Luz*, poesia. Tinha 23 anos de idade e foi desde então pároco na vila de Sangalhos. Fruto da sua acção evangelizadora seria *Natal... Festa de Família*, opúsculo de 39 páginas (Oiã, 1919) ao modo de carta de boas-festas aos paro-

quianos, conforme se lê no subtítulo. Ainda em Sangalhos, fundou em 1923 um montepio.

Foi um orador elogiado e sobretudo uma figura cintilante no panorama bairradino da época. A partir de 1912, mas especialmente após a publicação, em 1915, de *Seroadas Fulvas* – versos e prosas de um lirismo enternecido e ardente que M. Rodrigues Lapa* considerou «o livro mais bairradino da Bairrada» pelo «espírito regionalista» que no final prometia – o padre Acúrcio tornou-se num admirável animador da vida cultural da região, escrevendo amiúde nas colunas de variados periódicos da redondeza, promovendo recitais de poesia e espectáculos de teatro, compondo música. Reuniu à sua volta inúmeros poetas e apresentou, com António de Cértima, a «Plêiade Bairradina» em 15 de Setembro de 1918, tendo também cooperado na fundação do semanário «Gente Nova» (1919-1920), órgão da «Plêiade», sempre com o objectivo de promover o seu querido «Torrão». Graças a tudo o que ficou a dever-se à sua intervenção, a Bairrada ganhou desde aí um relevo cultural próprio que anos depois da sua morte entrou em

grande eclipse mas que na actualidade seria bom não mais perder.

Absorvido pelas funções paroquiais e por actividades culturais constantes, o padre Acúrcio descuro em demasia a elaboração e publicação da sua obra literária pessoal e mesmo certos cuidados mínimos que devia à sua própria pessoa. Adoeceu e a doença, uma pneumonia dupla, foi-lhe fatal. A maior parte do que escreveu e publicou ficou dispersa por jornais (hoje esquecidos ou existentes em colecções raras ou incompletas) e aí por vezes irreconhecível, pois o autor usou diversos pseudónimos não identificáveis com segurança, restando reconhecíveis sem dúvida apenas os de «Sálcio V. Dias», «S. Dias» ou «Sálcio Bairrada», os mais notórios.

Assinala-se a publicação póstuma do *In memoriam – Antologia*, livro de 1959 que acompanhou uma homenagem à sua memória então promovida em Oliveira do Bairro e que incluiu a inauguração do busto no jardim que recebeu o seu nome. É um livro importante pelos depoimentos que inclui sobre o padre-poeta e pela inserção de trechos (seleccionados por Manuel Filipe*) das obras inéditas do seu espólio. Nesse livro indica-se que Acúrcio Correia da Silva terá



deixado por publicar sete títulos de poesia e onze de teatro, além de seis volumes de reflexões diarísticas. Ignora-se o paradeiro de tão vasto espólio, sabendo-se apenas que a sua biblioteca foi doada em 1989, pelos herdeiros, à Universidade de Aveiro.

Considera-se em geral o padre Acúrcio dotado de um espírito inquieto, penetrante e muito aberto. Na sua obra, o autor procurou uma fusão do profano com o sagrado e do popular com o culto enquanto emanções de uma entidade única, ou seja, tentou estabelecer uma ponte entre a razão teológica e a razão vital.

Onde param as obras?



Uma surpresa tem a Biblioteca da Universidade de Aveiro para o leitor que a procure na esperança de encontrar as obras literárias publicadas por Acúrcio Correia da Silva e que ali chega depois de longamente desesperar porque em lado nenhum as terá encontrado acessíveis à leitura. O leitor, naturalmente, espera ter localizado por fim todos os seus (afinal poucos) livros, mas irá topar apenas o opúsculo *Natal... Festa de Família*, que o autor mandou fazer em 1916 e depois se vendeu a dez tostões cada.

Tão-pouco se acham no designado «Fundo do Padre Acúrcio», pertença da Universidade de Aveiro, os numerosos manuscritos inéditos do autor listados no seu *In memoriam* e nem sequer este mesmo volume, de 1959, de que ainda sobram alguns exemplares em circulação talvez por nunca ter sido distribuído pelas livrarias. Não se vê ali um único caderno autógrafa, uma única coleção de recortes da abundantíssima colaboração que o autor espalhou pela imprensa regional (e que ninguém cuida de coligir). Tudo isso, que seria tão expectável, brilha ali pela ausência.

O que o «Fundo» dá a ver, interessa sem dúvida ao conhecimento da personalidade do padre e poeta. Percorrendo as estantes dos livros (por ele comprados muitas vezes com dinheiro poupado em comida), descortina-se a vastidão dos horizontes mentais daquele homem: possuía livros de poesia, religião, filosofia, política, questões sociais e até sobre hipnotismo, muitos deles anotados, discutidos por vezes de formas muito curiosas.

Talvez se considere em geral que a grande inacessibilidade real em que se encontram as obras do autor à leitura pública, tanto em livros como em periódicos regionais, não implicará um grande dano cultural, no suposto, algo fundamentado, de que o seu maior valor se concentra no sentido global de toda a acção cultural que Acúrcio desenvolveu em prol da região da Bairrada, região que ele soube erguer de forma inovadora à categoria de motivo central da poética e da arte em geral. O valor máximo da sua obra para a Bairrada residiria, portanto, no exemplo que deixou e que tão custoso parece hoje ser de seguir.

Hino da Bairrada

*Do Buçaco ao Vouga,
Desde o Caramulo ao mar
Um paraíso se afoga
Em sol, verdura e luar.*

*É uma terra encantada
Onde aves e trovadores
Dão perpétua serenada
Aos fulvos astros e às flores.*

Coro:
*Bairrada amada,
Seja bem-vindo
Quem te amar, ó roseiral!
Terra lavrada!
Rosas abrindo
Como em éden triunfal!
É o canteiro mais lindo
Do jardim de Portugal!*

*Quando Portugal nasceu
Duma guerreira arrancada,
Baixou a graça do céu
Sobre os campos da Bairrada!*

*Para que os lusos guerreiros
De cruz e espada cingidas
Achassem nos seus outeiros
Descanso às sangrentas lidas.*

Coro:
Bairrada amada, etc.

*Porque passou na Bairrada
Camões, o rei dos cantores,
Talvez dela copiada
Fosse a Ilha dos Amores.*

*Os recortes verdejantes
Da paisagem bairradina,
Lembram bem as ondulantes
Curvas da Ilha divina.*

Coro:
Bairrada amada, etc.

*Enquanto a vista se perde
Nestes campos enflorados,
— Ó filhos da terra verde
Ó ala dos namorados.*

*Ergamos até aos astros
Da Bairrada as seduções
Buscando os límpidos rastros
De artísticas tradições.*

Coro:
Bairrada amada, etc.

*Inspirai-vos nas cantigas
Que saltam em timbres de ouro
Dos lábios das raparigas
Desfolhando o milho louro.*

*Do Buçaco até ao Vouga,
Do Caramulo ao mar
Toda a Bairrada se afoga
Em sol, verdura e luar!*

Coro:
Bairrada amada, etc.

Letra de Acúrcio Correia da Silva
Música de Albano Ferreira da Cruz

«Camões viveu aqui»



O «Hino da Bairrada», divulgado pela «Plêiade Bairradina» desde 1918, andou esquecido uns bons cinquenta anos. Mas começou a ser recuperado, primeiro numa execução ao piano, em 1988, e depois num arranjo coral graças à colaboração do dr. Silas Granjo. O Orfeão de Bustos começou a executá-lo em 1990 e outros agrupamentos musicais bem fariam incluindo-o também nos seus repertórios, para que as notas vibrantes e festivas da composição soem amiúde.

Ora, seja como for, vale a pena notar no poema do hino – cujos primeiros versos são talvez os mais conhecidos na região! – duas quadras que por sinal se relacionam com uma questão histórica célebre e que se mantém bastante incerta. O sentido do texto é evidente, mas as quadras parecem passar completamente despercebidas.

Acúrcio Correia da Silva, aparentemente, toma nesses versos a defesa de uma das teses em confronto no caso, escrevendo: «Porque passou na Bairrada / Camões, rei dos cantores, / Talvez dela copiada / Fosse a Ilha dos Amores... // Os recortes verdejantes / Da paisagem bairradina / Lembram bem as ondulantes / Curvas da Ilha divina...»

Esta passagem aponta para a famosa lenda (ou verdade histórica?) segundo a qual Luís de Camões teria vivido num paço dito oitocentista, portanto muito posterior, existente, e agora em ruínas, junto da ribeira de Carvalhais (Moita, Anadia), lugar próximo de Ferreiros, que foi sede de concelho medieval, com carta de foro e couto outorgado por D. Sancho em Maio de 1210. Na margem oposta da ribeira encontra-se a Casa de Carvalhais, essa sim, seiscentista, com brasão dos Borges.

Elementos da população local acreditam, por força de uma tradição, no «paço de Camões». E há alegações de que «Camões visitava frequentemente, quando estudante em Coimbra, a célebre Casa Borges, onde vivia Catarina de Ataíde.» Esta Catarina de Ataíde teria sido a inspiradora do soneto camoneano «Alma minha».

Não cabe aqui mais do que o simples aflorar da questão, perspectiva em que se colocaram também Amaro Neves, Énio Semedo e Jorge

Arroteia, co-autores do livro *Aveiro – Do Vouga ao Buçaco* (Editorial Presença, Lisboa, 1989, pp. 199-201). Aí se pode ler (p. 200): «Porquê tão viva a crença popular de que Camões viveu ali, quando os estudiosos, em geral, combatem esta ideia?»

Que ninguém ouse responder sem ter na mão provas suficientes. Quem pode hoje saber se D. Catarina de Ataíde casou contrariada, de olhos postos no Poeta? Que rosto teve e onde pára a «alma minha»? Mas escutemos, pelo menos, a lenda popular envolta na letra do hino!

Silva, M. Correia da

Poeta e professor. Manuel Correia da Silva foi o segundo dos irmãos de Acúrcio Correia da Silva* na ordem dos nascimentos que como os demais veio à luz na casa familiar do Cercal de Cima, Oliveira do Bairro. Um pouco a exemplo do irmão, também escreveu nos jornais e se afeiçoou à arte dos versos, nomeadamente em «O Brado», de Ílhavo, desde Novembro de 1911, quando frequentava o colégio.

Publicou três livros de poesias: *De longe – Versos d'Além-Mar*, 1932; *Cantares de Angola* (sem data) e *Portugal ao Alto!* versos ditos «para o povo», dedicados «À indómita bravura dos soldados portugueses» (1962?). Neste último, M. Correia da Silva anunciava para publicação nada menos de quinze novos títulos: versos da mocidade, outros versos, poesias

obrigadas a mote, e prosas, uma das quais sobre os Descobrimentos portugueses.

Salienta-se a inclinação deste autor, tão diverso do irmão padre, para os temas africanos, designadamente angolanos. Pretendeu M. Correia da Silva cantar a presença lusa em África com um sentido vincadamente conservantista e nacionalista, que nele se identificava com a sua particular concepção de patriotismo. Esta marca ideológica e política ficou visível em quase toda a sua obra.

Colaborou no «Alma Popular» e foi redactor do jornal juvenil «Gente Nova», junto com António de Cértima* então em início de carreira, desde o início da respectiva publicação em Oliveira do Bairro – em 22 de Março de 1919 – mas logo, em Maio de 1920, partiu pela primeira vez para An-

gola. Ali se dedicou longamente ao ensino e se casou com uma professora.

Em Benguela, onde exercia a profissão em 1957, atingiu a idade da reforma. Pensou logo em regressar à pátria e realmente voltou, mas foi radicar-se em Cernache do Bonjardim (Castelo Branco), onde encontrou o colégio no qual ele próprio e um outro irmão haviam estudado.

Por volta de 1959 colaborou com certa frequência no «Jornal da Bairrada», inserindo poesias diversas. Apenas uma evoca a «Terra Verde». De facto, surpreende a parte reduzidíssima dos textos escritos pelo irmão do padre

Acúrcio, que tão grande paladino foi da Bairrada, em condições de espelhar a terra ou a região natal. A África colonial cativou-o completamente.

A poesia é «Lar bendito!», oito quadras nostálgicas compostas no ocaso da vida. Eis duas: «Minha terra de flores, de olímpica fragância, / Onde harpejou de amor meu rústico alaúde, / – Terra que viu, outrora, o meu sorriso de infância / E onde decorreu a minha juventude! // – Ó terra de pomares e verdes ramarias / Aonde os rouxinóis, em dúbido gorjeio, / Entoam orquestrais, suaves melodias! / – Permita o céu que, em paz, eu morra no teu seio!»

Silva, Mário Augusto da

Docente universitário de Física, divulgador das ciências e perseguido político. Nasceu em Sangaalhos a 23 de Abril de 1899 e morreu em Coimbra a 13 de Junho de 1977. Matriculou-se na Universidade coimbrã em 1919 e doutorou-se em Ciências em 1922. Foi director do Laboratório de Física (1931) e secretário da Faculdade de Ciências (1941). Publicou artigos em jornais e revistas científicas, além de livros diversos, tais como: *Newton Expe-*

rimentador, 1932; *Lições de Física*, 1937; *Teoria do Campo Electromagnético 1 (Maxwell, Lorenz e Einstein)*, 1945, e 2 (*Coulomb, Derster e Ampère*), 1947.

Motivos políticos levaram à sua suspensão da Universidade em 9 de Setembro de 1948. Aposentou-se em 21 de Abril de 1948, mas foi reintegrado em 17 de Fevereiro de 1971. Em 1974 foi nomeado director do Museu Nacional da Ciência e da Técnica.

Silveira, Joaquim da

Notário, filólogo e publicista, estudioso de toponímia e outros temas historiográficos. Nasceu a 2 de Março de 1879, na Fogueira, Sangalhos, Anadia, e ali morreu a 20 de Setembro de 1972. Na longa trajectória da sua existência de quase 93 anos, destacou-se no país pela sua vasta erudição filológica, que acabou por dedicar de forma muito evidente aos estudos de toponímia.

Joaquim (Albino) da Silveira começou a escrever muito cedo, ainda estudante liceal, colaborando em jornais e revistas, e manteve-se em actividade durante uns setenta anos, mas faleceu sem ter publicado um livro, pois o único que surgiu, *Estudos de Toponímia da Bairrada* (Porto, 1993), é póstumo. Tinha 17 anos quando, em 23-07-1896, publicou em Aveiro o jornalzinho de intenção literário-satírica «A Mocidade»; em 22 de Novembro do mesmo ano seguiu-se-lhe «A Carga» e depois apareceu com «O Torneio (Ex-A Carga)». Director e principal redactor era «O. Pestana», pseudónimo que usou no período juvenil.

O primeiro estudo característico de Joaquim da Silveira saiu em vários números do «Jornal de

Anadia» em Novembro de 1899, com o título de «Cartas para a história da Beira Cértima». Reuniu contributos científicos de

tamanha valia que o autor se tornou notado. Assinava como *Th. Ramires*, pseudónimo que ficou assumido mais tarde nas próprias colunas do jornal. De facto, o autor publicou ali, até aos primeiros anos do século XX, copiosos estudos sobre importantes temas de interesse regional. O início da sua errância profissional terá posto fim a essa colaboração.

Depois de se formar em Direito na Universidade de Coimbra e já como notário, Joaquim da Silveira esteve radicado em Alcanena, Maia e em outros concelhos, até se fixar na Figueira da Foz, onde acabou por atingir a idade da reforma. Mudou-se então para Coimbra e, logo que restaurou a velha casa do largo da Fogueira, mudou-se definitivamente para lá.

Joaquim da Silveira publicou uma quantidade surpreendente de estudos e artigos diversos sobre-



tudo em revistas especializadas. Em 1952, o Instituto de Estudos Românicos de Coimbra, pela mão do Prof. Manuel de Paiva Boléo, organizou e deu à estampa um *Índice remissivo* desses textos dispersos por variadas publicações, inclusive na «Revista Lusitana», de Joaquim Leite de Vasconcelos.

Outras revistas que inseriram trabalhos do erudito bairradino: «Revista Portuguesa de Filologia», «Biblos», «O Instituto», «Boletim do Centro de Estudos Geográficos», «Arquivo do Distrito de Aveiro», etc. De alguns desses trabalhos foram feitas separatas.

Modesto e erudito



Pessoa de notável modéstia, Joaquim da Silveira impôs-se pela segurança e clareza dos seus conhecimentos. Colaborou com filólogos e historiógrafos de renome nacional, nomeadamente com Rebelo Gonçalves, Cândido de Figueiredo, Fortunato de Almeida, D. Fernando Tavares e Tavora (sobre linhagens), Amorim Girão e J. Leite de Vasconcelos, discutindo com eles desassombradamente, com admirável independência de espírito, sempre que entendia ter razão. Dessas colaborações resultou a inclusão no léxico nacional de alguns termos regio-

nais bairradinos. Além disso, lutou denodadamente no sentido de corrigir numerosas grafias de topónimos consideradas erróneas e perturbantes da correcção da boa língua portuguesa devido à respectiva análise científica. Por outro lado, contribuiu valiosamente, com achegas inolvidáveis, para a riqueza cultural da Bairrada, região que estudou com carinhosa minúcia.

Simões, António Augusto da Costa

Autor de importantes obras de carácter histórico e científico. Nasceu na Vacariça, Mealhada, a

23 de Agosto de 1819 e morreu na sua quinta do Murtal, na Mealhada, a 27 de Novembro de 1903,

com 84 anos. António Augusto da Costa Simões inscreveu-se na Faculdade de Filosofia e Matemática, em Coimbra, em 1835, enquanto iniciava estudos preparatórios de Medicina, e entrou para esta Faculdade em 1838. Concluiu a formação médica em 1843 e passou a exercer clínica. Doutorou-se em 1848. Foi deputado em várias legislaturas e, mais tarde, presidente da Câmara dos Deputados. Em 1854 foi nomeado lente substituto da Faculdade de Medicina, no ano seguinte assumiu a direcção do Hospital da Conceição e presidiu à Câmara Municipal de Coimbra. Catedrático de Medicina em 1860, passou em 1863 a reger a cadeira de Histologia e Fisiologia Geral. Em 1870 iniciou a administração dos Hospitais da Universidade de Coimbra e em 1882, como lente de prima, retirou-se do ensino universitário oficial.

O Dr. Costa Simões escreveu diversos estudos sobre o Hospital e os esgotos da cidade. Entre 1892 e 1898 foi reitor da Universidade, após o que se retirou para a sua casa na Mealhada, vila onde a sua



iniciativa viabilizou a construção dos Paços do Concelho e do hospital. Promoveu ainda a exploração das águas do Luso e a criação das respectivas termas. Sobre o tema publicou *Notícia dos Banhos do Luso; apontamento e*

administração destes banhos, com duas estampas do edifício (Coimbra, 1859).

O livro mais conhecido e apreciado do autor é a *História do Mosteiro da Vacariça e da Cerca do Buçaco* (Coimbra, 1853), entre muitas obras de carácter científico ou documental. À iniciativa cultural do Dr. António Augusto da Costa Simões deve-se ainda o início da publicação do periódico «O Instituto», em cujas páginas arquivou inúmeros trabalhos de sua autoria. Colaborou também no «Conimbricense» e na «Revista Médica de Lisboa». Foi um dos fundadores do jornal «Coimbra Médica» e organizou a biblioteca especial da Faculdade de Medicina. O jornalista Adelino de Melo*, da Vacariça, patrocinou a erecção do monumento inaugurado em 1928 que o recorda na sua terra natal.

Sintra, Elmano de

Pseudónimo de Manuel Pereira Júnior. Nasceu em Águeda e emigrou para o Brasil, onde publicou diversos livros de prosas. É autor de *Glórias Portuguesas*, *Amor e Tragédia*, *Epo-*



peia Maravilhosa, Imagens e Sombras e Espectro – Filosofia e Fantasia Filosófica (Curitiba, Brasil, 1955). Salienta-se no autor a inclinação reflexiva, humanística e moralizante.

Soares, Feliciano

Autor literário bairradino. Sabe-se pouco da vida de Feliciano (José) Soares. Nasceu no século XIX, julga-se que em Aveiro, onde terá frequentado o liceu, ou em Oiã, onde se casou. Em 1913 estava colocado no Funchal como oficial da



Esta obra interessa pelos traços biográficos que contém sobre o próprio autor e, em especial, sobre a vida rural que decorria num ameno recanto da Bairrada no início do século XX. Feliciano Soares evoca a Quinta do Salão, lembrada em

Alfândega. A borbulha literária já devia atraí-lo para as colunas de jornais, mas então sentiu-se em desgraça (a mulher morreu-lhe a 28 de Fevereiro e a filha, com cinco anos, expirou a 14 de Abril do mesmo ano) e escreveu o romance *Crucificadas* (Funchal, 1915) em memória das falecidas.

Águas Boas (Oiã, Oliveira do Bairro), mudando-lhe somente o nome para Quinta dos Palhais, ali onde ele se terá casado com uma filha da casa, rebento de um ramo secundário da família Pinto Basto. Neste período, a Bairrada era abrangida pela província do Douro, divisão administrativa

então vigente e que o autor refere para enquadrar a sua região natal.

No pouco que se conhece de Feliciano Soares inclui-se o pedido por ele feito ao Governo Civil do Funchal, em 31 de Julho de 1919, para proceder à trasladação dos restos das duas mortas para o cemitério de Oiã. Supõe-se que ele próprio, em férias, terá acompanhado o transporte.

Feliciano Soares era profundamente católico e alimentava mesmo algumas tendências místicas. Prefaciou o livro *A Virgem de Fátima na Madeira*, reportagem de Eduardo Nunes (Funchal, 1948). Embora insulado, teve o nome incluído na lista de colaboradores da revista «Talábriga» de Aveiro (nº único, Abril, 1921; secretário, António de Cértima*).

Publicou mais uns oito títulos: *Terra! Terra!*, de colaboração com Emanuel Ribeiro (Funchal, 1915), opúsculo dado «em benefício do Lactário da Assistência a Crianças Fracas do Funchal»; *O Que Eu Vi*

e *Pensei*, obra com desenhos de Emanuel Ribeiro sobre «Educação, Mística, Viagens, Livros», conforme o subtítulo (Funchal, 1923); *Preocupações* (Lisboa, 1926), já o autor indicava ser «do Instituto de Coimbra»; *Petit Théâtre*; *O Mais Rico dos Pobres*; *Uma Hora de Anto* (Câmara Municipal do Funchal, 1941); *A Obra de A.N.T. na Madeira* [Assistência Nacional aos Tuberculosos?] e, por fim, *Epístolas a Quem Ensina* com citações no pórtico do cardeal Cerejeira e de Vítor Hugo (Funchal, 1953), onde o autor defende conceitos pedagógicos com fulgor de estilo e de inteligência.

Estas oito obras posteriores à de estreia interessam muito menos do que *Crucificadas*, ficção primeira e, supõe-se, última de Feliciano Soares. Apesar das imperfeições que apresenta, vale pela soma de aspectos que recolhe. É um pouco da Bairrada antiga transposta para a literatura.

bibRIA

Teles, Cândido

Pintor e militar. Nasceu em 1921, em Ílhavo, e ali morreu em Outubro de 1999 com 78 anos. A sua primeira exposição individual data de 1939, na Costa Nova, onde conheceu e trabalhou com o pintor surdo-mudo Fausto Sampaio*. Tinha 18 anos e uma inclinação para as paisagens marinhas. Depois a carreira militar, que o elevou à patente de coronel, determinou-lhe uma errância que só terminou em 1973 quando, já aposentado, se fixou definitivamente em Ílhavo. Viveu sucessivamente nos Açores (ilha de S. Miguel), em 1944-45, regressou à terra natal em 1946, partiu para Angola em 1951 e ali se ficou até 1956 (sobretudo em Huambo e Cabinda), em 1961 mudou-se para a ilha da Madeira, voltou a Angola em 1963 e lá ficou até 1965, ano em que se radica em Évora, para

em Outubro de 1971 começar a residir em Nam-pula, Moçambique.

C. Teles (assim assinava as suas obras) seguiu o exemplo paterno pois, além da pintura, trabalhou em cerâmica, que começou a experimentar em 1959, em Leiria, e continuou a experiência em 1965 e 1971, em Viana do Alentejo, e mesmo mais tarde, em Ílhavo, Aveiro e Águeda (grés).

As exposições mais relevantes que realizou foram as retrospectivas «30 Anos de pintura» (1969, Museu de Évora), «40 Anos de pintura» (1979, Museu de Aveiro) e, em 1988, no Museu Marítimo e Regional de Ílhavo,



que reuniu 264 quadros. O pintor está representado nos museus, de Arte Contemporânea de Lisboa, Angola, Lagos, Aveiro, Angra do Heroísmo, Évora, Ílhavo, da Marinha e Dionísio Pinheiro (Águeda). Co-fundou o grupo Aveiro/

Arte. Foi condecorado em 1985 por mérito artístico com o grau de Oficial da Ordem de Santiago da Espada, entre outros galardões, e homenageado com a publicação do livro *C. Teles* (Aveiro, 1988), de autoria colectiva.

Na Bairrada com amor

Cândido Teles cresceu e fez-se reconhecer como o emérito pintor da Ria, pois nasceu e viveu em Ílhavo, por assim dizer com os pés na laguna e os olhos iniciais abertos para os moliceiros. E quando já levava perto de 50 anos de actividade artística, decidiu voltar-se para a Bairrada. Quis pintá-la com

amor, na atitude de quem retoma as matrizes: os seus avós maternos foram lavradores em S. Lourenço do Bairro e o seu primeiro mestre da arte foi Fausto Sampaio*, grande artista bairradino. A viragem surgiu-lhe depois de ter conhecido variados ambientes: açoriano, angolano, guineense, madeirense, alentejano, algarvio, moçambicano, etc., até à aposentação. Ora em todos estes ambientes praticou uma pintura de ar livre, dentro de uma linha figurativa ou naturalista.

Os temas bairradinos aparecem nas gravuras e nas telas do pintor desde 1989. Na sua extensa obra passaram deste modo a ganhar especial relevo quadros com títulos sugestivamente familiares: Pateira de Fermentelos, Uvas, Cava da vinha, Poda da vinha, Vindimas, Carregando a dorna, Transporte dos poceiros, Sulfatando, Prova na adega, Tanoeiros, Outono, Uma taça na cave, Parreira, Varandas do Cértima, O Cértima em Vale de Estêvão, Casa Montalvão – S. Lourenço do Bairro, N.ª Sr.ª das Febres – Monte Crasto, Porto de Fareja – Soza, Porto de Asna – Pateira, Ponte do rio Alfusqueiro – Águeda, etc.



Teles, José Pereira

Professor e jornalista ilhavense, apoiante da «Plêiade Bairradina». Muito jovem, frequentou o Seminário de Coimbra, onde estreitou amizade com o condiscípulo Acúrcio Correia da Silva*. Os jornais da sua terra natal atraíram-no e não tardou a colaborar em «O Brado», hebdomadário independente dirigido por Ulisses Ferreira Nação. José Pereira Teles assinou ali, em Março de 1911, uma dita «tradução» de romance francês (sem indicação do autor). Em Novembro de 1911 empregou-se como prefeito da Escola Prática de Línguas e Comércio de Gaia, onde pretendia ao mesmo tempo fazer o curso comercial; mas desistiu em 1912. Preferiu ser redactor de «O Brado» (1910-1921), jornal que, em 31-08-1912, passou a dirigir. Manteve-se ainda como director quando este jornal mudou de título («O Ilhavense», 1921-1951). De facto, proclamou-se sempre como bairrista ardoroso e militante. Escreveu «Eu

amei, quanto pude, a minha Terra» e propôs que a frase lhe servisse de epítáfio.

José Pereira Tavares ensinou na Escola Central de Ílhavo. Publicou algumas poesias e escreveu a revista *A Nova Escola*, espectáculo com música de Berardo Camelo representado por mais de 80 crianças e levado ao palco em Anadia, Aveiro e Ílhavo. As relações de amizade com o padre Acúrcio reflectiram-se sobretudo na intensa colaboração que este publicou no jornal do ex-condiscípulo, sob vários pseudónimos, e foi ao ponto de lhe arranjar bastantes colaboradores bairradinos. Por seu lado, José Pereira Tavares participou com um texto no *In Memoriam* do padre Acúrcio (Oliveira do Bairro, 1959).



bibRIA

Valdez, José Joaquim d'Ascensão

Autor de estudos de história, arqueologia e arte. Nasceu em Lisboa a 5 de Maio de 1842 e ali morreu a 30 de Setembro de 1926. José Joaquim d'Ascensão Valdez fez parte do Conselho Administrativo das Bibliotecas e Arquivos Nacionais (1902). Co-fundou a «Gazeta Familiar», 1861 e a «Censura», 1864. Colaborou designadamente em publicações do Instituto de Coimbra, do qual era sócio correspondente, e no boletim da Associação dos Arqueólogos,

da qual foi sócio muito activo. Dedicou-se a estudos de numismática, matéria que também ensinou, e ao coleccionismo. Dedicou ainda estudos monográficos a diversas localidades do país, como Ois do Bairro, freguesia focada pelo autor em «Breves memórias para a História e descrição de Ois do Bairro no concelho de Anadia», texto saído na revista «O Instituto» (1901, vários números) e reimpresso recentemente (ed. *fac-simile*, Anadia, 1995).

Valente, João Mendes

Poeta. Nasceu em Lisboa (em 1913?) e morreu na Mealhada, onde se casara, a 21 de Março de 1960. Versejador de óbvia formação clássica, João Mendes Valente publicou três livros de poemas entre 1947 e 1951, referindo-os

todos à sua terra, a Mealhada, nas capas e nos frontispícios. É autor de *Folhas de Outono*, 1947, *Frauta Ruda*, 1951, e *Dor e Saudade*, também



dado à estampa em 1951. Estas obras, moldadas ao gosto do lirismo tradicional, contêm diversas alusões à Bairrada.

João Mendes Valente escreveu ainda *Barbas sem Sabão*, texto de espectáculo levado à cena, que se supõe inédito. O seu *ex-libris* ostenta a divisa *impendere mentem vero* e mostra um «ramo de videira bairradina». Foi administrador do concelho mealhadense em 1933. Dedicou composições à Curia e ao seu parque, a Rodrigo Rodrigues dos Santos*, ao padre Abel Condesso, e manteve uma espécie de «diálogo poético» com o poeta popular Augusto Pires*. Aparece portanto relacionado com outras figuras regionais do seu tempo.

Mas ficou sobretudo nas memórias como um fiel serventuário local do regime salazarista. Os seus versos exprimem um forte pendendor conservantista aliado a um fervoroso catolicismo. Aplaudiu Salazar, António Sardinha e a Juventude Católica da época, glorificando Deus, Pátria e Família, enquanto olhava de soslaio as mulheres, para ele uns «diabos de saias». Curiosamente, um poema dedicado a R. Rodrigues dos Santos tem data de 28-02-1948, ou seja, é posterior a *Clarão Vermelho*, «poemas sociais» que já em 1936 eram um estrondoso *best-seller*; levaram Rodrigues dos Santos a perder o emprego nos caminhos de ferro e a sofrer perseguições políticas.

Vasconcelos, Matias de Carvalho e

Docente universitário e político. Nasceu em Ourentã, Cantanhede, a 22 de Outubro de 1832 e morreu em Florença, Itália, a 3 de Outubro de 1910, quase com 78 anos. Matriculou-se na Universidade de Coimbra, em Matemática em 1848 e em Filosofia em 1852. Licenciou-se em Filosofia em 1854 e doutorou-se em 1859. Foi secretário da Faculdade de

Filosofia entre 1855 e 1859. Pertenceu ao Instituto de Coimbra e foi ministro da Fazenda (1865), deputado às Cortes (1865-1870), além de ministro de Portugal no Rio de Janeiro, Roma e Berlim e par do reino. Em 1888 recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Bolonha. Publicou *Princípios de Física e Química* (Coimbra, 1855).

Vasconcelos, Miguel Ribeiro de

Cónego, professor e historiógrafo. Nasceu em Santa Eulália, Guarda, a 30 de Setembro de 1798 e morreu em Coimbra a 29 de Março de 1861. Miguel Ribeiro (de Almeida e) Vasconcelos completou o curso na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra e a 17 de Abril de 1820 passou a ser cónego da catedral da mesma cidade. Doutorou-se naquela faculdade a 18 de Junho de 1821 e no ano de 1826 regeu a cadeira de Direito pátrio na universidade. Em 1857 começou a ser afectado por grave doença que logo o impediu de trabalhar.

Publicou o livro *Notícia Histórica do Mosteiro da Vacariça doado à Sé de Coimbra em 1094 e da série cronológica dos bispos desta cidade* (composto por três

partes impressas nas *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa* entre 1854 e 1857); *Apontamentos biográficos sobre o insigne poeta Luís de Camões* (1854); *Memória histórica e crítica sobre a Revolução de 1245, que tirou a Coroa a D. Sancho II para a dar a D. Afonso III* (revista «Instituto», vol. IV); *Carta aos redactores do 'Instituto'*, resposta a outra inserida no nº 17 do vol. IV em que Alexandre Herculano censurara a dita *Memória histórica* (rev. «Instituto», vol. IV, nº 21), entre outros trabalhos. É de notar que Miguel Ribeiro de Vasconcelos foi sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa e sócio efectivo do Instituto de Coimbra, no qual dirigiu a classe de Ciências Morais.

Vaz, Rebocho

Militar, governador e autor de livros. Nasceu em Avis a 7 de Outubro de 1920, mas viveu a infância em Góis e Santo Amaro de Oeiras e depois em Cantanhede, onde frequentou o liceu. Faleceu em Coimbra a 23 de Dezembro de 1998, ficando sepultado na Pocariça.

O coronel (Camilo Augusto de Miranda) Rebocho Vaz frequentou em Coimbra a Faculdade de Ciências para fazer os preparatórios e seguir a carreira militar, ingressando em 1943 como oficial no quadro permanente. Durante a Segunda Grande Guerra esteve

nos Açores e em seguida viveu em diversas cidades do país. Desde 1960, em Angola, acompanhou de perto as revoltas ali desencadeadas em Fevereiro de 1961 e que comentou no livro *Norte de Angola, 1961 – A Verdade e os Mitos*. Foi nomeado governador de Uíge no mesmo ano e em seguida foi governador geral da colónia, até Setembro de 1972.

No âmbito da sua governação, publicou quatro volumes: *Acção Governativa*; *Os Dois Primeiros Anos de Governo*; *Os Dois Seguintes Anos de Governo*; e *Os Últimos Dois Anos de Governo*. Colaborou com depoimentos em dois outros livros: *Os Últimos Governadores do Império*, por Paradela de Abreu; e *A Guerra de África, 1961*, por José Freire Antunes.

Veiga, João Crisóstomo da

Padre e erudito. Nasceu em 1796 e faleceu em 12 de Agosto de 1878. Foi prior em Aguada de Baixo, Águeda, e colaborou no jornal «Escola Popular» (1870-1871), o primeiro que se publicou na então vila. É recordado como

autor de uma *História Universal sagrada, profana, política e eclesiástica*, dois volumes (1854-1857). De sua autoria são também umas *Reflexões ou breve discurso sobre a roda dos expostos* (Coimbra, 1853).

Veloso, José Maria

Professor do ensino primário e poeta. Nasceu em Águeda e ali morreu em 18 de Junho de 1875 com 52 anos de idade. Publicou *A Bicha-moira em duas noites de S. João* no primeiro jornal aguedense, «Escola Popular» (1870-1871), do qual foi assíduo colaborador. É um longo poema inspirado numa lenda local: por volta de 1100, durante mais de duzentos

anos, os mouros ocuparam Águeda. Uma princesa vivia num castelo junto à fonte, onde estava a torre de vigia, e ela acabou por se apaixonar por um príncipe que não era mouro, o que era interdito. Mas ela casou-se com ele e ficou logo transformada numa serpente. O encanto acabaria só quando lhe aparecesse, na noite de S. João, um príncipe que a beijasse na testa, na

boca e no peito, três beijos que ninguém teve coragem para lhe dar. E assim a princesa continua ainda a rastejar pelo jardim do castelo.

José Maria Veloso escreveu também naquele semanário acerca da historiografia de Águeda (que por sinal identificou como a *Eminium*, mais tarde localizada em Coimbra) e de outros temas. No livro *Águeda* (1904), de Adolfo

Portela*, surgem dois sonetos de Veloso, recitados pelo autor aquando da visita de D. Maria II à sua terra. Portela indica que Veloso deixou inédito o poemeto em verso solto intitulado *O Rei D. Sebastião e a batalha de Alcácer Quibir*, cujo prefácio, em prosa, tinha a data de 1873. Em 1890 uma rua da então vila recebeu o nome de José Maria Veloso.

Vicente, António

Médico, poeta da «Plêiade Bairradina». Nasceu no Troviscal, Oliveira do Bairro, a 11 de Novembro de 1904, e morreu a 5 de Fevereiro de 1980, em Aveiro; foi sepultado em Mira, terra natal de sua mulher. Exerceu clínica durante cerca de 40 anos em Bustos, onde residiu, e depois em Aveiro, para onde se mudou. Era irmão do pintor e advogado Arlindo Vicente*. O parentesco, no ambiente do regime de Salazar, não permitiu a sua aprovação em concursos que disputou para lugares do funcionalismo concelhio, apesar das altas classificações obtidas no seu curso e de ser pessoa reconhecidamente honrada.

António Vicente colaborou no *In Memoriam* dedicado ao padre Acúrcio Correia da Silva* (Oliveira do Bairro, 1959), publican-

do um texto que sugere ter assistido, como médico e amigo pessoal, aos derradeiros momentos da vida do padre-poeta. Não chegou a publicar livro, mas colaborou em diversos periódicos regionais com prosas e poesias, nomeadamente em «O Correio do Cértima», de Oliveira do Bairro, jornal dirigido por Miguel França Martins* do qual António Vicente foi editor e redactor. Um curioso incidente marcou o fim dessa colaboração: no nº 9, de 19-12-1930 (o último que se conhece), o nome de António Vicente apareceu trocado no cabeçalho do jornal pelo de Carlos Branco. Uma nota inse-



rida no interior corrigiu o «lapso» mas não terá composto o incidente.

De facto, «O Correio do Cér-tima» publicava textos de colabo-radores bairradinos de nítida ten-dência republicana e democrática. António Vicente inseriu ali o so-neto «Vida nova», de que se trans-

crevem os tercetos finais: «É sem-pre assim o coração que ama: / Porque é humano, sente, canta e chora, / Vai mais alto, então e arde em chama. // Mas vem depois o tédio. E agora / É das cinzas já frias dessa chama / Que nasce o terno amor da vida fora.»

Vicente, Arlindo



Pintor, advo-gado e político. Arlindo (Augusto Pires) Vicente nasceu no Troviscal, Oliveira do Bairro, em 5 Março de 1906, e morreu em Lisboa, onde vivia, em 24 de Novem-bro de 1977, com

70 anos. Mostrou ter uma perso-nalidade trifacial: foi advogado de profissão, pintor por paixão (dei-xou uma obra de grande categoria artística reconhecida no plano nacional) e político por imperativo moral e cívico.

Focando essa trifacialidade, Jorge Guimarães considerou as facetas de Arlindo Vicente incom-patíveis e entrechocantes, pois existiria uma «insubmissão moral do Pintor». Afirmou: «Sente-se obviamente quanto as qualidades

intrínsecas do Pintor o teriam levado a altitudes de maior proe-minência na pintura portuguesa deste século, se apenas a ela se tivesse dedicado.» Continuou o mesmo autor: «de qualquer modo, ele realizou uma obra», uma obra que «bem nos documenta sobre a força do seu talento, o esforço do seu percurso e os altíssimos mo-mentos que nele conseguiu atingir. Peças há nesta colecção que são alguns píncaros da pintura do seu tempo, em Portugal. O *Enterro do Carcamano* é não apenas um lugar importante da iconografia dos meados do séc. XX, mas dá-nos na sua raiz algo de tão sentido e como-vente como os *Mangeurs de pom-mes de terre*.»

A irresistível vocação de Ar-lindo Vicente para a pintura des-pertou cedo mas esbarrou com difi-culdades. Não era profissão capaz naquele tempo. Depois de fre-

quentar o Liceu em Aveiro, estudou Direito (e Medicina, como seu irmão António Vicente*, elemento da «Plêiade Bairradina», mas não terminou o curso) em Lisboa e Coimbra, cidade esta onde, em 1927, com cerca de 21 anos, organizou o 1º Salão dos Estudantes. Em Lisboa organizou também o 1º Salão dos Independentes junto com Diogo de Macedo, António Pedro, Mário Eloy e outros. Porém, em 1933, ainda mantinha escritório de advogado no Troviscal e em Anadia, no que fora antes do Dr. Pinto Coelho. Depois mudou-se para Lisboa. Pertenceu aos corpos directivos da SNBA (Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa), onde colaborou na organização das «Exposições gerais de Artes Plásticas» realizadas anualmente desde os anos '40. Foi ilustrador da revista «Presença», dos jornais «Ler», «Diário de Lisboa» e «República», e ilustrou dezenas de livros.

Pintou centenas de quadros — óleos, aguarelas e desenhos — entre os quais muitos retratos de personalidades literárias (João Gaspar Simões, Carlos Queirós, António Pedro, Adolfo Casais Monteiro, José Régio, Miguel Torga, etc.). A sua obra artística patenteou-se eloquentemente em duas grandes exposições individuais que fez em

1970 e em 1974, na SNBA, quando, já aposentado e doente, se entregava por inteiro ao seu grande sonho de pintar. A primeira exposição póstuma do artista ocorreu em Águeda, na Fundação Dionísio Pinheiro, em Novembro de 1990.

No âmbito social e político, Arlindo Vicente foi candidato a deputado em 1957 e no ano seguinte à Presidência da República pela Oposição Democrática, tendo desistido a favor de Humberto Delgado. Destacou-se como conferencista, junto de colectividades populares, na defesa dos valores da democracia, da liberdade e do humanismo. Manteve uma atitude inconformista acentuadamente estética e, culturalmente, de matriz democrática. Prezava a seriedade do trabalho, o respeito pela liberdade dos homens e a generosidade para com os necessitados. O regime salazarista fê-lo passar um ano na prisão como elemento «perigoso» e foi condenado, em Julho de 1962, a 20 meses de prisão correcional e a cinco anos de suspensão de direitos políticos.



Esteticamente, o pintor apareceu ligado inicialmente ao chamado segundo modernismo português. A seguir situou-se na órbita do expressionismo, com alguns acentos alemão e nórdico, especialmente devido à luz diluída dos seus quadros. Mas em muitos deles ecoa, forte e desgarrador, aquele grito que salta da tela de Munch

para nos envolver de visceral comoção.

Mais tarde, Arlindo Vicente evoluiu em direcção ao neo-realismo. Pin-

tou retratos de crianças, nomeadamente de uma sua filha, que nos aproximam da condição frágil ou desvalida do ser infantil exposto às asperezas do mundo. Mas se, por um lado, podem detectar-se aí alguns signos neo-realistas, também lá estão em simbiose elementos do expressionismo. De facto, um artista de corpo inteiro pouco ou nada se subordina a tais rótulos ou catalogações. Cresce para além de muros, afirmando um toque ou uma abordagem original numa especial expressividade que fica como a marca da sua obra.

Artista da Bairrada

A obra artística realizada pelo pintor do Troviscal encontra-se dispersa por alguns museus e diversas colecções particulares do país e do estrangeiro, sendo portanto de difícil acesso. Como averiguar, portanto, que obras deixou com ligações perceptíveis à Bairrada? À evidência, poderão referir-se dois desenhos de sua autoria (assinados *Vicent*): uma tricana estilizada na Costa Nova ou em Mira e uma cena de vindima (rapazes e raparigas, cestos de uvas, dorna), ambos de 1928, que parecem evocar a Bairrada. Este último foi publicado em 1940, na revista «Bairrada nas Festas dos Centenários de Portugal», número único preparado para a Exposição do Mundo Português.

Outros quadros de Arlindo Vicente, por exemplo o desenho que retrata um par de campónios de meia idade, ostentam notórias marcas da sua região natal. Vendo bem, é possível que a Bairrada esteja presente com maior ou menor evidência, com maior ou menor presença-ausência, em muitas obras por ele realizadas.



Retrato por José Régio (pormenor)

Vidal, Antonino José Rodrigues

Professor universitário liberal. Nasceu em Anadia a 5 de Setembro de 1808 e morreu em Travasso, Mealhada, a 18 de Novembro de 1879. Matriculou-se na Universidade de Coimbra em Filosofia e Matemática, em 1823, e em Medicina em 1826. Em 1837, Antonino José Rodrigues Vidal doutorou-se em Filosofia. Foi director da respectiva faculdade, do Gabinete de Zoologia e do Jardim Botânico. Elaborou um índice das plantas deste jardim

(1850) e, entre outras obras, publicou um *Tratado Elementar de Botânica Filosófica* em 2 volumes. Participou nas lutas liberais integrado no Batalhão Académico. Em 1828 viu-se compelido a sair da universidade. Foi redactor do jornal «Grito Nacional» (1847) e de «O Liberal do Mondego» (1851-52). Foi eleito duas vezes deputado às Cortes e também várias vezes presidente da Câmara Municipal da Mealhada.

Vidal, Artur Nunes

Professor, regente de tunas e autor de livros. Nasceu em Fermentelos a 9 de Novembro de 1882 e morreu em Águeda a 6 de Maio de 1952 com 69 anos de idade. Está sepultado em Cedim, Sever do Vouga.

Terminou o curso de professor primário em 1902 e começou a leccionar em Fermentelos, depois mudou-se para Cedim, onde se casou. Em 1911 voltou para Fermentelos, fundou ali o jornal escolar «A Lição» e em Janeiro de 1921 passou a morar em Águeda até falecer. Em 1927 opta pela

Escola Industrial e Comercial local, da qual foi director durante um ano.

Artur Nunes Vidal fundou e regeu tunas em Fermentelos e outras localidades. Era executante de flauta, além de violino, violão e rabecão. Publicou os folhetos seguintes: *Regras de bem escrever*, *Princípios de análise lógica*, *Suma comercial*, *Tombo das Águas de Cedrivouga* e, hoje mais em foco, os livros: *Fermentelos*,



monografia de 1938 reeditada com capítulo novo e notas pelo padre Áureo R. de Figueiredo*, *Árvore de Linhagem dos Fermentelenses no Século XIX*, com pre-

fácio de António Rodrigues Pe-pino* Leónidas, obra de 1942 com reedição *fac-simile* em 1991, e *Lembranças de Fermentelos*, 1951.

Vilar, Amélia

Poetisa portuense, jornalista e conferencista. Amélia de Guimarães Vilar nasceu na cidade do Porto em 1889 e chegou a afirmar-se como a primeira poetisa portuguesa. Estreou-se aos 27 anos, em 1916, com *Lágrimas*, colectânea de sonetos e outras poesias, a que se seguiram uns quinze outros títulos publicados praticamente durante toda a sua longa vida, produção poética em parte recolhida no volume *A Minha Antologia* (Porto, 1966). Trabalhou em escritório e, entretanto, fundou e dirigiu o mensário de arte e literatura «Mulheres do Norte» (1925- 1927), fez crítica de teatro no semanário «Pontas de Fogo», participou como actriz em alguns espectáculos de amadores e colaborou no «Diário do Porto». Usou



o pseudónimo de «Ametista» e arvorou a divisa «Alma sempre moça». Como conferencista, empenhou-se sobretudo em honrar a memória de outros poetas como Florbela Espanca, João de Deus ou Cecília Meireles.

Amélia Vilar possuía um temperamento lírico confiante,

optimista, muito comunicativo e mesmo alegre. De facto, os seus versos transmitem sentimentos límpidos, uma beleza serena e transparente. Chegou a ser muito lida e apreciada na Bairrada, sobretudo no tempo da «Plêiade Bairradina», através dos seus livros e das páginas dos jornais da região, pois colaborou nomeadamente nos semanários «Gente Nova» (Oliveira do Bairro, 1919-1920), «O Brado» (Ílhavo) e «Os

Sucessos» editado em Aveiro desde 1899. Algumas das suas obras foram traduzidas para castelhano e galego. Pertenceu à Academia de Bellas Artes y Ciencias Históricas de Toledo e à Real

Academia Gallega. Cantou: «Poesia! / Tu vieste no meu sangue, / Circulas nas minhas veias / Como onda de ternura, / Impetuosa, incontida. / Por isso te sinto e amo / E chamo / Querida!»

Xavier, Bastos

Romancista da geração do neo-realismo português. Nasceu em Amadora do Vouga, Aguiar, a 29 de Outubro de 1907 e morreu a 25 de Março de 1975. O pai, Bastos Xavier, foi jornalista e funcionário público e depois optou por trabalhar na indústria privada. Presidiu à Câmara Municipal de Aguiar (1964-1967), mas no final do mandato foi demitido do cargo por se negar a substituir o regedor de Escolas, conservador, que exercia funções há 22 anos. Colaborou no nº 1 da revista *África* e no *Diário da Manhã*. Havia escrito um artigo sobre a lapso de Fernando Pessoa.

Pertenceu à geração dos Novecentistas, que integrou escritores como Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, Mário de Sá-Carneiro

e outros, no deslizar do neo-realismo. O seu primeiro romance, *Os Caminhos da Vida*, foi publicado em 1934, influenciado pela corrente literária, que ainda estava a surgir.

Em 1935, publicou o romance *Novos Caminhos da Vida* (Lisboa, 1935). Porém, a seguir, Bastos Xavier distanciou-se. Publicou *Amor e Trabalho* (Lisboa, 1937) e saiu do SNL após concluir os estudos literários influenciado por aquele argentino da *Quilbra*, e acentuou a viagem com *O Amor* (Braga, 1964), *Galene no Sabor* (Lisboa, 1970) e *A Zebra* (Braga, 1975).

Nestes seis romances, o autor capta a realidade e a vida nos meios sociais da província.



bibRIA

bib

RIA

Xavier, Bastos

Romancista da geração do neo-realismo coimbrão. Nasceu em Arrancada do Vouga, Águeda, a 29 de Outubro de 1902, e morreu a 25 de Março de 1976. (José de) Bastos Xavier foi empregado comercial, concluiu o curso de Engenharia no Porto, ingressou no funcionalismo público e depois optou por trabalhar na indústria privada. Presidiu à Câmara Municipal de Águeda (1964-1967), mas no final do mandato foi demitido do cargo por se negar a substituir o regedor de Recardães, monárquico, que exercia funções há 22 anos. Colaborou no nº 1 da revista «Aveiro e o seu Distrito» (Junho, 1966) com um artigo sobre a lagoa de Fermentelos.

Pertenceu à geração dos Novos Prosadores, que integrou escritores como Fernando Namora, Vergílio Ferreira, Mário Dionísio

e outros, no dealbar do neo-realismo. O seu primeiro romance, *Cana do Vento* (Coimbra, 1944), foi realmente enquadrado naquela corrente literária,

um tanto ainda como o segundo, *Novos Claustros da Montanha* (Coimbra, 1953). Porém, a seguir, Bastos Xavier distanciou-se. Publicou *Arame Farpado* (Lisboa, 1960) através do SNI, após concorrer aos prémios literários instituídos por aquele organismo da Ditadura, e acentuou a viragem com *O Pátio* (Braga, 1964), *Galope na Sombra* (Lisboa, 1970) e *A Zorra* (Braga, 1975).

Nestes seis romances, o autor capta com muita clareza e verismo os meios sociais da província,



inclusive aguedenses, no seu quotidiano, que por vezes contrapõe a meios citadinos, buscando sempre na inspiração dos valores morais cristãos uma espécie de teleo-

logia. Se outro mérito lhe faltasse, restar-lhe-ia o de ter sabido tratar literariamente as vivências dos ambientes rurais e urbanos de Águeda e das suas envolvências.



Índice remissivo

Abreu, Maria Emília Cancela de: **11**; 38.

Abreu, Paradela de: 172.

Abreu, Virgílio: **11-13**; 52.

Afonso X: 83.

Agostinho, Eduardo: **13-14**.

Agualusa, José Eduardo: 151.

Aguiar, António Augusto de: **14-15**.

Albuquerque, Francisco Caldeira Cid
Leitão Pinto de: *ver* Borralha, Conde
da.

Albuquerque, Luís de: **15**.

Aleixo, António: 19.

Almeida, Fialho de: **16**.

Almeida, Fortunato de: 160.

Almeida, Jessé de: **17**.

Almeida, José de: 46.

Alves, Manuel: 12; **17-19**; 71; 100.

Amaral, Alexandre do: **20-21**.

Amarilis, Orlanda: 64.

Ançã, José Maria: **21-22**; 92; 108; 112.

Ançã, Manuel: 21.

António, Aleixo: **22**.

Antunes, José Freire: 172.

Arroteia, Jorge: 156-157.

Assunção, Angelina da: **23**.

Azevedo, Egídio de: **23**.

Baptista, Maria: **25**.

Barão de Mogofores: *ver* Mogofores,
Barão de.

Barata, António: **25-26**; 55; 119.

Barbosa, Caldas: 30.

Barreto, Henrique: **26-27**.

Barros, Cunha: **27-28**; 68.

Barros, Teresa Leitão de: 68.

Bastos, Rodrigues de: **29-30**.

Bingre, Francisco Joaquim: **30-31**.

Bocage: 30.

Bocage, Madame du: 150.

Boleo, Manuel de Paiva: 160.

Borralha, Conde da: **31**.

Braga, Teófilo: 20; 51; 61.

Branco, Carlos: 173.

Branco, João de Freitas: 72.
 Brito, frei Bernardo de: 144.
 Brito, Nogueira de: 68.
 Branco, Vasco: 65.
Calafate de Setúbal: *ver* Eusébio, António Maria.
 Caldeira, Fernando: 33-35; 37.
 Câmara, D. João da: 34.
 Camelo, Berardo: 167.
 Camões: 137; 156-157.
 Campos, Agostinho de: 97.
 Cardoso, Miguel: 35.
 Carlos, João: 36-38; 97; 112.
 Carnelutti, Francesco: 136.
 Carvalho, Fausto Lopo de: 11; 38-39.
 Carvalho, José Branquinho de: 39.
 Castela, Armando: 40; 97; 138.
 Castela [Alfonso Rodrigues]: 83.
 Castelo Branco, Camilo: 51; 53; 122.
 Castilho, António Feliciano de: 30; 41-44; 45; 61.
 Castilho, José Feliciano de: 41; 45; 47; 119.
 Castro, Augusto Mendes Simões de: 30; 46.
 Castro, Ferreira de: 68.
 Castro, Machado de: 46-47.
 Castro, Raul Ferreira de: 72.
 Cértima, António de: 27; 28; 34; 36; 48-49; 55; 60; 68; 115; 117; 132; 152; 157; 163.
 Chagas, D. Simão das: 50.

Coelho, Albino Pinto: 20; 60; 175.
 Coelho, Alexandre Augusto Pinto: 20.
 Coelho, Jacinto do Prado: 39.
 Coelho, Maria Margarida de Paiva Pinto: 20.
 Columbano: 143.
 Conceição, Alexandre da: 50-51; 112.
 Conde da Borralha: *ver* Borralha, Conde da.
 Condessa de Proença-a-Velha: *ver* Proença-a-Velha, Condessa.
 Correia, Joaquim: 65.
 Corte-Real, Fernão: 52.
 Cortesão, Jaime: 12; 40; 52-54.
 Costa, Afonso: 21.
 Costa, Arlindo: 54.
 Costa, Augusto: 55; 56; 115.
 Costa, Hilário: 55; 56.
 Coutinho, Albano Afonso de Almeida: 56-57.
 Coutinho, Albano: 56; 57-59; 66; 92; 105.
 Cruz, Albano: 59-60; 155.
 Cruz, Chico da: 55; 59; 60.
 Cunha, Elmano da: 61.
Dekobra, Maurice: 20.
 Dinis, Ângelo Ferreira: 45.
 Dionísio, Mário: 181.
Eloy, Mário: 175.
 Enes, António: 103.
 Eusébio, António Maria: 18.

Faria, Bernardete de Castro: **63**.
Ferreira, Manuel: **64-65**.
Ferreira, Vergílio: 181.
Figueiredo, Adão de: 37; 59; **66-68**.
Figueiredo, Áureo de: **68**; 178.
Figueiredo, Cândido de: 22; 160.
Figueiredo, Jerónimo Joaquim de: 45.
Filipe, Manuel: **69**; 153.
Flammarion, Camille: 51.
Fonseca, Branquinho da: 70.
Fonseca, Tomás da: 17; **69-71**; 111.
Fragoso, António de Lima: **71-73**.
Fragoso, Viriato de Sá: 71; **73**.

Gapo, Júlio: **75**; 111.
Garrett, Almeida: 30; 132.
Gay, Delphine: 42.
Girão, Amorim: 160.
Giuste, Alexandre: 47.
Godinho, Abel: **75-76**.
Gomes, João: **76**.
Gomes Júnior, Manuel: **76**.
Gomes, Marques: 123.
Gonçalves, Rebelo: 160.
Gonzaga, Tomás António: 84.
Gorina, Vals: 72.
Graça, José Dias Pereira da: **77**.
Graça, Machado: 141.
Graça, Serafim Gabriel Soares da: **77-78**; 130.
Grave, João: **78**; 112.
Guerra, João Paulo: 151.
Guimarães, Jorge: 174.

Herculano, Alexandre: 42; 61; 150.
Horácio: 150.
Hugo, Vítor: 163.

Jesus, Fernando de: **79**.
Jorge, Leonardo: 72.
Junqueiro, Guerra: 18; 78; 138.
Lacerda, Bernarda Ferreira de: **81**.
Lapa, Joaquim Rodrigues: **81-82**.
Lapa, Manuel Rodrigues: 37; 70; **82-86**; 100; 137; 152.
Larionov, Michel: 35.
Lemos, João de: **87**.

Leónidas, António Rodrigues Pepino:
ver Pepino, Rodrigues.
Lichnowsky, Félix: **87-89**.
Lima, Magalhães: 50; 58.
Lobato, Gervásio: 34.
Lopes, Bento: **90**.

Macedo, Diogo de: 175.
Machado, Diogo Barbosa: 22.
Machado, Manuel: 46.
Madhail, António da Rocha: 38; 115.
Maia, Cipriano: **91**.
Maia, Samuel: 59; **91-93**; 112.
Malhoa: 143.
Marion, Fulgencio: 51.
Marques, Raposo: 124.
Martins, Miguel França: 55; **93-94**; 173.
Mealhada, frei Manuel da: **94**.

Medeiros, Francisco José de: 21.
Melo, Adelino de: **94-96**; 123; 161.
Melo, Albano de: **96**; 97.
Melo, António Homem de (Toy): 96;
97; 98; 130.
Melo, Joaquim Lopes Carreira de: **98**.
Melo, Manuel Pedro de: **98**.
Melo, Pedro Homem de: 97; **98-99**;
131.
Mendonça, Lopes de: 34.
Miranda, Sá de: 20.
Mogofores, Barão de: **99-100**.
Monteiro, Adolfo Casais: 175.
Mora, Manuel: 17.
Moraes, Alves de: 58.
Moreira, José Francisco: 12; **100-101**.
Moura, Frederico de: 38.
Mourão-Ferreira, David: 70.
Munch: 176.

Nação, Ulisses Ferreira: 167.
Namora, Fernando: 109; 181.
Navarro, Emídio: **103-104**.
Navega, Luís: 66; **104-105**.
Negrão, Joaquim Saro: **105**.
Nery, Rui Vieira: 72.
Neto, Celestino: **106**.
Neves, Amaro: 156.
Nobre, António: 97; 138.
Nóbrega, Maria da: **106**.
Nogueira, Heitor Maia: **107**.
Nora, José da Silva: **107**; 108.
Nora, Moisés: 107; **108**.

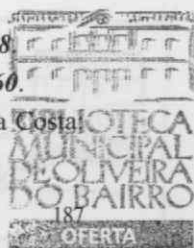
Nunes, Eduardo: 163.
Nunes, J. J.: 83.

Oliveira, Alberto de: 97.
Oliveira, António Correia de: 72; 132.
Oliveira, Carlos de: **109-110**.
Oliveira, Jaime de: 75; **110-111**.
Oliveira, José de: 110; **111-112**.
Oliveira, Lopes de: 18.
Oliveira, Procópio de: 27; 51; 55;
112-113; 115.
Ovídio: 42; 150.

Pato, Albano Rodrigues: 118.
Pato, Manuel dos Santos: 55; **115-116**.
Pato, Manuel dos Santos (médico): 56.
Pato, Mário: **116**; 117.
Pato, Octávio: **117**.
Pedro, António: 175.
Penicheiro, Zé: 65.
Pepino, Rodrigues: **117-118**; 178.
Pereira, Carlos: 13; **118**.
Pereira, José Diogo: **119**.
Peres, Damião: 53.
Pessoa, João Crisóstomo Amorim:
120-121.
Picoto, José Carlos: 72.
Pina, Aníbal S.: 82; **121**.
Pinheiro, frei Jorge: **121**.
Pinho, José Joaquim da Silva: **122**.
Pinto, Álvaro Cerveira: **122-123**.
Pinto, Américo Cortez: 38.

Pinto, Ercília: **123-124**.
 Pinto, Maria Margarida de Oliveira: **125**.
 Pinto, Nicolau: 46.
 Pires, Agostinho: **125**.
 Pires, Augusto: **125-126**; 170.
 Pires, Domingos: **127-128**.
 Poeta Cavador: *ver* Alves, Manuel.
 Portela, Adolfo: 33; **128-131**; 173.
 Porto, Silva: 143.
 Proença-a-Velha, Condessa: 37; **131-133**.
 Proença, Raul: 53.
 Pulido, Garcia: **133**.
 Queiró, Afonso Rodrigues: 67; **135-136**.
 Queirós, Carlos: 175.
 Quental, Antero de: 61.
 Ramos, Denis de: 77; 130.
 Raposo, Hipólito: 145.
 Régio, José: 175.
 Rego, Raul: 70.
 Reis, André dos: 59.
 Reis, Batalha: 34.
 Resende, Rogério Gaspar: **137**.
 Ribeiro, Emanuel: 163.
 Ribeiro, Eugénio: 40; 97; 106; **138**.
 Ribeiro, Tiago: 55; 111.
 Rocha, Elza: 151.
 Rodrigues, José: 126; 137; **138**.
 Ruela, Ernesto: **139**.

Sacramento, Luís: **141**.
 Sacramento, Mário: 65.
 Salazar, Abel: 145; 146.
 Salazar [António Oliveira]: 170; 173.
 Saldanha, Manuel Bento: 138.
 Salema, Álvaro: 39.
 Sampaio, Fausto: **141-143**; 165; 166.
 Santa Rosa, frei Pedro de: **143**.
 Santos, Arménio Gomes dos: **144**.
 Santos, frei Manuel dos: **144**.
 Santos, Rodrigo Rodrigues dos: **145-147**; 170.
 Sardinha, António: 170.
 Schwalbach, Eduardo: 34.
 Seabra, Alexandre de: 96; **147**.
 Seabra, Maria Lincho: **148**.
 Seabra, Visconde de: 100; **148-150**.
 Semedo, Curvo: 30.
 Semedo, Ênio: 156.
 Semedo, Fernando: **150-151**.
 Semedo, Martins: **151**.
 Sequeira, Domingos: 30.
 Severino, Joaquim: 30.
 Shakespeare: 42.
 Silva, Acúrcio Correia da: 34; 48; 59; 60; 69; 117; 119; 148; **152-157**; 167; 173.
 Silva, Inocêncio Francisco da: 46; 98.
 Silva, M. Correia da: **157**.
 Silva, Mário Augusto da: **158**.
 Silveira, Joaquim da: **159-160**.
 Simões, António Augusto da Costa: **160-161**.



Simões, João Gaspar: 78; 175.

Simões, Lucinda: 106.

Siro [Galiza]: 85.

Soares, Adriano S.: 116.

Sintra, Elmano de: **162**.

Soares, Feliciano: **162-163**.

Sucena, Élio: 40.

Tavares, Eduardo: 58.

Távora, D. Fernando Tavares e: 160.

Telles, Arthur: 12.

Teles, Cândido: **165-166**.

Teles, José Pereira: **167**.

Ternas, Feio: 59.

Terra, Ventura: 91.

Torga, Miguel: 82; 137; 175.

Toy: *ver* Melo, António Homem de.

Valdemar, António: 11.

Valdez, José Joaquim d'Ascensão: **169**.

Valente, João Mendes: **169-170**.

Vasconcelos, António Augusto Teixeira de: 58.

Vasconcelos, Carolina Michaëlis de: 20; 83.

Vasconcelos, Joaquim Leite de: 82; 160.

Vasconcelos, M. A. Peres de: 20.

Vasconcelos, Matias de Carvalho e: **170**.

Vasconcelos, Miguel Ribeiro de: **171**.

Vasconcelos, D. Sebastião Leite de: 21.

Vasconcelos, Teixeira de: 30.

Vaz, Rebocho: **171-172**.

Vega, Lope de: 81.

Veiga, Alves da: 58.

Veiga, João Crisóstomo da: **172**.

Veloso, José Maria: **172-173**.

Verde, Cesário: 78.

Verlaine: 72.

Vicente, António: **173-174**; 175.

Vicente, Arlindo: 173; **174-176**.

Vieira, Afonso Lopes: 97.

Vidal, Antonino José Rodrigues: **177**.

Vidal, Artur Nunes: 68; **177-178**.

Vilar, Amélia: **178-179**.

Visconde de Seabra: *ver* Seabra, Visconde de.

Xavier, Bastos: **181**.

Algumas obras do autor:

Som de Origem – Arte d'escrita, Livros Horizonte, Lisboa, 1985.

A Última Aposto, contos, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.

Artistas ao Norte, Porto Editora, 1989.

Júlio Resende – A Arte Como/Vida, Liv.^a Civilização, Porto, 1989 (org. e co-autor).

Letras Bairradinas – Antologia, ed. AJEB, Anadia, 1990.

Estudos Regionais (Sobre a Bairrada), Liv.^a Figueirinhas, Porto, 1993.

O Museu no Sótão, crónicas, pref. Arnaldo Saraiva, Liv.^a Figueirinhas, Porto, 1993.

António de Cértima – Vida, Obra, Inéditos, Liv.^a Figueirinhas, Porto, 1994.

Armanda Passos, Campo das Letras, Porto (org. e co-autor).

O Vírus Entranhado, contos, Campo das Letras, Porto, 1999.

Bustos do Passado, estudos, ed. JFB, Porto, 2000.

Inclinações Pontuais, ensaios, Campo das Letras, Porto, 2000.

Contos para crianças:

Os Segredos do Subterrâneo, Prémio Internacional da Juventude, Editorial Caminho, Lisboa, 1986; 2.^a ed., 1995.

Histórias com Historinha Dentro, ilust. Júlio Resende, Liv.^a Figueirinhas, Lisboa, 1986.

A Roda Que Saiu dos Eixos, ilust. Luísa Brandão, Edições Asa, Porto, 1987; 2.^a ed., 1994.

A Sopa das Nove Letras, ilust. Emerenciano, Porto Editora, 1988 (esg.).

Tenho uma Ideia, ilust. Júlio Resende, Porto Editora, 1989 (esg.).

A Nuvem Cor-de-Rosa, ilust. Júlio Resende, Edições Asa, Porto, 1989; 3.^a ed., 2000.

Colecção Tapete Voador, edição Campo das Letras, Porto:

A Corte na Aldeia, ilust. Armanda Passos, 1996.

O Segredo da Rocha, ilust. Emerenciano, 1996.

A Bandeira Escondida, ilust. Fernando Lanhas, 1998.

O Mistério da Floresta Mágica, ilust. António Modesto, 1999.

A Ilha das Bocas Abertas, ilust. Carlos Carreiro, 2000.

Encontram-se na presente obra artigos biobibliográficos relativos a autores de renome nacional ou apenas regional com incidência reconhecida no panorama cultural da Bairrada desde sempre. São autores literários, poetas populares, jornalistas e colaboradores eméritos de jornais bairradinos, músicos, autores e actores de obras de teatro e architectos.

Trata-se, portanto, de uma obra de leitura e de consulta, organizada na forma habitual de um dicionário de autores.

Deste modo, Figuras das Letras e Artes na Bairrada apresenta-se como fonte informativa em primeira mão, consubstanciando por sinal um "modelo" deveras inovador enquanto livro do seu género.

bibRIA

Figuras das Letras e Artes na Ba
F.L. 82:929 MOT

018983

